



UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS



NARIENE DO NASCIMENTO PEREIRA

“PRANTÁ FEIJÃO”, UM FALAR RURAL NAS VICINAIS DE RORAINÓPOLIS

Boa Vista
2016

NARIENE DO NASCIMENTO PEREIRA

“PRANTÁ FEIJÃO”, UM FALAR RURAL NAS VICINAIS DE RORAINÓPOLIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima, como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Letras, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Maria Odileiz Sousa Cruz.

Área de concentração: **Língua e Cultura Regional.**

Boa Vista
2016

NARIENE DO NASCIMENTO PEREIRA

“PRANTÁ FEIJÃO”, UM FALAR RURAL NAS VICINAIS DE RORAINÓPOLIS

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima, como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Língua e Cultura Regional. Defendida em 24 de maio de 2016 às 10 horas e avaliada pela seguinte banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Maria Odileiz Sousa Cruz - UFRR
(Orientadora e Presidente da Banca)

Prof.^a Dr.^a Alessandra de Sousa Santos - UERR
(Membro Externo)

Prof.^a Dr.^a Adriana Helena de Oliveira Albano - UFRR
(Membro Interno)

Prof. Dr. Manoel Gomes dos Santos - UFRR
(Membro Suplente)

Aos meus queridos pais, Ancelmo Gomes
Pereira e Lucimar Rosa do Nascimento
Pereira essa conquista é tanto minha quanto
de vocês.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus supremo pela força que me concede todos os dias.

Aos colaboradores da pesquisa, que são os moradores das vicinais de Rorainópolis. Em especial a Maria Odileiz Sousa Cruz orientadora, por toda dedicação e paciência em orientar os passos da pesquisa, suas colocações sem dúvidas foram de grande valia.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima que contribuíram na minha formação.

A CAPES pela bolsa de estudos.

A todos os alunos do programa com o qual compartilhamos trocas de saberes.

A minha amiga Alsione de Alencar aos momentos que passamos juntas durante essa jornada.

Ao professor Jairzinho Rabelo por todo incentivo para que eu pudesse concluir essa etapa.

Aos membros da minha família que me apoiaram.

Aos meus pais Ancelmo Gomes Pereira por todo apoio e esforços em me ajudar e acompanhar durante as coletas dos dados nas vicinais e Lucimar Rosa do Nascimento Pereira que sempre me incentivou nos estudos e sempre quis o melhor pra minha vida.

A Josiene e Jakeline Silva pelo espaço físico cedido durante essa temporada.

A cada um de vocês meus irmãos e irmãs pelo apoio financeiro cedido quando eu mais precisei.

É muito melhor lançar-se em busca de conquistas grandiosas, mesmo expondo-se ao fracasso, do que alinhar-se com os pobres de espírito que nem gozam muito nem sofre muito, porque vivem numa penumbra cinzenta, onde não conhecem nem vitória nem derrota.

(Theodore Roosevelt)

RESUMO

Em se tratando de língua portuguesa, todas as variedades do ponto de vista linguístico são efetivamente relevantes no sentido de que não existe língua inferior à outra. Em virtude de o Brasil ser um país em que apresenta uma mistura de povos, diferenças regionais e socioculturais é impossível falar em uma língua homogênea. E nesse cenário que está Rorainópolis, localizada na região sul de Roraima, uma cidade relativamente nova, formada por migrantes que foram incentivados a vir para essa região em virtude de projetos de assentamentos. Com base nessa realidade e pela escassez de trabalhos científicos sobre variações do Português no Norte do país, especialmente da zona rural, nos motivamos para observar a fala dos moradores da daquele município. Dessa forma a nossa pergunta de pesquisa se formatou com o seguinte viés: o falar da zona rural do município de Rorainópolis pode ser reconhecido como característico do norte mesmo que seus moradores sejam oriundos de outros estados do país? A pesquisa tem como principal objetivo contribuir para com os estudos sociolinguísticos do Norte, visto que ainda são poucos os trabalhos sobre a temática nessa região. Acerca da metodologia e aparato teórico a pesquisa segue com o olhar da Sociolinguística cujos métodos favorecem a análise do corpus em formato de entrevistas. As realizações sociolinguísticas que mais se destacam foram as variáveis sociais naturalidade, idade e escolaridade. Quanto às variações linguísticas o destaque ocorre para o nível sintático com o uso do termo a gente como indeterminação do sujeito, a não flexão de número em nomes, quantificadores e verbos. No plano morfológico focamos o uso do gerúndio e apagamento de (r) em posição de coda. A zona rural via de regra fica afastada do setor urbano e é muitas vezes dispersa, todavia, isso não impediu que atestássemos certas ocorrências do falar rural comuns àqueles moradores, ainda que oriundos de diferentes regiões brasileiras. Assim esse repertório é similar à fala de outras áreas rurais do país, contudo, ele pode ser reconhecido também como do português do norte.

Palavras chave: Sociolinguística. Variação Linguística. Falar Rural.

ABSTRACT

In dealing with the Portuguese language, all linguistic varieties are effectively relevant, in the sense that there is no language that is inferior to another. As a result of Brazil being a country in which a mixture of peoples, regional and socio-cultural differences is present, it is not possible to speak of a homogenous language. It is in this scenario that we situate Rorainópolis, located in the southern region of the State of Roraima, a relatively new town, made up of migrants encouraged to come to this region as a result of settlement projects. Based on this reality, and by virtue of the scarcity of scientific work on variations of Portuguese in the North of the country, especially in rural zones, we were motivated to observe the speech of residents of that municipality. As such, our research question was formed along the following line: can the speech in the rural zone of the municipality of Rorainópolis be recognised as a characteristic of the North even though its residents are originally from other states of the country? The principle objective of the research is to contribute to sociolinguistic studies of the North, seeing that few works have yet been done in this thematic area in the region. In relation to the methodology and theoretical framework, the research approaches the issue from a sociolinguistic viewpoint, which methodologically favours analysis of the body in interview format. The most noteworthy sociolinguistic developments encountered were the social variables: origin, age and educational level. With regard to the linguistic variations, the highlight occurs on the syntactic level, with the use of the term a gente (literally people) as an indetermination of the subject, the non flexion of number in nouns, quantifiers and verbs. On the morphological level, we focused on the gerund and the weakening of the (r) in the coda position. The rural zone as a rule is distanced from urban sectors and is on many occasions dispersed; however, this did not prevent us from substantiating certain occurrences of rural speech common to those residents, although they originated from different regions of Brazil. It is therefore assumed that this repertoire is similar to the speech of other rural areas of the country; moreover, it may be recognised also as Portuguese of the North.

Keywords: Sociolinguistics. Linguistic Variation. Rural Speech.

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Divisão de Roraima em municípios - 1995.....	16
Mapa 2 - Município de Rorainópolis - 2007	17

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Naturalidade	53
Gráfico 2 - Idade.....	54
Gráfico 3 - Escolaridade.....	56
Gráfico 4 - Realizações	61
Gráfico 5 - Português rural de Rorainópolis	71

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Características do falar rural	41
Tabela 2 - Uso das formas de gerúndio	44
Tabela 3 - Uso do gerúndio no gênero do falante	44
Tabela 4 - Naturalidade dos informantes e dos pais	50
Tabela 5 - Variáveis Sociais	52
Tabela 6 - Naturalidade	56
Tabela 7 - Idade	57
Tabela 8 - Escolaridade	58
Tabela 9 - Realizações de características do falar rural.....	60
Tabela 10 - Realização de a gente.....	62
Tabela 11 - Uso de gerúndio.....	63
Tabela 12 - Realizações de gerúndio.....	64
Tabela 13 - Os deslizamentos das conjugações “ar” e “er”	65
Tabela 14 - Um “invisível” s no nome	67
Tabela 15 - Ausência de número após quantificadores	69
Tabela 16 - Um “invisível” s no verbo.....	70

LISTA DE SIGLAS

ALIB - Projeto Atlas Linguístico do Brasil

CENSO - Censo da Variação Linguística no Estado do Rio de Janeiro

GELIC - Grupo de Estudos Linguísticos de Língua em Contato

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

NURC - Projeto Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro

PAD/Anauá - Projeto de Assentamento Dirigido Anauá

SEPLAN - Secretaria de Estado do Planejamento e Desenvolvimento de Roraima

SIGET - Sistema de Gestão Estratégica do Território de Roraima

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFRR - Universidade Federal de Roraima

USP - Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I - TRILHANDO O PERCURSO DA INVESTIGAÇÃO	15
1. Apresentação	15
1.1. LOCALIZAÇÃO E CONTEXTO DA PESQUISA.....	15
1.2. TIPO E CARACTERIZAÇÃO DO CORPUS.....	18
1.3. SUJEITOS DA PESQUISA.....	20
1.4. OS PASSOS DA INVESTIGAÇÃO.....	20
CAPÍTULO II - PERCEPÇÕES TEÓRICAS	23
2. Apresentação	23
2.1. ENTENDIMENTOS SOBRE LÍNGUA E SOCIEDADE	23
2.2. E O PAPEL DA LINGUÍSTICA?	25
2.3. BREVE HISTÓRICO DA SOCIOLINGUÍSTICA	28
2.4. PERCEPÇÕES SOBRE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	32
2.5. O FALAR RURAL.....	36
2.6. O REGIONAL QUE FALA NAS DISTINTAS ÁREAS DO PAÍS.....	42
CAPÍTULO III - REPRESENTAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA, UM PERFIL DA ROÇA...	49
3. Apresentação	49
3.1. AS VARIÁVEIS SOCIAIS	49
3.2. HOMENS E MULHERES DO CAMPO	52
3.3. VARIÁVEIS SOCIAIS VERSUS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS.....	55
CAPÍTULO IV - FALAR DA ROÇA	59
4. Apresentação	59
4.1. UM PORTUGUÊS DAS VICINAIS	59
4.1.1. O uso do termo “a gente” indicando indeterminação do sujeito	61
4.1.2. O gerúndio entre forma e flexão.....	63
4.1.3. Apagamento do “r” em posição de coda	65
4.1.4. A flexão de número em nomes.....	66
4.1.5. A flexão de número não realizada após quantificadores	68
4.1.6. A flexão de número em verbo	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
REFERÊNCIAS	75
ANEXOS	81

INTRODUÇÃO

A língua é um sistema suscetível à mudanças e sempre está se realizando de acordo com o contexto e modo de vida dos falantes. Por isso, ela é um objeto histórico-cultural, que varia em decorrência do tempo e do espaço. A variação linguística é o meio pelo qual a língua vai se construindo e se modificando, mas também se conservando, em virtude do seu uso por comunidades falantes que interagem entre si.

No Brasil, como existem diversas culturas, povos distintos, mistura de raças, diferenças regionais e socioculturais, o cenário resulta em um contexto de variação social e linguística singular. Diante disso, é impossível sustentar qualquer argumento sobre a existência de uma homogeneização linguística no âmbito nacional. Por conseguinte, também não é possível desconsiderar a forma como muitos brasileiros falam, pelo simples fato de não assumirem uma norma considerada padrão.

Oportunamente, Cardoso (2012, p. 36) comenta sobre a pluralidade cultural do nosso país e diz que para entendê-lo é necessário percorrer os caminhos da história, desbravar a constituição demográfica do país, encontrar as motivações em que se sedimentam núcleos sociais, ver as bases das diferentes comunidades, traçar enfim o perfil de cada rincão, pois, as raízes dessa pluralidade cultural infiltram-se por muitas veredas e atalhos que se refletem na língua.

Sobre a Sociolinguística Variacionista no Brasil, Cezario e Votre (2008) afirmam que as pesquisas nessa linha começaram a ser desenvolvidas na década de 1970, por meio da atuação dos seguintes grupos de pesquisadores: o grupo do projeto Mobral Central, o grupo do projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro (Nurc) e do projeto Censo da Variação Linguística no Estado do Rio de Janeiro (Censo).

De modo particular podemos citar o trabalho de Razki e Fernandes (2010) Atlas Linguístico do Brasil: A Palatal [ʎ] nos Estados do Amapá e Pará sobre a variação do fonema palatal [ʎ] em sete cidades do estado do Pará e duas do estado do Amapá, localidades que constituem pontos de inquérito do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) - Região Norte onde os resultados apontam o uso quase categórico da variante lateral palatal [ʎ] nas cidades pesquisadas.

Os estudos variacionistas contemplando as realizações de fala do norte do país ainda são tímidos, podemos citar o grupo de pesquisadores da Universidade

Estadual do Amazonas juntamente com os da Universidade Federal de Roraima que se agregam ao grupo de pesquisa GELIC da USP para documentarem o português do norte.

Nesse sentido, partimos para o contexto da nossa pesquisa que foi realizada no município de Rorainópolis, especificamente na área rural, e envolveu 4 vicinais que fazem parte do entorno daquela sede. De acordo com a Secretaria de Estado do Planejamento e Desenvolvimento de Roraima - SEPLAN (2010) Rorainópolis está situada ao Sul do Estado de Roraima, na mesorregião Sul, microrregião Sudeste, limitando-se ao Norte e a Oeste com Caracaraí, ao Sul com o Estado do Amazonas, a Leste com São Luiz do Anauá e São João da Baliza.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2010) a população do município de Rorainópolis é composta de 24.279 habitantes dos quais 10.673 residem na sede municipal e 13.606 residem nos aglomerados e nas propriedades rurais. Nos aglomerados rurais podemos destacar Jundiá, Equador, Nova Colina, Martins Pereira e Santa Maria do Boiaçú, sendo esse último um dos distritos mais antigos do município, fundado em 15 de abril de 1950.

Os dados apontam também que a maior parte da população rural não nasceu em Rorainópolis, mas sim em outros estados, podendo essa população ser configurada como migrante. Por isso, Bethônico *et. al.* (2014, p. 204) afirmam que grande parte da população de Rorainópolis, se constitui de pessoas vindas do nordeste e em sua maioria constituída por maranhenses.

De acordo com Monteiro e Veras (2014, p. 64) no Brasil e em Rorainópolis não é diferente, um dos fatores que exerce maior influência nos fluxos migratórios é o de ordem econômica, que força os indivíduos a se deslocarem de um lugar para o outro em busca de melhores condições de vida e a procura de emprego para suprir suas necessidades básicas de sobrevivência. Pois, conforme Bassegio (2004, p. 57) “a migração, portanto, ao longo da história do Brasil, tem sido um fenômeno compulsório: os migrantes são obrigados a deixar a sua terra em busca de uma vida melhor em outros lugares ou países”.

Frente a este cenário, buscamos responder ao longo do nosso trabalho a seguinte pergunta de pesquisa: o falar da zona rural do município de Rorainópolis pode ser reconhecido como característico do norte mesmo que seus moradores sejam oriundos de outros estados do país?

Com o intuito de responder a questão da pesquisa e contemplarmos o espaço variacionista de Rorainópolis, temos como objetivo maior da pesquisa o de contribuir para com os estudos sociolinguísticos do Norte, visto que ainda são poucos os trabalhos sobre a temática nessa região. Assim, é provável que da interação entre os diversos falares de pessoas oriundas de outros locais juntamente com as que nasceram aqui no estado, tenhamos variações que possam caracterizar um tipo de falar rural desse município.

Nossa abordagem segue o viés teórico da Sociolinguística, por ser uma área do conhecimento que se propõe compreender a formação das variações a partir de seus falantes, identificando algumas das variações linguísticas, de modo particular, presentes nas narrativas cotidianas do homem do campo. Por isso o título *“prantá feijão” uma falar rural nas vicinais de Rorainópolis* tenta expressar parte das produtivas variedades que são realizadas por aqueles falantes.

Do ponto de vista da contribuição social da pesquisa trilhamos pela divulgação dos resultados em eventos científicos, bem como do compartilhamento desses com a Secretaria de Educação do município e do estado. Ao lado disso, é também intuito nosso levar as informações processadas para acesso dos informantes que moram nas vicinais.

A coleta dos dados foi realizada por meio de entrevistas e diário de pesquisa, com homens e mulheres do campo. O teor da conversa foi baseado no âmbito rural a partir de uma pergunta motivadora “o processo de plantio de feijão” uma vez que muitos deles trabalham ou já trabalharam com atividades no campo, além dessa pergunta motivadora oportunamente fomos fazendo outras perguntas no que dizia respeito ao assunto, vide anexo A.

A presente dissertação é composta de quatro capítulos, sendo que o primeiro trata do percurso da investigação, a saber: 1.1. mostramos a localização e o contexto da pesquisa, mapas com indicação geopolítica de onde foi realizado o trabalho; em 1.2. abordamos os tipos e caracterização da pesquisa a partir de autores que defendem estratégias de coleta de dados; em 1.3. estão os sujeitos da pesquisa, seguido de uma definição sobre os informantes e em 1.4. detalhamos os passos empregados nas etapas da pesquisa.

O segundo capítulo trata das percepções teóricas e está subdividido em: 2.1. tratamos sobre o entendimento e conceitos acerca da Língua e Sociedade; 2.2. abordamos o papel da Linguística; 2.3. tratamos sobre um breve histórico da

Sociolinguística; logo após no tópico 2.4. apresentamos uma percepção sobre de Variação Linguística e em 2.5. descrevemos sobre o falar rural e 2.6. o regional que fala de nosso corpus.

O terceiro capítulo traz a representação Sociolinguística, um perfil da roça e está subdividido em: 3.1. as variáveis sociais tais como a naturalidade, idade e grau de escolaridade envolvendo os 13 informantes; 3.2. Homens e mulheres do campo mostrando como se distribui os informantes da pesquisa e 3.3. Variáveis sociais versus variações linguísticas onde apresentamos os resultados das variáveis sociais.

O quarto capítulo trata do falar da roça e é composto de um tópico o 4.1. Um português das vicinais onde apresentamos resultados de outras pesquisas e posteriormente mostramos como se manifesta as realizações nos repertórios de fala dos informantes da nossa pesquisa que são os moradores das vicinais de Rorainópolis.

CAPÍTULO I - TRILHANDO O PERCURSO DA INVESTIGAÇÃO

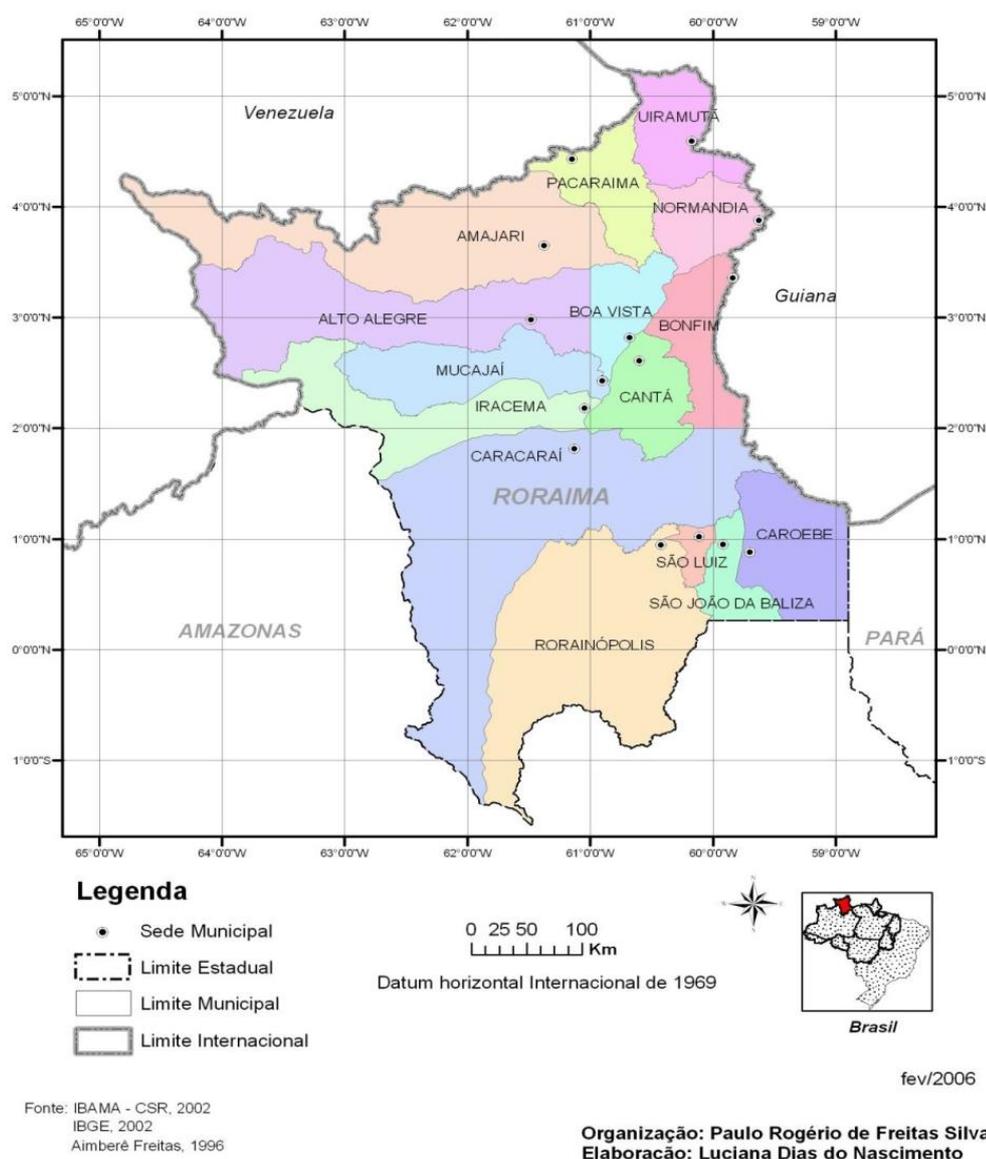
1. Apresentação

Neste capítulo apresentamos os procedimentos metodológicos que utilizamos na dissertação. Dentre eles, estão incluídos os trâmites legais para realização da pesquisa, quais sejam: o parecer do Conselho de Ética (UFRR), o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e autorização gratuita de direitos de entrevista gravada em áudio (anexos B e C). Os passos seguidos atendem à seguinte ordem: na seção (1.1) mostramos a localização e contexto, acompanhados de mapas para situar o leitor geograficamente onde a mesma foi realizada, em (1.2) abordamos os tipos e caracterização da pesquisa embasada em autores que defendem e mostram a importância dessas fases; em (1.3) estão os sujeitos da pesquisa, seguido de uma definição sobre os informantes e em (1.4) detalharemos os passos que foram desenvolvidos na realização da pesquisa. Para todas estas fases tomamos como base referências bibliográficas pertinentes à maturação e organização da mesma.

1.1. LOCALIZAÇÃO E CONTEXTO DA PESQUISA

Foi realizada em vicinais originárias do Projeto de Assentamento Dirigido Anauá (PAD/Anauá), localizadas na área rural da sede de Rorainópolis, tendo a rodovia federal BR-174 como o principal acesso para as vicinais. Para melhor situar o leitor no espaço geográfico, apresentamos o Mapa (01) que consiste na localização de Rorainópolis em relação ao Estado de Roraima e o Estado de Roraima em relação ao restante do Brasil, no Mapa (02) apresentamos Rorainópolis.

Mapa 1 - Divisão de Roraima em municípios - 1995

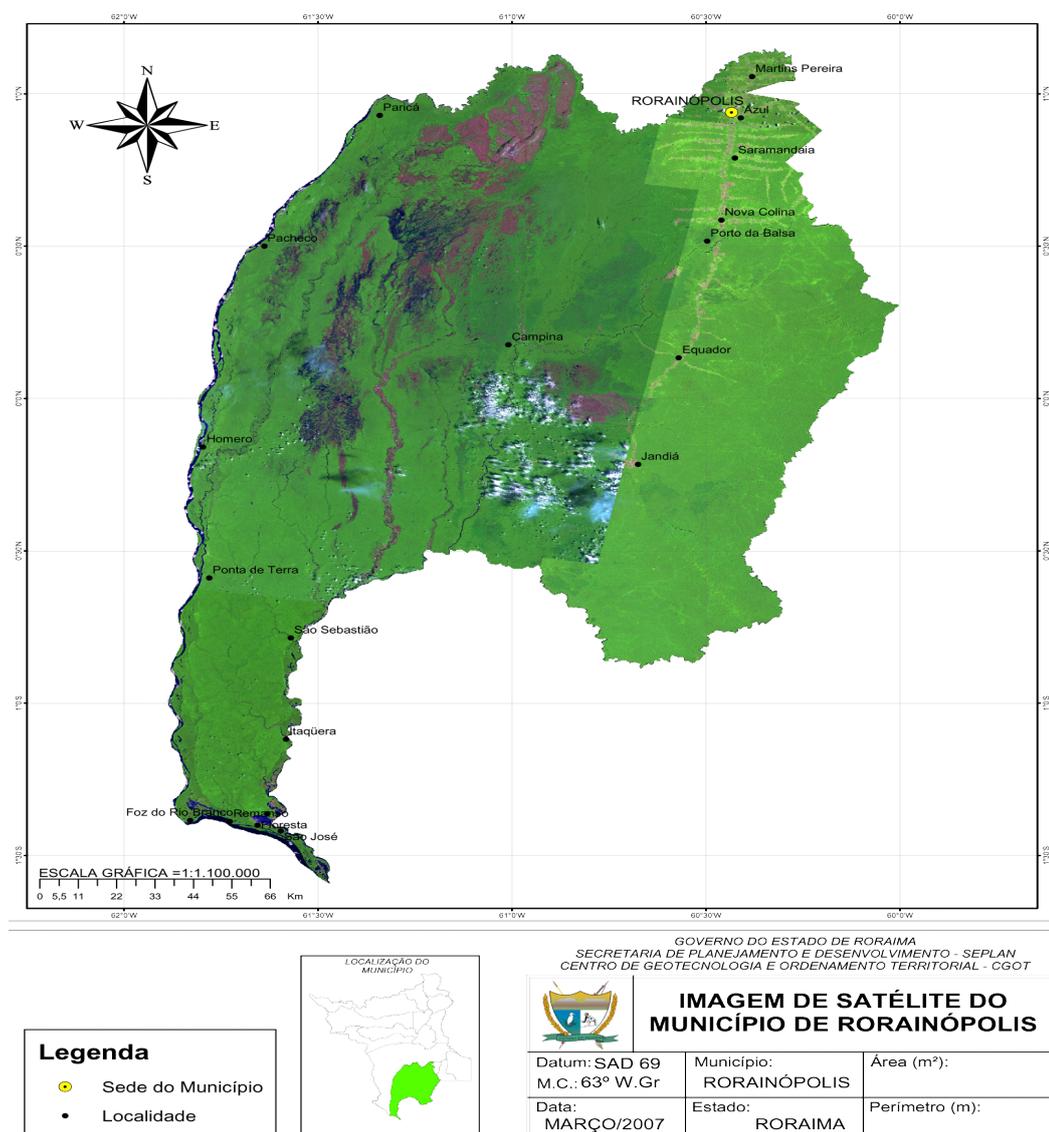


Fonte: Silva, 2007, p. 166.

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2010) o estado de Roraima está localizado da região norte e é o Estado mais setentrional do Brasil, tendo como capital Boa Vista. O Estado faz fronteira com Venezuela, Guiana, Pará e Amazonas e abriga uma população estimada em 496.396 habitantes divididos em 15 municípios.

Para Silva (2007, p. 55) o estado de Roraima é considerado como a última fronteira brasileira, sendo uma área pouco povoada e pouco populosa do norte brasileiro, com uma densidade demográfica de 2,01 hab./km² tendo sido homologado como Estado da Federação Brasileira em 1988.

Mapa 2 - Município de Rorainópolis - 2007



Fonte: Sistema de Gestão Estratégica do Território de Roraima - SIGET

De acordo com o IBGE (2010) o Município de Rorainópolis tem um total de 24.279 habitantes onde 10.673 pessoas residem na sede municipal e os 13.606 restantes residem nos aglomerados e nas áreas rurais, sendo o segundo município maior em população no estado de Roraima.

Sua sede está localizada a 294 km da capital do Estado e seu acesso é feito pela BR-174, que corta o Estado desde Manaus até a fronteira do Brasil com a Venezuela. Com relação à localização é válido salientar que pesquisa foi realizada em viciniais do entorno da sede de Rorainópolis (marcado no mapa com um ponto amarelo) localizadas ao norte do município.

De acordo com a SEPLAN (2010, p. 51) o setor agropecuário do município de Rorainópolis apresenta um importante componente da economia local, tendo como destaque a produção de mandioca, banana, milho e arroz. Na pecuária o destaque vai para o plantel de bovinos, aves e suínos. Para os produtos de origem animal destaca-se a produção de leite, mel e ovos. Também possui relevância produto do extrativismo vegetal, tais como lenha, madeira em tora, lenha e castanha do Pará.

Dessa forma, podemos observar que as principais atividades econômicas do município de Rorainópolis estão relativamente ligadas ao setor rural local e é também onde está situada maior população fora da sede, fator esse que é relevante para a determinação do nossa temática de pesquisa.

1.2. TIPO E CARACTERIZAÇÃO DO CORPUS

Quanto à caracterização da pesquisa, valemo-nos das abordagens sobre os tipos de pesquisa a partir de alguns autores como: Ludke e André (1986), Minayo (2004), Gil (1991), Marconi e Lakatos (2006), Tarallo (2007), Altenhofen (2002), Margotti (2004), Labov (2008) e Guy e Zilles (2007).

Ludke e André (1986, p. 11) descrevem que a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como utensílio para a obtenção de dados e o pesquisador como ferramenta fundamental. [...] a pesquisa qualitativa presume ligação direta e contínua do pesquisador com o ambiente e a situação investigada.

Segundo Minayo (2004, p. 89) a fase exploratória da pesquisa “compreende a etapa de escolha do tópico de investigação, de delimitação do problema, de definição do objeto e dos objetivos e construção do marco teórico conceitual [...]”.

A pesquisa descritiva tem por objetivo apontar as características de uma população, de um fenômeno ou de uma experiência. Esse tipo de pesquisa estabelece relação entre as variáveis no objeto de estudo analisado. Variáveis relacionadas à classificação, medida e/ou quantidade que podem se alterar mediante o processo realizado.

Quando comparada à pesquisa exploratória, a única diferença que podemos detectar é que o assunto já é conhecido e a contribuição é tão somente proporcionar uma nova visão sobre esta realidade já existente.

De acordo com Gil (1991, p. 48) “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Contudo, Marconi e Lakatos (2006, p. 71) nos alertam que “a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque, chegando a conclusões inovadoras”.

Voltado aos aspectos da pesquisa no âmbito da Sociolinguística, Tarallo (2007, p. 23) afirma que “a narrativa de experiência pessoal é a mina de ouro que o pesquisador sociolinguista procura”. O autor sugere que os tópicos abordados nas entrevistas sejam a partir dos conhecimentos particulares dos entrevistados possibilitando melhores resultados ao pesquisador. Por isso, os assuntos que os mesmos conhecem e estão atrelados ao dia-a-dia do informante contribui bastante para que a conversa tenha um teor maior de naturalidade.

A população dessa pesquisa envolveu os moradores de Rorainópolis. A inclusão da área rural levou em conta o aspecto dos pressupostos geolinguísticos descritos também por Altenhofen (2002) e Margotti (2004) no sentido de que no âmbito rural está centrado a fala mais conservadora de uma comunidade de fala, evidenciando assim os aspectos a serem estudados nesse setor.

O intuito do pesquisador é obter uma quantidade de dados a partir das gravações do contexto de fala dos informantes, veiculado por meio das entrevistas segundo relatos da experiência pessoal do informante, a fim de que o mesmo não venha produzir um discurso monitorado e sim um discurso que melhor se adapte à realidade social do mesmo.

A propósito, Tarallo (2007, p. 27) recomenda que o pesquisador não deixe explicitado que a pesquisa objetiva fazer uma análise da língua falada, visto que uma vez feito isso o informante será capaz de bloquear a sua variante de uso, por exemplo, se ficar claro que a pesquisa será sobre o plural das palavras, será mais difícil obter exemplos sem a referida marca morfossintática e assim por diante.

Sobre esses aspectos, Labov (2008, p. 110) discute técnicas sobre as entrevistas tais como a importância de se estender além do contexto programado, para que dessa forma seja possível “capturar a fala cotidiana que o informante usará, o estilo que ele usa para discutir com a mulher, repreender os filhos ou conversar com os amigos”, tendo em vista que a entrevista objetiva verificar como se dá os desdobramentos da fala no contexto pesquisado.

Guy e Zilles (2007) discorrem que uma das melhores formas de garantir que haja correspondência é a praxe de uma amostra aleatória que dê a cada informante ou dado potencial existente na população total, igual probabilidade de serem incluídos na amostra.

1.3. SUJEITOS DA PESQUISA

A pesquisa envolveu 4 vicinais que fazem parte do entorno de Rorainópolis, cuja localização favoreceu a participação dos 13 colaboradores. Dessa mostra 11 são do sexo masculino e 2 do sexo feminino, sendo todos moradores de lotes das vicinais. À faixa etária dos informantes variou entre 16 e 68 anos, com o grau de escolaridade desde não alfabetizado, ao nível superior completo.

Parte desses moradores nasceram no município, no entanto, outros são oriundos de diferentes regiões do país. É importante lembrar que os informantes foram selecionados de forma aleatória e que embora não tivessem nascidos em Roraima, que estivesse no mínimo há 12 anos no contexto das vicinais, pois um tempo de permanência inferior a isso poderia influenciar as realizações de falas dos informantes.

Para justificar o fato da composição dos habitantes das vicinais, Rocha (2013, p. 903) afirma:

Os projetos de assentamentos oficiais instituídos pelo INCRA desenvolveram-se de duas maneiras. De um lado, os Projetos de Assentamento Rápido, tendo como objetivo principal a regularização da imigração espontânea para o Estado e de outro os Projetos de Assentamentos Dirigido que buscavam atender a grande demanda de famílias sem terras oriundas de outras regiões do país.

A mesma autora chama atenção para o fato de que a Vila do INCRA, atual Rorainópolis, era o local de recepção de colonos e migrantes de outros estados do Brasil, destacando a macrorregião nordeste, e é dessa forma que as vicinais se configuram até o presente momento.

1.4. OS PASSOS DA INVESTIGAÇÃO

A partir da emissão do parecer do Conselho de Ética iniciamos os trabalhos para a coleta dos dados *in loco*, por meio de entrevista e diário de pesquisa cujos

dados colhidos foram considerados por vez, como elementos essenciais para o desenvolvimento da pesquisa, pois os mesmos ofereceram subsídios possibilitando assim verificar o que acontece nesse contexto de fala.

Antes da coleta dos dados, conversamos com um agricultor e morador da zona rural nascido no Ceará, mas que mora na zona rural da região desde 1978, sobre o projeto de dissertação que seria desenvolvido na região, e o mesmo colaborou com informações e disponibilizou-se dando apoio no sentido de intermediar ingresso nas vicinais. O fato de a pesquisadora ter morado na área rural até o ano de 2008 também facilitou o acesso aos moradores da zona rural.

Os recursos utilizados para coleta dos dados da pesquisa incluíram um gravador digital e anotações a partir das observações *in locu*. As conversas das situações de fala foram realizadas no âmbito privado na residência de cada morador. O teor da conversa baseava-se no âmbito rural a partir de uma pergunta motivadora sobre como é feito “o processo de plantio de feijão” visto que grande parte deles trabalha ou já trabalhou na roça e, oportunamente, conversas sobre o dia-a-dia na zona rural. Na sequência, foram feitas outras perguntas para complementação, tais como: idade, grau de escolaridade, naturalidade, e tempo de moradia no lote. (Questionário - anexo A).

A partir da explicação da pesquisadora sobre os procedimentos da entrevista ao colaborador da pesquisa e do consentimento do mesmo, foi iniciada a entrevista e ao término foi solicitado assinatura da documentação exigida. Apesar das gravações não terem seguido uma sequência ordenada, acreditamos que a mesma atendeu às expectativas sobre traços inerentes ao falar rural correspondendo assim aos nossos objetivos.

Após a realização das entrevistas, partimos para a outra etapa na qual transcrevemos manuscritamente em blocos separados cada uma das entrevistas em um caderno cujos dados foram organizados separadamente (anexo D). Ressaltamos que os dados analisados na pesquisa fazem parte de uma amostra selecionada a partir do todo. Assim sendo, optamos por selecionar 5 exemplos de cada uma das realizações de forma aleatória, pois por meio destes conseguimos mostrar suficientemente como essas realizações aconteceram. Essas realizações foram distribuídas no campo sintático onde focalizamos a não flexão de número em nomes (quantificadores) e verbos, além do uso do termo a gente como indeterminação do sujeito, no âmbito morfológico focamos o aspecto da não marcação de (r) em

posição de coda, e uso do gerúndio como discussão a ser vista no capítulo 3. Como complemento, encontram-se os anexos (A-D) que também fazem parte dessa pesquisa, lembrando que nem todas as ocorrências de variação foram exauridas na totalidade (anexo D - informantes de 1-13). Mas, em um futuro próximo, elas poderão fomentar uma pesquisa a nível de doutorado.

CAPÍTULO II - PERCEPÇÕES TEÓRICAS

2. Apresentação

As bases teóricas que fundamentam esta pesquisa estão descritas na seguinte ordem: iniciamos com o tópico 2.1 falando sobre entendimentos conceituais acerca de Língua e Sociedade, enquanto em 2.2 abordamos o papel da Linguística; já em 2.3 trazemos um breve histórico da Sociolinguística; logo após no tópico 2.4 apresentamos uma percepção sobre Variação Linguística; seguido de 2.5 onde abordamos o falar rural e em 2.6. mostramos o regional que fala.

2.1. ENTENDIMENTOS SOBRE LÍNGUA E SOCIEDADE

Línguas são sistemas de comunicação que acontecem dentro de uma comunidade, estando a elas interligada e podem ser assimilados por todos de forma semelhante ou não. A língua é importante, pois é através dela que podemos nos comunicar com os demais no meio em que estamos inseridos. De acordo com Terra (1997), a língua é a linguagem que utiliza a palavra como sinal de comunicação, portanto a língua é um aspecto da linguagem, trata-se de um sistema de natureza gramatical pertencente a um grupo de indivíduos formado por um conjunto de sinais (as palavras), e por um conjunto de regras para a combinação destes.

É, portanto, uma instituição social de carácter abstrato, exterior aos indivíduos que a utilizam, e se concretiza através da fala, que é um ato individual de vontade, inteligência e carácter social da língua. Isso é facilmente percebido quando levamos em conta que ela existe antes mesmo de nós nascermos; cada um de nós já encontra a língua formada e em funcionamento, pronta para ser usada e mesmo quando deixamos de existir, a língua subsistirá independentemente de nós, o carácter público da língua é considerado por ser de uso comum do povo.

Nesse sentido, não há como deixar de considerar a língua como um bem público, já que ela é de uso comum dos que dela se utilizam para atos de comunicação e interação dentro da sociedade da qual o indivíduo faz parte. Em outras palavras, língua é um sistema de signos e o seu funcionamento se mantém acerca de certo número de normas. Um código que tem por objetivo estabelecer a

comunicação entre o falante e o ouvinte e um sistema de signos construídos pela associação de imagens auditivas a conceitos determinados.

A língua é uma atividade social e coletiva ao alcance de todos seus falantes, cada vez que eles se propõem a interagirem por meio da fala ou da escrita como insiste Labov. Este tipo teórico-metodológico leva em conta a língua falada, tais como suas variações e variantes linguísticas são as diversas maneiras de se dizer a mesma coisa com mesmo valor de verdade.

Sobre a língua falada, Tarallo (2007, p. 19) descreve que “é o vernáculo: a enunciação e expressão de fatos, proposições, ideias (o que) sem a preocupação de como enunciá-los.” Ou seja, é momento em que o falante não tem preocupação com a forma de enunciar a língua dessa forma esse discurso é a fonte que o pesquisador necessita para a análise na pesquisa sociolinguística.

A propósito, Preti (1982, p. 12) diz que: “é através da língua que o contato com o mundo que nos cerca é permanentemente atualizado”. Essa atualização coloca o sujeito com autoestima e competência para os intercâmbios com o seu meio. A Sociolinguística é uma das linhas de estudos que reconhece e legitima todas as formas de uso da língua, pondo o sujeito ciente das variedades prestigiadas, necessárias para que seja um sujeito linguisticamente contextualizado.

Jean Dubois (apud ABREU, 2009) sobre comunidade linguística:

Chama-se comunidade linguística um grupo de seres humanos que usam a mesma língua ou o mesmo dialeto, num dado momento, e que podem comunicar entre si. A comunidade linguística não é homogênea: compõem-se sempre de um grande número de grupos que tem comportamentos linguísticos diferentes. O conceito de comunidade linguística implica simplesmente que sejam reunidas certas condições específicas de comunicação, preenchidas num dado momento por todos os membros de um grupo e unicamente por eles; o grupo pode ser estável ou instável, permanente ou efêmero, de base social ou geográfica.

A língua é o principal meio de expressão de um grupo social e de sua transformação dentro desse meio. Ela não é homogênea, pois apresenta variações de acordo com os seus usuários, cada uma dessas variantes da língua usada por um grupo apresenta regularidades e peculiaridades comuns.

Para Lucchesi (2006) uma comunidade de fala se define por um sistema comum de avaliação dos usos linguísticos, ou seja, um padrão linguístico ideal que orienta o comportamento de todos os seus membros. Deste modo, a atenção da

Sociolinguística recai sobre a heterogeneidade linguística, assumida como objeto de estudo em determinadas comunidades de fala.

Quando Labov ([1972] 2008, p. 78) fala em heterogeneidade, refere-se à variação, mas está interessado na variação que pode ser sistematicamente explicada. A variação sistemática é um caso de modos alternativos de dizer a mesma coisa, sendo esses modos portadores do mesmo significado referencial.

Vejamos o que nos diz Signorini (2002, p. 76-77):

A língua se relaciona com a sociedade porque é a expressão das necessidades humanas de se congregarem socialmente, de construir e desenvolver o mundo. A língua não é somente a expressão da alma, ou do íntimo, ou do que quer que seja do indivíduo; é acima de tudo, a maneira pela qual a sociedade se expressa como se fosse a sua boca.

A língua é o meio que o homem utiliza para se manifestar nas mais diferentes situações, seja ela no âmbito social, cultural ou qualquer que seja o contexto que esteja atrelado à vida do indivíduo, sobretudo nos grupos sociais contemporâneos. Nesse sentido, ao nos referirmos sobre as variedades de origem geográfica, Preti (1982) relaciona a uma oposição entre linguagem urbana mais próxima da linguagem comum, pela ação decisiva que recebe dos fatores culturais (escola, meios de comunicação em massa e literatura) e linguagem rural mais conservadora e isolada, extinguindo-se gradualmente.

2.2. E O PAPEL DA LINGUÍSTICA?

A Linguística foi inaugurada como ciência no início do século XX, a partir dos estudos de Ferdinand de Saussure na França e da publicação da obra *Cours de Linguistique Générale* (Curso de Linguística Geral), em 1916, escrita pelos ex-alunos de Saussure: Charles Bally, Albert Secheyne e Albert Riedlinger, três anos depois da morte de Saussure. Mas o estudo linguístico de Ferdinand de Saussure deixou espaços a serem preenchidos, pois ele define a língua sob o ângulo social, como objeto central de seu estudo linguístico, em oposição à fala que é considerada individual.

A língua é vista por Saussure como um sistema de regras, um estudo sincrônico, nesse nível a língua é idealizada como um sistema completamente estático, homogêneo e regular, privilegiando o caráter formal e estrutural do fenômeno linguístico (ALKMIM, 2012, p. 25). Esse estudo desenvolvido por

Saussure não dava importância ao falante, e tampouco aos vários modos em que a língua pode se apresentar dentro de um contexto.

Viver em sociedade de forma alguma poderia ser possível sem os sistemas de signos, que possibilitassem a comunicação e o entendimento entre os falantes. A depender da corrente teórica, a Linguística tem por objetivo dar prioridade à língua falada, tal como a forma que ela se revela em determinada época. O homem sempre se dedicou aos estudos da linguagem, no entanto, faltava uma ciência que se dispusesse ao estudo dessa linguagem, mas com o surgimento da linguística esses estudos tomaram um novo rumo.

Para Camacho (2013, p. 25) um dos postulados básicos desenvolvidos preliminarmente em qualquer curso de iniciação à linguística, é o de que nenhuma língua ou variedade é inferior à outra língua ou variedade similar. Este postulado questiona a noção predominante no senso comum, de que seja uma variedade estigmatizada ou destituída de prestígio social é um aglomerado de erros em relação às variedades socioculturalmente prestigiadas ou a norma padrão.

Ainda para o mesmo autor, na linguística, toda língua ou variedade é na realidade um sistema altamente estruturado, mediante o qual é plenamente possível transmitir lógica e coerentemente qualquer conteúdo a respeito da realidade social. Variedades linguísticas são, portanto, diferentes no que concerne aos mecanismos formais disponíveis para a formulação de atos de comunicação verbal, mas ao mesmo tempo, absolutamente iguais no que diz respeito à função comunicativa.

Porém, é importante lembrar que não é qualquer tipo de linguagem que é objeto da linguística. Petter (2011, p. 17) diz ser importante lembrar que a linguística volta seus estudos científicos somente para a linguagem verbal humana, muito embora as outras linguagens, sejam elas verbais ou não, partem de uma premissa importante, são sistemas de signos que têm por finalidade a comunicação com os demais indivíduos que participam de uma mesma sociedade.

É preciso ter claro que ao falar de linguística é saber que:

Os estudos linguísticos não se confundem com o aprendizado de muitas línguas: o linguista deve estar apto a falar “sobre” uma ou mais línguas, conhecer seus princípios de funcionamento, suas semelhanças e diferenças. A linguística não se compara ao estudo tradicional da gramática; ao observar a língua em uso o linguista procura descrever e explicar os fatos: os padrões sonoros, gramaticais e lexicais que estão sendo usados, sem avaliar aquele uso em termos de um outro padrão: moral, estético ou crítico. (PETTER, 2011, p. 17).

A Linguística tem uma tarefa importante a ser cumprida, tem uma preocupação especial em relação aos estudos da língua, além de se envolver com questões que provavelmente não incomodariam um falante qualquer da língua. É pouco provável que um cidadão comum tivesse uma preocupação em estudar a evolução da nossa língua.

O papel incumbido ao linguista é decifrar a língua, considerando a mesma como um objeto de estudo que deve ser verificado pela prática, dentro de seus próprios termos assim como outras ciências, valendo-se da metodologia de análise linguística que focaliza primeiramente, a fala das comunidades pesquisadas e, em um segundo plano a escrita. Além do mais, a Linguística vem retratar o modo como a língua se estabelece genericamente por meio de propriedades de associação e distribuição, que obedecem em partes as tradicionais análises morfosintáticas que geralmente são feitas nas escolas.

A pesquisa linguística desenvolvida no século XIX levou a separar cada vez mais o conhecimento científico da língua da determinação da sua norma. A linguística histórica, estudando em profundidade as transformações da linguagem, mostrou que as mudanças linguísticas frequentemente tem sua origem na fala popular: muitas vezes o errado de uma época passa a ser consagrado como a forma correta da época seguinte. (PETTER, 2011, p. 20).

Dessa forma, não há como considerar certo ou errado o modo como uma pessoa pode falar, em virtudes de que uma língua se transforma a todo o momento. O fato de uma pessoa falar diferente não significa que a mesma esteja errada, mas sim implica que a forma de falar apresenta variações, processos esses muito comuns dentro da língua e que deve ser considerado e respeitado.

Sobre a linguística, Camacho (2013, p. 232) afirma:

Se as línguas naturais humanas consistem em sistemas organizados de forma e conteúdo, seria estranho que a variação não fosse uma das suas propriedades mais marcantes e significativas. Na realidade, a diversidade é uma propriedade funcional e inerente dos sistemas linguísticos e o papel da Sociolinguística (variacionista) é exatamente enfocá-la como objeto de estudo, em suas determinações linguísticas e não linguísticas.

Considerando que uma língua é a forma que melhor descreve o comportamento social de um grupo de indivíduos que tem um mesmo ambiente comum entre si, não podemos deixar de considerá-la como a forma mais eficaz no processo de interação entre a interação grupal.

2.3. BREVE HISTÓRICO DA SOCIOLINGUÍSTICA

O surgimento da Sociolinguística acontece a partir da constatação da fala em sua dimensão de importância para a sociedade. Sua preocupação é observar o fenômeno linguístico em sua abrangência dialetal e variacional, observando como a língua funciona em um contexto de fala e quais os fatores que influenciam para que as mudanças linguísticas ocorram.

De acordo com Alkmim (2012) o termo Sociolinguística relativo a uma área da linguística, fixou-se em 1964 em um congresso organizado por William Bright, na Universidade da Califórnia em Los Angeles. Evento esse que teve a participação de vários estudiosos que serviram como referências nos estudos voltados à questão da relação entre linguagem e sociedade: John Gumperz, Heinar Haugen, William Labov, Dell Hymes, John Fisher, José Pedro Rona.

Desse congresso, resultou a coletânea Sociolinguística onde os linguistas procuravam estudar a diversidade linguística na estrutura social. Eles privilegiam a fala que é estudada por meio de “orientações contextuais”, ou seja, os lexemas que estão inseridos em um cenário a partir do qual se conhece o sentido dos termos e sua aplicação no dia a dia de uma sociedade.

Segundo Paulston e Tucker (apud SALOMÃO, 2011, p. 188), quando a Sociolinguística se tornou popular como um campo de estudo no final dos anos 60 dois nomes foram dados para o estudo da intersecção e interação entre linguagem e sociedade: sociolinguística e sociologia da linguagem. Segundo os autores, a princípio, os termos eram usados como sinônimos, mas após algum tempo uma distinção passou a ser feita.

De modo sintético, explicava-se tal diferença do seguinte modo: enquanto a sociolinguística estaria preocupada principalmente com uma descrição maior e mais ampla da linguagem, tendo em foco o efeito da sociedade sobre a língua (realizada principalmente por linguistas e antropólogos), a sociologia da linguagem enfocaria a explicação e previsão de fenômenos de linguagem no comportamento social, ou seja, o efeito da língua na sociedade (conduzida principalmente por cientistas sociais, assim como por alguns linguistas).

Dentro da Sociolinguística, surgiram duas ramificações a Interacional e a variacionista, a saber: A Interacional, apresentada por Dell Hymes (um dos estudiosos que participou do congresso organizado por William Bright) o qual

segundo Sousa (2005) visava o uso da língua na interação social face a face, em prol de avaliar o modo de agir do falante no momento dessa interação social, dependendo de fatores tais como quem fala, sobre o que se fala, o local da conversa e a circunstância do momento da fala.

Para Karim (2012), os indivíduos nativos de uma comunidade adquirem, de forma sistemática e natural, sua variedade linguística, de modo que essa prática acontece sem que preste atenção à competência comunicativa Sociolinguística para o uso adequado da língua. Os indivíduos não estão conscientes das normas que conduzem o seu comportamento sociolinguístico. A propósito, Hymes ([1967], apud FISHMAN, 1974, p. 30) afirma que os recém-chegados a certas comunidades ou complexos incluindo os pesquisadores de Sociolinguística devem descobrir essas normas mais rapidamente, mais laboriosamente e, portanto, mais conscientemente.

É nesse sentido que sobre a Sociolinguística:

Pondo de maneira simples e direta, podemos dizer que o objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Seu ponto de partida é a *comunidade linguística*, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos. (ALKMIN, 2012, p. 33).

Isso significa que um grupo de falantes se difere porque os seus indivíduos se relacionam orientando-se por canais comunicativos variados, orientando sua fala em um mesmo conjunto de regras atribuídas a ela e não por falar do mesmo jeito que os demais.

Para Milroy (apud RIBEIRO; LACERDA, 2013, p. 93) a configuração das redes sociais de uma sociedade se desenvolve com laços sociais, que se dividem em fortes ou fracos. Segundo Milroy, os fortes são desenvolvidos nas ligações com parentes, vizinhos e amigos, por meio do alto nível de intimidade quando se tem um contato ininterrupto e habitual. Enquanto os fracos são provenientes das mais diversas atividades no âmbito profissional, com menor ocorrência e sem ligações extremas. Nessa perspectiva tais laços permitem distinguir redes de primeira que é formada pela família e amigos e de segunda ordem são pessoas com as quais um indivíduo passa determinado tempo, mas que, no entanto não compartilham com ela certas situações.

Já a linha Variacionista com William Labov foi apresentada com o intuito de analisar os fatores linguísticos em um contexto social levando em conta fatores

como sexo, idade, escolaridade, nível social, dentre outros. Segundo esse estudioso, as características, tanto do falante quanto do ouvinte, podem influenciar no modo como o indivíduo utilizará o repertório na comunicação.

Partindo desses pressupostos teóricos, desenvolvidos pela Sociolinguística de que a língua faz parte da sociedade, William Labov foi quem mais veementemente insistiu na relação entre ambas em seus estudos. Ele pesquisou e publicou o resultado do seu trabalho sobre centralização dos ditongos em 1963, desenvolvido na comunidade da ilha de Martha's Vineyard em Massachusetts, onde o pesquisador atribuiu os fatores sociais como sendo os de maior importância para explicar as mais diversas variações linguísticas presentes no falar daquela região, considerando aspectos como: idade, sexo, ocupação, origem étnica e atitude como desencadeadores do comportamento linguístico manifesto no falar daquela região, mais concretamente, a pronúncia de determinados fones do inglês.

Em 1964, ao término de sua pesquisa sobre a estratificação social do inglês em New York, fixou um modelo de descrição e interpretação do fenômeno linguístico: a Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação, fazendo com que muitos pesquisadores desenvolvessem vários trabalhos nesse âmbito.

A Sociolinguística volta-se para o estudo da língua em uso. Esse estudo qualifica a língua como algo social, que pertence a todos os indivíduos de uma comunidade de fala, idealizando a língua como uma estrutura viva em constante transformação e que se vale de uma diversidade tamanha, dependendo de onde ela é utilizada e qual o contexto que está inserida, constituindo-se heterogênea.

De acordo com Lucchesi (2004, p. 172) “no modelo da Sociolinguística, (...) o que se oferece ao falante não é um sistema homogêneo, unitário e imutável, que se impõe de forma irredutível, mas um sistema heterogêneo sobre o qual o falante atua de acordo com as disposições estruturadas em que a prática linguística se atualiza”.

Em seu texto clássico, Weinreich, Labov e Herzog ([1975], 2006) afirmam que estruturas heterogêneas são partes da competência linguística, ou seja, necessárias para o funcionamento real de qualquer língua e o indivíduo tem capacidade para codificar e decodificar essa heterogeneidade. Assim, para os variacionistas, a variação e a mudança são inerentes às línguas. A variação não é vista como um efeito do acaso, mas como um fenômeno cultural motivado por fatores linguísticos e por extralinguísticos e não é assistemática.

Com relação à Sociolinguística, Camacho (2012, p. 54) estabelece que: o que a Sociolinguística faz é correlacionar as variações existentes na expressão verbal às diferenças de ordem linguística e de ordem social, entendendo cada domínio, o linguístico e o social, como fenômenos estruturados e regulares.

Ainda sobre a Sociolinguística, Salomão (2011, p. 189) afirma que:

(...) desde o nascimento da linguística moderna, com Ferdinand Saussure, diferentes teorias e sistemas de descrições têm sido elaborados buscando delimitar esse campo da ciência de modo restritivo, eliminando de suas preocupações tudo aquilo que não é a estrutura abstrata.

Desse modo, categoricamente, podemos dizer que ela abriu portas para a realização de estudos científicos de acontecimentos linguísticos, que eram deixados à margem até aquele momento nas áreas de estudos em virtude de suas diversidades. Camacho (2013, p. 35), falando sobre a sociolinguística, diz que as últimas três décadas assistiram ao interesse cada vez mais crescente pelo assunto da linguagem em uso no contexto social, mas os diversos enfoques que se abrigaram sob o rótulo da Sociolinguística vêm cobrindo, desde o início, uma grande variedade de assuntos, a saber:

1 - Uma das áreas lida com a interação da linguagem ou situações dialetais com fatores sociais em grande escala, associados à linguagem, como decadência e assimilação de línguas minoritárias, desenvolvimento de bilinguismo em nações socialmente complexas, planejamento linguístico em nações emergentes. Esse enfoque chamado sociologia da linguagem estava ligado a Joshua Fishman e era em seu berço um ramo das ciências sociais.

2 - Etnografia da comunicação interessa-se por descrever e analisar as formas dos “eventos de fala”, especificamente as regras que dirigem a seleção que o falante opera em função da relação que ele contrai com o interlocutor, com o assunto da conversa e outras circunstâncias do processo de comunicação. Esse enfoque está associado a Dell Hymes e hoje ganha novos rumos como análise da conversação e a sociolinguística interacional.

3 - Sociolinguística variacionista, ligada a William Labov, trata do exame da língua no contexto social como solução de problemas próprios da teoria da linguagem. Diferentemente do modo acessório, como Bright enfocava a relação da sociolinguística com outras áreas de investigação, para Labov a relação entre língua e sociedade é indispensável.

É com a perspectiva de estudar a língua em um contexto de fala, que a Sociolinguística Variacionista trabalha, seja focalizando o contexto de interação entre os falantes ou nos fatores sociais, que podem mudar a forma como esses falantes se comportam no momento da fala. É por conta disso que não podemos separar fala de sociedade, pois é nessa interação social entre os falantes que a fala acontece das mais variadas formas possíveis.

A ponte que a Sociolinguística variacionista relacionou entre variação e mudança é de que toda mudança é o resultado de processos de variação, em que formas alternativas competem entre si. Mas nem todo processo de alternância resulta necessariamente em mudança, onde a variação se estabiliza para atuar como índice de diferenças sociais.

Para Salomão (2011, p. 190 -191):

(...) a análise sociolinguística enfoca fundamentalmente o processo de interação fala/sociedade, justificando-se pela necessidade de compreender os fatores que possam influenciar a operação de uma ou de outra variante, na busca de estabelecer uma sistematização ao processo de variação linguística.

Na linha de pesquisa variacionista, as palavras variante, variável e variedade são de suma importância. A palavra variante serve nos estudos da Sociolinguística para remeter aos aspectos que estão sofrendo variação, sendo uma varias maneiras utilizadas ao lado de outra na língua sem que se perceba mudança no significado da mesma. E o agrupamento dessas variantes chama-se variável linguística, assim, o modo, traço ou construção linguística que é o próprio fenômeno variável tomado para ser estudado.

2.4. PERCEPÇÕES SOBRE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Quando falamos de variação linguística, é preciso levar em conta que esse fato sempre ocorreu, desde a formação da nossa língua. Segundo Labov ([1972], 2008) as variações não são aleatórias e se constroem a partir dos fatores que nelas possam interferir Labov, ao considerar a língua um sistema heterogêneo, fazia nascer a Teoria da Variação e da Mudança Linguística, que tem por objetivo estudar a língua em comunidades de fala, observando como o contexto social (sexo, faixa etária, escolaridade e perfil socioeconômico dos falantes) pode interferir e alterar o sistema linguístico de uma determinada comunidade ou região.

Tarallo (2007, p. 63) afirma que “nem tudo o que varia sofre mudança; toda mudança linguística, no entanto pressupõe variação”. Variação, portanto, não implica mudança; mudança, sim implica sempre em variação.

Dessa forma não podemos dizer que a língua é homogênea e que ela é usada igualmente por seus falantes, em virtude de que o uso varia de época para época, de região para região, de classe social, contexto social, idade e escolaridade. Nem individualmente podemos dizer que o uso da língua é homogêneo, já que, dependendo do contexto em que se encontra uma mesma pessoa pode usar diferentes variedades de uma só forma da língua.

Relacionamos sempre a variação linguística à área da Sociolinguística, ciência que procura verificar de que forma os fatores linguísticos ou extralinguísticos estão relacionados ao uso das variantes nos vários níveis da gramática de uma língua seja nos planos fonéticos, morfológico, sintático e lexical.

Na visão de Coseriu (apud ALMEIDA BARONAS, 2007, p. 98-99) a diversidade linguística pode ocorrer mediante diversos fatores e propõem uma classificação para as diferentes formas de variação: diacrônica, diatópica, diastrática e diafásica. Para o autor, quando ocorrem mudanças linguísticas em decorrência do tempo, elas são chamadas de diacrônicas, por exemplo, o pronome “você”, resultante da mudança na expressão “Vossa Mercê”.

Enquanto as variações que são provenientes das características regionais, ou diatópicas, são representadas pelos distintos sotaques, por exemplo: pela diferente pronúncia do “r” em regiões paulistas e regiões nordestinas. Além do mais, as variações diatópicas também se mostram em outros níveis, o lexical, por exemplo, quando os variados nomes existentes para um mesmo objeto ou morfossintático, com a distribuição regional do emprego do pronome “tu” e “você”.

Há também alterações na linguagem resultantes dos diferentes estratos socioculturais denominadas diastráticas, e que podem ser comprovadas com estudos comparativos, por exemplo: entre falantes letrados e não letrados.

E por último as variações diafásicas que segundo Coseriu são as distinções entre os diversos tipos de modalidade expressiva. Para Coseriu “as variedades linguísticas que caracterizam no mesmo estrato social, os grupos ‘biológicos’ (homens, mulheres, crianças, jovens) e os grupos profissionais podem ser consideradas como diafásicas”.

Essa classificação das variedades linguísticas proposta por Coseriu (apud ALMEIDA BARONAS, 2007, p. 98-99) é um estudo de grande interesse para os pesquisadores que se ocupam com o estudo da linguagem, visto que se trata de valioso instrumento para se compreender fenômenos de diversidade linguística.

Para Labov ([1972], 2008) a explicação da mudança linguística envolve três problemas distintos: a origem das variações linguísticas; difusão e propagação das mudanças linguísticas; e a regularidade da mudança linguística. O modelo que subjaz a essa triparticipação requer como ponto de partida a variação em uma ou mais palavras na fala de um ou mais indivíduos e que podem ser introduzidas pelos processos de assimilação ou dissimilação, por analogia, empréstimo, fusão, contaminação, variação aleatória ou quaisquer outros processos em que o sistema linguístico interaja com as características fisiológicas ou psicológicas do indivíduo.

Uma língua viva como qualquer outra requer mudanças, mudanças essas que vão acontecendo aos poucos por meio dos falantes dessa língua. Algumas palavras caem em desuso outras não, outras são modificadas e essas mudanças são constantes. Falamos português hoje por conta das mudanças que ocorreram ao longo do tempo e que foi transformando essa língua que falamos hoje.

Para o mesmo autor são muitos os fatores que podem contribuir para esse processo. O ponto de vista dos estudos Sociolinguísticos é o de que não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística, sem levar em conta a vida social da comunidade. As pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua não de algum ponto remoto no passado, mas como força social imanente agindo no presente vivo.

Ele ainda comenta que se quer dar uma contribuição significativa no que se refere ao funcionamento da língua, o estudo dessa em seu contexto social não pode permanecer no campo da Fonologia. Nota-se que mudanças fonológicas podem alterar a morfologia da língua; mudanças morfológicas podem alterar a sintaxe; mudanças sintáticas, o plano discursivo.

Traçando um paralelo entre variação e mudança a partir de Weinreich; Labov; Herzog ([1975], 2006) estes rompem com a dicotomia sincronia/diacronia de Saussure ([1916], 1995) aproximando-as. “Afinal de contas, para que os sistemas mudem, surge que eles tenham sofrido algum tipo de variação.” (TARALLO, 1994, p. 25). O contexto entre sincronia e diacronia permite que o enfoque não seja o de mudanças abruptas ou etapas estáticas. Pode-se dizer que, “a partir de tais e tais

características estruturais e de tais e tais condições de funcionamento, o sistema, quase que preditivamente, caminhou na direção X e não na direção Y". (TARALLO, 1994, p. 26).

Weinreich, Labov e Herzog ([1975], 2006) afirmam que estruturas heterogêneas são partes da competência linguística, ou seja, necessárias para o funcionamento real de qualquer língua e o indivíduo tem capacidade para codificar e decodificar essa heterogeneidade. Assim, para os variacionistas, a variação e a mudança são inerentes às línguas. A variação não é vista como um efeito do acaso, mas como um fenômeno cultural motivado por fatores linguísticos e por extralinguísticos, e não é assistemática.

A variação linguística é um fato determinado, boa parte das vezes, pelo ambiente em que o falante se encontra, com quem ele fala e sobre o que ele fala, por exemplo, se um informante for discursar em uma reunião em um ambiente que exija uma fala mais formal ele vai se adaptar a esse contexto e ao mesmo tempo se o mesmo informante estiver em outro ambiente que não exija tanta formalidade, por exemplo no âmbito familiar, é muito provável que ele se adapte instantaneamente a esse novo contexto deixando a formalidade de lado. Essa variação é instável, ou seja, não se mantém com uma mesma linearidade, é nesse sentido que:

A variação no comportamento linguístico não exerce em si mesma, uma influência poderosa sobre o desenvolvimento social, nem afeta drasticamente as perspectiva de vida do indivíduo; pelo contrário a forma do comportamento linguístico muda rapidamente à medida que muda a posição social do falante. Essa maleabilidade da língua sustenta sua grande utilidade como um indicador de mudança social. (LABOV, 2008, p. 140).

Ou seja, é a variação que nos permite transitar em meio aos mais variados contextos sociais e faz com que o nosso ouvinte nos compreenda. De acordo com Beline (2011), ainda que um indivíduo utilize variantes, é por meio do contato com outros falantes que ele vai encontrar os limites para a sua variação individual. Como o indivíduo vive inserido numa comunidade de fala, deverá ter semelhanças entre a língua que ele fala em relação à língua dos outros membros da sua comunidade de fala.

Segundo Marroquim (apud CORRÊA, 1980, p. 1) a enorme extensão geográfica em que o português é falado no Brasil dá a cada região peculiaridades e modismos desconhecidos, o que exige uma definição de cada zona do país. Este

fato é, aliás normal quando se trata de grandes territórios contínuos, uma vez que o decorrer do tempo traz fatalmente diferenciações.

Já com as considerações de Camacho (2004, p. 1) nós já tivemos a experiência de estar em um lugar público e ouvir uma conversa em que somos capazes de formar alguma impressão que nos auxilie a identificá-los socialmente, avaliando traços como a origem geográfica e a classe social dos participantes desconhecidos e as circunstâncias da interação em que se acham envolvidos apenas com base na expressão verbal.

O autor exemplifica que se em uma viagem de ônibus, ouvíssemos o vizinho no banco de trás perguntar: Farta muito pra essa lata veia chegá? Logo identificamos uma diferença entre a palavra falta, geralmente pronunciada com “u”, como “fauta” e sua alternativa farta pronunciada com “r”, identificamos também a pronúncia da semivogal “i” no lugar de “lh” da palavra velha, pronunciada veia. Com base nesses traços, suspeitamos de que o falante tem origem rural ou baixa escolaridade, ou está muito à vontade, em uma situação extremamente familiar.

Dessa forma, é possível fazer essas suposições com grau considerável de acerto? A resposta mais natural é porque, por um lado, toda língua varia, isto é, não existe comunidade linguística alguma em que todos falem do mesmo modo e porque, por outro lado, a variação é o reflexo de diferenças sociais, em especial como origem geográfica e classe social, e de circunstâncias da comunicação.

Com efeito, um dos princípios mais evidentes desenvolvidos pela linguística é que a organização estrutural de uma língua (os sons, a gramática, o léxico) não está rigorosamente associada com homogeneidade, pelo contrário, a variação é uma característica inerente das línguas naturais.

2.5. O FALAR RURAL

Os primeiros estudos sobre o falar rural do português brasileiro foi principiado por Amadeu Amaral no ano de 1920 e estava voltado para a documentação dos falares dos paulistas, contribuindo dessa forma com os estudos dos falares rurais por português no Brasil. O falar rural traz alguns traços em sua realização, que remete ao passado, tais como aspectos de sua formação. Assim sendo, também traz consigo traços de outras línguas, de pessoas originárias de

outros países ou regiões, a exemplo como ocorreu no Brasil no processo de colonização.

Elia (1976) expõe que durante o período colonial, a cultura latina-cristã que os descobridores introduziram no Brasil nunca deixou de ser fortalecida com novos contingentes, que vinham unir-se aos mesmos representantes dessa cultura que se constituiu em nossa terra.

Sendo assim, a origem do falar rural no Brasil iniciou-se na época do Brasil Colônia. Camacho (2013, p. 107-108) identifica que o português caipira teria se originado da fusão de falares crioulos de base tupi e africana em certos pontos do território nacional, sobretudo na região da cidade de São Paulo. Para Bourdieu (2004) a noção de região estabelece um vínculo com a cultura, portanto as diferentes classes estão envolvidas em uma luta “propriamente simbólica”. Para impor uma definição ao mundo social de acordo com seus interesses, o poder simbólico pode tanto exercer função dentro dos conflitos diretos da vida cotidiana, social, quanto ocasionar a luta entre os especialistas da produção simbólica.

Nessa região, teria se estabelecido um dialeto crioulo do tipo tupi-quimbundo. Tendo, depois passado por um processo de lusitanização, esse crioulo teria dado origem ao dialeto caipira, cuja área de atuação foi ampliada pelo trabalho das bandeiras e monções, que atingiu o rio São Francisco e depois os sertões nordestinos e esse seria o processo histórico que explica a relativa uniformidade da fala popular rural.

Dessa forma os falares rurais na época do Brasil colônia muito se distanciava da norma padrão portuguesa daquela época uma vez que os africanos que utilizavam essa variante ou viviam na cidade ou vivia no interior onde mantinha contato com outros negros, indígenas, portugueses e mestiços. Nesse sentido, esse falar permaneceu por muito tempo isolado uma vez que:

(...) a influência dos negros e índios não pode jamais ser grande nas cidades. O prestígio capaz de a impor faltou-lhes: não tinham prestígio literário porque sua linguagem não os habilitava a isso, não dispunham de prestígio social, porque a sua linguagem não os habilitava a isso, não dispunham de prestígio social, porque a sua cor , a sua origem a sua situação econômica os ligava (sic) as classes mais humildes da população. (SILVA NETO,1986, p. 597-598).

Na visão de Teyssier (2007) a principal motivação da variação no Português Brasileiro é a diferença social, há para ele mais diferenças entre um homem culto e um vizinho analfabeto que entre dois brasileiros socioculturalmente de duas regiões

distantes. Assim a principal linha divisória do espaço linguístico brasileiro que, em outras nações produziram forte dialeção geográfica, é a que separa os falares urbanos e os falares rurais.

O contexto brasileiro em que residem inúmeros grupos humanos das mais diferentes origens étnicas, geográficas, linguísticas nacionais e culturais, não possui estudos suficientemente voltados ao contexto de como a língua portuguesa se solidificou em terras brasileiras, sendo a única autêntica e oficial, e desconsiderando todas as outras aqui existentes em especial as indígenas e africanas.

Muito embora este cenário esteja mudando, pois encontramos Guimaraes (2005) falando sobre a língua portuguesa, e ele apresenta características do léxico da língua no Brasil trazendo uma variedade de palavras de origem indígenas e africanas a partir de exemplos retirados de Teyssier (1997).

Assim sendo, palavras de origem indígena: capim, cupim, caatinga, curumim, guri, buriti, carnaúba, mandacaru, capivara, curió, sucuri, piranha, urubu, mingau, moqueca, abacaxi, caju, Tijuca, etc., são, em geral, palavras relativas à designação da flora, da fauna, de alimentos, assim como de lugares.

E palavras de origem africana: caçula, cafuné, molambo, moleque; orixá, vatapá, abará, acarajé; banguê; senzala, mocambo, maxixe, samba, são, em geral, palavras que designam elementos do candomblé, da cozinha de influência africana, do universo das plantações de cana, do universo de vida dos escravos, e mesmo outros de aspecto mais geral. Grandes listas de palavras dessas línguas que se incorporaram ao português podem ser encontradas em diversos livros de linguística histórica do português como Silva Neto (1950), Bueno (1946, 1950) e Coutinho (1936).

Sobre os estudos da Sociolinguística Variacionista no Brasil, os pesquisadores voltaram-se mais para entender a variação e a mudança linguística, enquanto poucos estudos visavam compreender o conservadorismo que se mantinha na língua Portuguesa Brasileira. Nesse sentido a teoria de que a língua portuguesa no Brasil pode ter desenvolvido um crioulo a partir do contato entre as línguas africanas e línguas indígenas fica de lado como se esse fato fosse de pouca importância.

Camacho (2013, p. 108) considera que o Brasil dispunha de todas as condições sociais, para a existência de falantes crioulos como os existentes em outras regiões da América. Uma condição favorável a essa hipótese é o fato de 4

milhões de africanos terem sido trazidos pra cá, o equivalente a nada menos de 40% do total de negros escravizados nas nações americanas.

Villalta (2004) expõe que no Brasil o português foi imposto como língua oficial, com a proibição e desprestígio das línguas que não eram de acordo com do código padrão estabelecido pelo Marquês de Pombal que implantou essa imposição da língua portuguesa. Dessa forma, em 1770, o Marquês solicitou aos professores de língua latina, que, ao receberem os alunos, os ensinassem na língua portuguesa, utilizando como base de ensino a *Gramática Portuguesa* direcionada por Antônio José dos Reis Lobato.

Essa variante culta foi um fenômeno de urbanização, pois nas cidades se centravam a elite do saber. [...] Não tardaria que o Rio de Janeiro, primeira capital do Brasil independente, viesse a converter-se no foco de constituição e irradiação desse novo padrão linguístico.

Falavina (2014) traz uma abordagem sobre o dialeto caipira, proveniente do nheengatu que foi por muito tempo visto como um modo de falar inferior, quando comparado à língua portuguesa culta por conta da sua relação intrínseca de origens indígena e pela falta de instrução que o meio rural trouxe ao caboclo. O afastamento do caipira, vivido até a industrialização fomentou a precariedade nas trocas de saberes e de informação e também a alta taxa de analfabetismo, considerando que o caipira sempre esteve associado à pessoa sem nenhum grau de instrução.

Com relação ao conceito de dialeto, Trudgill (apud MANÉ, 2012, p. 4) diz que muitas vezes ele está associado a uma forma rural de língua e geralmente à classe camponesa, trabalhadora ou a outros grupos sem prestígio. No entanto não consideramos esses dialetos como algo sem prestígio, mas sim consideramos que todas as formas de expressão de determinado grupo social fazem parte de uma rica diversidade. Dialeto é também um termo aplicado às formas de língua, particularmente faladas em partes isoladas do mundo, que não têm forma escrita.

Em função da urbanização e dos aspectos a ela associados, a cultura rural passou a ser, gradativamente, desvalorizada. O ideário de que a “civilização” estava nos centros urbanos favoreceu o desprestígio das comunidades rurais, como se percebe até na atualidade. Essa desvalorização e esse desprestígio se refletem na língua, como aponta Labov (2009).

Para Guimarães (2004), pesquisador da diversidade linguística no Brasil, do Instituto de Estudos Linguísticos da Universidade de Campinas (IELUC), no mínimo

sete dialetos principais são falados pelos brasileiros nas várias regiões do país, sendo o amazônico, nordestino, baiano, cuiabano, mineiro, sulista, e fluminense, ou seja, em torno de 20 variações, e em cada uma dessas variações há inúmeras outras formas.

Siqueira e Osório (1999) explanando sobre a definição de rural, apontam que a definição é concomitantemente aceitável e inaceitável à medida que o fato não conhece categorias de qualquer tipo. Somos nós quem a designamos para nortearmos nos diversos caminhos das vivências que precisamos nos inteirar, seja ela por meio de ensinamentos científicos, religiosas ou até mesmo do discernimento comum.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, Alkmim (2012, p. 42) afirma que:

Assim como não existem línguas “inferiores”, não existem variedades linguísticas “inferiores”. (...) as línguas não são homogêneas e a variação observável em todas elas é produto de sua história e do seu presente. Em que se baseiam, então, as avaliações sociais? Podemos afirmar, com toda tranquilidade, que os julgamentos sociais ante a língua - ou melhor as atitudes sociais - se baseiam em critérios não linguísticos: são julgamentos de natureza política e social. Não é casual, portanto, que se julgue “feia” a variedade dos falantes de origem rural, de classe social baixa, com pouca escolaridade, de regiões culturalmente desvalorizadas. Por que se considera “desagradável” o r retroflexo, o chamado r caipira, (...)? Afinal, a mesma articulação retroflexa ocorre em palavras do inglês (...), que ninguém sente como “feia”. Em resumo: julgamos não a fala, mas o falante, e o fazemos em função de sua inserção na estrutura social.

Assim, o que podemos perceber é que boa parte dos julgamentos em relação as mais diversas variações linguísticas são extremamente preconceituosos, uma vez que desconsideram as várias formas de falares, por conta de não seguir normas ditadas por uma gramática considerada padrão. E uma das nossas funções enquanto pesquisadores é trabalhar para que esses falares sejam vistos como uma rica fonte de expressão de traços da origem da nossa língua e não como uma forma desprestigiada.

Com relação a traços do português rural, Elia (1976, p. 157-158) descreve que “o português rural Brasileiro de evidente integração em parte é a representação da conservação, de aspectos antigos do português que arcaizaram na língua padrão”, sendo também um grupo de alterações e simplificações inseridas na língua portuguesa por falantes aloglotas, ou seja, pessoas que aprenderam a língua de oitiva.

Como resultados de pesquisas desenvolvidas anteriormente, a partir dos dados de Ribeiro e Lacerda (2013) ao citar Amaral ([1951], 1982), Nascentes (1953) e Melo (1981) organizamos os dados a seguir a fim de mostrar alguns processos característicos do falar rural brasileiro, nos níveis:

Tabela 1 - Características do falar rural

Fonético	Nasalização do /i/	Igual > ingual; igreja > igreja
	Perda de nasalização da vogal átona final	Virgem > virge
	Síncope	Cócega > cosca
	Inversão do /w/	Tábua > tauba
	Redução dos ditongos	Baixo > baxo; autoridade > otoridade
	Vocalização da palatal /l/	Filha > fia
	<u>Hipercorreção</u>	<u>Alfaiate > arfalhate</u>
	Permuta de /l/ > /r/ e /v/ > /b/	Problema > probrema; verruga > berruga
Apagamento de diferentes segmentos sonoros	Pode > pó; perto > per; como é > cumé; com a > cá; dentro da > denda; para > pa /pra; pra você > procê; etc.	
Morfológico	Flexão de plural apenas em um elemento do sintagma nominal	Os livros > os livro
	Ausência ou pouco uso do subjuntivo	Ame > amá
	Prevalência da desinência de terceira pessoa do singular no uso dos verbos. Exceção: primeira pessoa do singular o que resulta na ausência de concordância verbal.	Eu amo; tu/você > ocê/ cê ama, ele/ei ama, nós ama, voceis/ôceis/ceis ama, eles/eis ama
	Alteração fonética das desinências do pretérito perfeito do indicativo	Foram > foru; andaram > andaru; etc.
Sintático	Emprego dos pronomes retos como acusativo	Ele viu nós na casa; não vi tu lá; etc.

Fonte: Autoria própria com base em Ribeiro e Lacerda (2013).

No nível fonético como descrito na tabela, a redução dos ditongos se apresenta da seguinte forma “baxo” em vez de baixo. Esse cenário remete a nossa pesquisa onde esse mesmo processo se realiza da seguinte forma: “tem pexe” em vez de tem “peixe” (anexo D - Informante 7 - linha 10)

No plano morfológico, como descrito na tabela, a flexão de plural apenas em um elemento do sintagma nominal se apresenta da seguinte forma: “os livro” em vez de “os livros” (Anexo D - Informante 3 - linha 68-69). Esse dado remete a nossa pesquisa como por exemplo na realização: “Eu tenho uns tanque” em vez de “Eu tenho uns tanques”. Dessa forma, podemos perceber semelhanças entre as realizações desse falar rural mesmo que em regiões diferentes.

Mussalim e Bentes (2001) afirmam que muitos são os modelos linguísticos “ato de interagir verbalmente que um falante utiliza a variedade linguística relativa à sua região de origem, classe social, idade, escolaridade, gênero e segundo a situação em que se encontra”. Desse modo, toda língua é adequada ao grupo de falantes que faz o seu uso, funcionando como um sistema pronto que permite à comunidade compreender o espaço em que vive e expressar a cultura do povo que a fala.

2.6. O REGIONAL QUE FALA NAS DISTINTAS ÁREAS DO PAÍS

Mostramos a seguir algumas pesquisas realizadas no âmbito do regional brasileiro que envolvem a Sociolinguística Variacionista, apresentando diversos processos e métodos empregados. Essas pesquisas estão associadas às características que também se manifestam no falar rural da nossa pesquisa.

Santana (2006) desenvolveu um estudo sobre o uso da indeterminação *nós* e *a gente* na posição de sujeito realizado no falar rural de Bananal e de Barra dos Negros, em Rio de Contas no estado da Bahia. A pesquisadora teve por objetivo: explicar a diferente distribuição destas formas utilizando a metodologia Sociolinguística quantitativa a partir de uma amostra de 12 entrevistas do tipo DID (diálogo entre informante e documentador), que faz parte dos *corpora* do projeto à língua portuguesa no semiárido baiano.

Os inquéritos analisados contam com seis participantes do sexo feminino e seis do masculino, com uma distribuição proporcional de duas entrevistas de cada sexo pelas três faixas etárias: faixa 1 (15-35 anos), faixa 2 (36-55 anos) e faixa 3

(55-70). Vários são os recursos utilizados pelo falante para indeterminar o sujeito na língua portuguesa, mas na pesquisa a autora tratou de delimitar a análise aos indeterminadores *nós* e *a gente*. O resultado mostrou um total de 1006 ocorrências, sendo 881 de *a gente* (88%) e 125 de *nós* (13%). Deste total, 560 são usadas pelas mulheres e 446 são usadas pelos homens. Quanto à idade, 364 dados são da faixa 1, 424 da faixa 2 e 218 da faixa 3, identificando ambientes linguísticos e favoráveis ao uso de *a gente*.

A partir dos dados obtidos na pesquisa, foi constatado que a indeterminação pronominal do sujeito expressadas pelas formas *nós* e *a gente*, mostrou-se como um fenômeno sensível a condicionamentos linguísticos e sociais. A variação *nós* e *a gente* também ocorre quando os pronomes são indeterminados em que alguns contextos propiciam a escolha entre ambas as formas.

De acordo com a autora, as realizações gerais no português de Bananal e Barra dos Negros tendem a: 1) a forma *a gente* ocorre quando precedida de outra forma *a gente*. O mesmo acontece com a forma *nós* que se repete no paralelismo discursivo. Entretanto, quando muda o referente, a forma escolhida pelo falante também se altera; 2) a forma indeterminadora *a gente* ocorre com presente do indicativo e com a forma nominal de infinitivo; já a forma *nós* com os tempos do pretérito do indicativo; 3) há uma diferenciação no uso de *nós* e *a gente* em relação a um uso mais genérico ou mais restrito. O falante utiliza a primeira forma indeterminadora quando faz referência a uma indeterminação parcial implícita, enquanto que escolhe *a gente* quando faz referência à indeterminação completa e a indeterminação parcial explícita; 4) as mulheres das faixas 1 e 2 tendem a usar mais o indeterminador *a gente* e os homens, de qualquer faixa, usam mais a forma *nós*; 5) o tipo de verbo mostrou-se relevante apenas para o uso de *nós*.

Dessa forma, em consonância com os dados, a indeterminação expressa pelas formas *nós* e *a gente* está condicionado a determinados ambientes linguísticos e sociais e que há contextos que propiciam a escolha entre um termo e outro ocorrendo assim uma variação linguística.

Martins e Bueno (2011) analisam os desvios linguísticos referentes ao uso do gerúndio no falar dos moradores da região de Dourados e Ponta Porã no estado do Mato Grosso do Sul. Para realização da pesquisa foi necessária uma amostragem com 12 informantes (homens e mulheres), distribuídos em faixas etárias distintas e com grau de escolaridade até o ensino fundamental, a fim de

diagnosticar na fala espontânea, possíveis fatores linguísticos ou sociais, uma vez que a fala espontânea não obedece à risca as normas gramaticais e nos afastamos delas dependendo da situação em que nos encontramos no momento da conversação.

A pesquisa analisou como se dá o uso reduzido do gerúndio. No quesito das variáveis sociais, foi verificado quem tende mais à redução, se são os falantes do sexo masculino ou feminino, se os mais jovens ou os mais velhos; se os não alfabetizados ou os escolarizados e a porcentagem desse uso. A partir dos dados obtidos sobre a redução do gerúndio, na em uma amostragem da fala da comunidade douradense e pontaporaense. Foi considerado que a língua e as variáveis podem ter sofrido influência da cultura, sociedade e ambiente em que o falante está inserido, as autoras chegaram aos seguintes resultados e porcentagens das ocorrências do fenômeno linguístico trabalhado nas entrevistas.

Tabela 2 - Uso das formas de gerúndio

Variável	Totais	Percentuais
ND	48	46,16%
N	56	53,84%
Total	104	100%

Fonte: Autoria própria com base em Martins e Bueno (2011, p. 17).

Esses resultados mostraram que os falantes daquela região tendem a reduzir o gerúndio em seus contextos de fala. A partir dos dados obtidos na pesquisa, as autoras puderam chegar aos seguintes resultados com relação ao gênero.

Tabela 3 - Uso do gerúndio no gênero do falante

Variável	Homens		Mulheres	
ND	41	64,06%	7	17,5%
N	23	35,94%	33	82,5%
Total	64	100%	40	100%

Fonte: Autoria própria com base em Martins e Bueno (2011, p. 17).

A partir dos resultados observamos que os desvios linguísticos ocorreram menos na fala dos homens que na fala das mulheres. Com relação ao fator idade, vimos que os dados estão em conformidade com o embasamento sociolinguística, sobretudo a respeito dos falantes do gênero masculino. O mesmo não ocorre com o gênero feminino, uma vez que o maior índice de redução se deu entre as falantes mais velhas com um percentual de 82,5, contrariando a literatura sociolinguística de que as mulheres tendem a usar a norma padrão. Acreditamos que tal fato justifica-se por ser um fenômeno bastante recorrente no português falado em Dourados e região e que a variação é um fenômeno que ocorre nos mais diversos contextos de uso da língua.

Linares (2008) pesquisou sobre o apagamento do /r/ em final de palavras: um estudo comparativo entre falantes do nível culto e do nível popular foi realizado com fins de investigar o apagamento da consoante /r/ em final de palavras e relacionar esse fenômeno linguístico à posição social, considerando a profissão e o nível de instrução dos informantes em um primeiro momento; posteriormente, dentro de uma mesma casta social estudar quem é mais conservador: o falante do sexo feminino ou o falante do sexo masculino; e, para finalizar as investigações, evidenciam, dentre o corpus levantado, em qual classe morfológica era mais recorrente o apagamento, se na classe dos nomes ou dos verbos.

Quanto aos procedimentos tomados para elaboração da pesquisa de Linares foram utilizados os dados do projeto VARPORT, coletados entre os anos de 1991 e 1998 onde foram analisadas 20 entrevistas, sendo nove de falantes do padrão culto/informal (cinco informantes do sexo feminino e quatro do sexo masculino) e onze do popular/informal (todos do sexo masculino).

Essa pesquisa resultou em 435 ocorrências de /r/ em final de palavras, sendo 234 casos no nível culto e 201 no nível popular. Foi possível observar na pesquisa um alto índice dessa variação, seja no dialeto culto ou popular a variante marcou presença confirmando o argumento da variação linguística e da atividade da língua falada. E um dos fatos que se mostrou relevante foi o das classes sociais: o nível popular dos falantes é mais inovador que o extrato culto indicando que são as classes minoritárias as que tendem a inovar; foi possível constatar que é mais recorrente o apagamento do /r/ em final de verbos do que em nomes no que se refere ao apagamento do /r/ em final de palavra.

Pôrto (2013) em pesquisa qualitativa sobre concordância nominal de número analisou através de programa de televisão brasileira no discurso de participantes de baixa/intermediária e de alta escolaridade que as variáveis se fazem importantes quando as condicionam nas interações linguísticas dos falantes.

Quanto aos procedimentos metodológicos, os informantes foram divididos em dois grupos: um de baixa a intermediária escolaridade, com até 11 anos de estudo e outro de alta escolaridade, com mais de 11 anos de estudo. Em ambos os grupos, os substantivos, na maioria dos casos, não receberam a marca de plural, e os elementos que se encontraram à esquerda do núcleo são mais marcados. Já o numeral desfavorece a marca formal no elemento seguinte, principalmente no grupo de menor escolaridade.

A mesma autora (1988) citando em relação à fala adulta, indica que os numerais tendem a desfavorecer a flexão de plural. Pôrto (2013, p. 172) afirma que a falta da concordância propicia mais marcas no terceiro elemento, caso contrário, corremos o risco de perder a informação de plural. Afirma ainda que substantivos precedidos de elementos sem marca explícita de plural apresentam marcas categóricas positivas.

Pôrto (2013, p. 10-11) mais uma vez observou em suas pesquisas que as variantes de concordância nominal de número no português do Brasil apresentam (dados de fala de indivíduos, de quatro programas da televisão brasileira) as seguintes realizações:

(20) Eu flagrei duas boneca de Barbie.

(21) Vinte ano o menino tem.

(22) Era só nós duas sozinha no Rio de Janeiro.

É relevante ainda observar que havendo um quantificador numérico em qualquer uma das posições pré-nucleares, esse tende a condicionar a não realização de plural no elemento seguinte. Naquela pesquisa, os dados dos participantes de alta escolaridade, a marca de plural depois do numeral é mais recorrente, porém alguns dados também trouxeram exemplos da não realização de concordância no elemento seguinte, por vezes pelo mesmo participante, mostrando que não se trata de uma regra categórica do falante:

(23) Eu acho que antigamente nego falava música sertaneja, era só, nego já imaginava dois caboco com uma viola [...].

(24) Ó tem oito show pra nós tocar essa semana, na sexta-feira nós toca em quatro lugar.

Os resultados confirmam que apesar de muitos dessas características encontrados na variedade popular também estão presentes na variedade culta do português brasileiro.

Oliveira e Lima (2014) ao estudarem a variação de flexão nominal de número, na cidade de Cáceres com um total de 88.897 habitantes, situada acerca de 234 km de Cuiabá, capital do estado de Mato Grosso, objetivou analisar cinco frases retiradas de placas e anúncios públicos. Para os autores a concordância nominal ocorre no gênero (feminino e masculino), em número (singular e plural), entre nomes e pares nominais, tais como: substantivos, adjetivos, artigos, pronomes e palavras que pertençam, na relação semântica, ao universo nominal.

Os autores ao citar Gonçalves (2011), dizem que uma palavra tem marcas de plural quando possui o acréscimo do sufixo -s (ou de suas variantes), não podendo considerar, na norma culta, outras estratégias sintáticas, fonológicas ou morfológicas que possam concorrer com a adjunção do afixo. A partir da pesquisa proposta, os autores obtiveram os exemplos a seguir com base nas regras da Gramática Normativa e posteriormente as realizações do português falado, como estava escrito nas placas e anúncios da cidade de Cáceres.

(1) Português padrão: Espetinhos completos

Português falado: Espetinhos completo - Θ

(2) Português padrão: Cabelereiro dois irmãos

Português falado: Cabelereiro dois irmão - Θ

(3) Português padrão: Móveis usados

Português falado: Móveis usado - Θ

(4) Português padrão: Artigos religiosos

Português falado: Artigos religioso - Θ

(5) Português padrão: Hotel dois vizinhos

Português falado: Hotel dois vizinho - Θ

As cinco frases apresentam ausência de concordância de plural por meio da variante zero com o segundo determinante do sintagma nominal. O símbolo Θ refere-se ao morfe zero, ou seja, há ausência da marca de plural no determinante,

há ausência do “s”. A hipótese provável para esse fenômeno é que seria um processo fonológico de transferências do hábito de falar para a escrita, desconsiderando assim as regras da gramática normativa.

Ribeiro e Lacerda (2013) pesquisando sobre variação, mudança e não mudança linguística: ressignificando o conservadorismo linguístico no português do Brasil, objetivaram ressignificar a compreensão desse conservadorismo no português do Brasil, a partir do pressuposto da Variação e Mudança Linguística e das Redes Sociais (*Social Networks*), buscaram compreender a variação, a mudança e a não mudança, com atenção à manutenção linguística, enfatizando a variação na marcação de número nos sintagmas nominais e verbais. A pesquisa foi realizada com 24 informantes selecionados de modo aleatório, no município de Oliveira Fortes no estado de Minas Gerais. A população do município tem um total de 2.123 habitantes, a pesquisa foi realizada entre os anos de 2011 e 2013.

A partir dos resultados obtidos naquela pesquisa, os autores verificaram que, dentre as 1.407 ocorrências da variável concordância de número, houve predomínio da variante, ausência de marca explícita de número em 89,6% nos sintagmas nominais, o que equivale a 1.261 ocorrências. E das 810 ocorrências da variável concordância de número no sintagma verbal, houve o predomínio da variante ausência com 80,6% nos sintagmas verbais, totalizando 653 ocorrências. Dessa forma a pesquisa permitiu, por meio dos dados e das análises, a confirmação da hipótese de que o município tende ao conservadorismo linguístico no fenômeno da marcação de número nos sintagmas nominais e verbais.

CAPÍTULO III - REPRESENTAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA, UM PERFIL DA ROÇA

3. Apresentação

Este capítulo tem como principal objetivo descrever um perfil sociolinguístico dos colaboradores da pesquisa. Nas vicinais encontramos variáveis sociais que são compartilhadas entre seus falantes as quais podem ser mensuradas e associadas a certos traços linguísticos daqueles moradores. Por isso, em consonância com Labov (2008), a variável independente equivale aos fatores que tem capacidade de interferir na escolha de uma das variantes, tais como: nível de escolaridade, sexo, grupo econômico, classe social, grupo religioso do falante, dentre outras possibilidades.

Para Brandão (1991) acerca das variações “cumpre dizer que elas se mostram de particular importância para que melhor se compreendam os fatores que determinam a conservação de certos traços linguísticos ou a difusão de inovação”. Na verdade, as variações podem estar atreladas a essas variáveis e só podem ser atestadas por meio de pesquisas.

Salomão (2011, p. 191) afirma que o termo variante é utilizado nos estudos de Sociolinguística para designar as formas que estão sofrendo variação, ou seja, uma ou mais formas usadas ao lado de outra na língua sem que se verifique mudança no significado básico. O conjunto das variantes é denominado “variável linguística”, ou seja, a forma, o traço ou construção linguística que é o próprio fenômeno variável tomado como objeto de estudo pelo investigador. E variedade é o termo que corresponde, grosso modo, ao termo dialeto. A mesma autora ao citar Monteiro (2000) diz que a expressão variedade linguística foi criada para evitar as conotações negativas dos termos língua e dialeto. Para ele, a variedade pode ser muito maior do que uma língua ou muito menor do que um dialeto.

3.1. AS VARIÁVEIS SOCIAIS

Neste item estão sendo tratadas as variáveis sociais naturalidade, idade e grau de escolaridade envolvendo os 13 informantes.

Antes, porém, apresentaremos A VARIÁVEL naturalidade dos informantes e de seus pais, com o intuito de associar possíveis variações linguísticas como se mostra na ordem que segue:

Tabela 4 - Naturalidade dos informantes e dos pais

Informante	Naturalidade	Pai	Mãe
4	Maranhão	Maranhão	Maranhão
7	Maranhão	Maranhão	Maranhão
9	Maranhão	Maranhão	Maranhão
10	Maranhão	Maranhão	Maranhão
11	Maranhão	Maranhão	Maranhão
12	Maranhão	Maranhão	Maranhão
13	Maranhão	Maranhão	Maranhão
1	Roraima	Rondônia	Goiás
2	Roraima	Rondônia	Goiás
3	Roraima	Maranhão	Maranhão
5	Roraima	Pará	Pará
6	Roraima	–	Roraima
8	Ceará	Ceará	Ceará

Fonte: Autoria própria com base nos dados da pesquisa

A partir dessa tabela podemos observar como se constitui a naturalidade dos informantes que fizeram parte da referida dissertação. Um dos dados que se destaca sobre a naturalidade dos pais de nossos informantes é o fato de 7 deles serem oriundos do Maranhão (4,7,9,10,11,12,13), ao lado de um roraimense (3) cujos pais são também daquele estado. Sobre os demais informantes nascidos em Roraima eles assim estão distribuídos (1) tem o pai natural de Rondônia e a mãe de Goiás, o informante (5) tem pai e mãe naturais do Pará, enquanto o informante (6) sem identificação do pai mostra a mãe ser natural de Roraima. Por último de origem do Ceará está o informante (8) cujos pais são também daquele estado.

Ao considerarmos a língua falada pelos informantes nesse contexto social, primeiramente levamos em conta o fato de que as formas de suas expressões e respectivas variações possam ser influenciáveis a partir da fala de seus pais. Nesse contexto é possível que a aquisição da língua e das variações ocorram mediante os

pais que estabelecem um vínculo com os filhos por meio da língua, e os filhos tendem a reproduzir parte das variações que eles presenciam diariamente serem proferidas no ambiente familiar.

Milroy (apud RIBEIRO; LACERDA, 2013, p. 93) afirma que a configuração das redes sociais de uma sociedade se desenvolve com laços sociais e que os laços fortes são desenvolvidos nas ligações com parentes, vizinhos e amigos, por meio do alto nível de intimidade quando se tem um contato ininterrupto e habitual.

Vejamos como as realizações do uso de a gente se manifesta nas falas de cada um dos informantes pesquisados em Rorainópolis e cujos pais tem naturalidades diferentes. Vejamos como se realizam esses falares rurais:

Informante 4 - O próprio horário é a gente que faz (8, 9)

Informante 1 - A gente tira ela daqui mesmo (49, 50)

Informante 3 - Aqui a gente tem mais facilidade (2, 3)

Informante 5 - É tranquilo a gente levanta cedo (9)

Informante 6 - Geralmente a gente usa o npk (36)

Informante 8 - A gente vê um carro da chapa branca aí (16)

A língua é o principal meio de expressão de um grupo social e de sua transformação dentro desse meio. Ela não é homogênea, pois apresenta variações de acordo com os seus usuários, cada uma dessas variantes da língua usada por um grupo apresenta regularidades e peculiaridades comuns.

Dessa forma podemos perceber que embora nossos informantes tenham pais de naturalidades diferentes, a forma de se manifestar que os mesmos utilizam nas vicinias de Rorainópolis muito se assemelham, por conta do tempo de permanência em que vivem nesse no local.

Dessa forma esse perfil tem por finalidade mostrar qual a naturalidade dos pais. O nosso objetivo maior será detalhado na análise das variações nos contextos de fala a partir das Variáveis Sociais dos informantes da pesquisa como será apresentado a seguir.

A partir da Tabela 5 temos um panorama completo sobre as principais variáveis que passam a balizar um perfil sociolinguístico dos nossos informantes como se mostra na ordem que segue:

Tabela 5 - Variáveis Sociais

Inform.	Naturalidade	Idade	Escolaridade
4	Maranhão	30	Médio completo
7	Maranhão	53	Fundamental incompleto
9	Maranhão	67	Médio incompleto
10	Maranhão	65	Não alfabetizado
11	Maranhão	57	Fundamental incompleto
12	Maranhão	33	Médio completo
13	Maranhão	68	Médio incompleto
1	Roraima	19	Médio incompleto
2	Roraima	25	Médio completo
3	Roraima	30	Fundamental incompleto
5	Roraima	16	Médio completo
6	Roraima	39	Superior completo
8	Ceará	66	Fundamental incompleto

Fonte: Autoria própria com base nos dados da pesquisa.

Com base nesses dados bordaremos na sequência as variáveis sociais e suas ocorrências quantificadas em percentuais, estando todas elas distribuídas em um único bloco que definem o perfil sociolinguístico do nosso grupo de pesquisa. Lembrando que a variável poder econômico não entra nessa análise porque todos os moradores dessas vicinias vivem à base do salário mínimo.

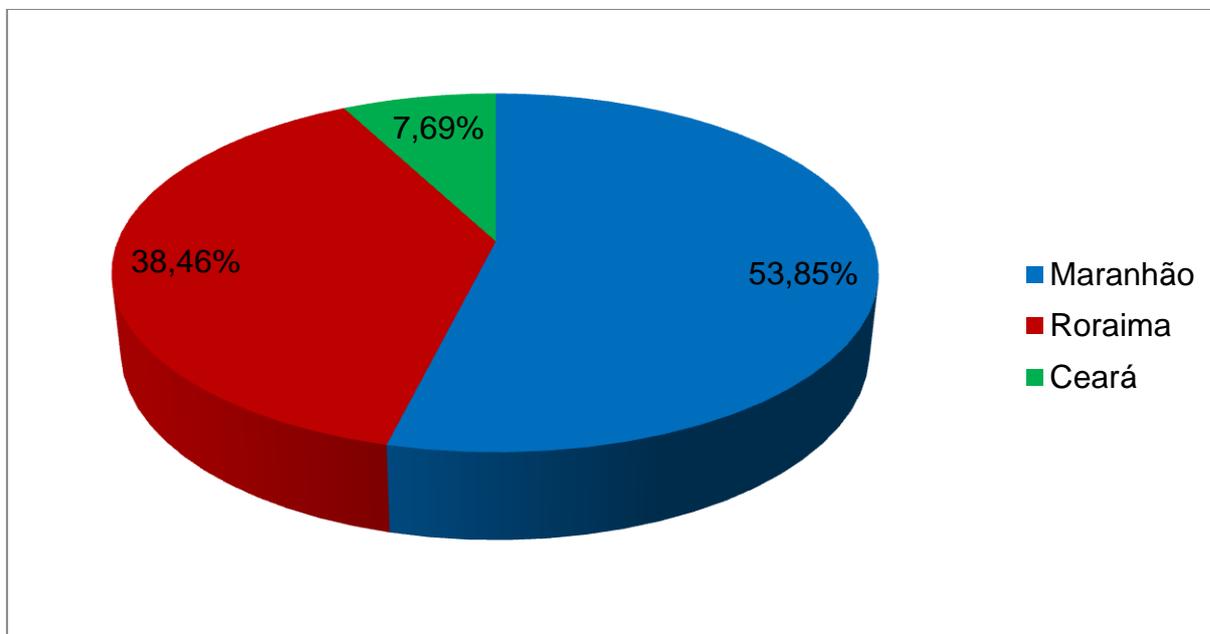
3.2. HOMENS E MULHERES DO CAMPO

Com já foi mencionado anteriormente, o estado de Roraima é um estado relativamente novo e sua população é composta grande parte de pessoas vindas de outros estados, principalmente da região nordeste como descrito por Bethônico *et al.* (2014, p. 204). Portanto, 58% da população de Rorainópolis se constituem de pessoas provenientes do nordeste e, em sua maioria por maranhenses.

Para os mesmos autores no contexto da construção de novas rodovias e humanização da floresta, a Amazônia passou a receber de forma mais intensa, a partir da década de 1960, grupos de migrantes oriundos, em sua maioria do nordeste, atraídos pela borracha e, logo depois pelo garimpo. Assim a variável

naturalidade selecionada pela origem ou local de nascimento mostra o grupo de homens e mulheres do campo com a seguinte representatividade:

Gráfico 1 - Naturalidade

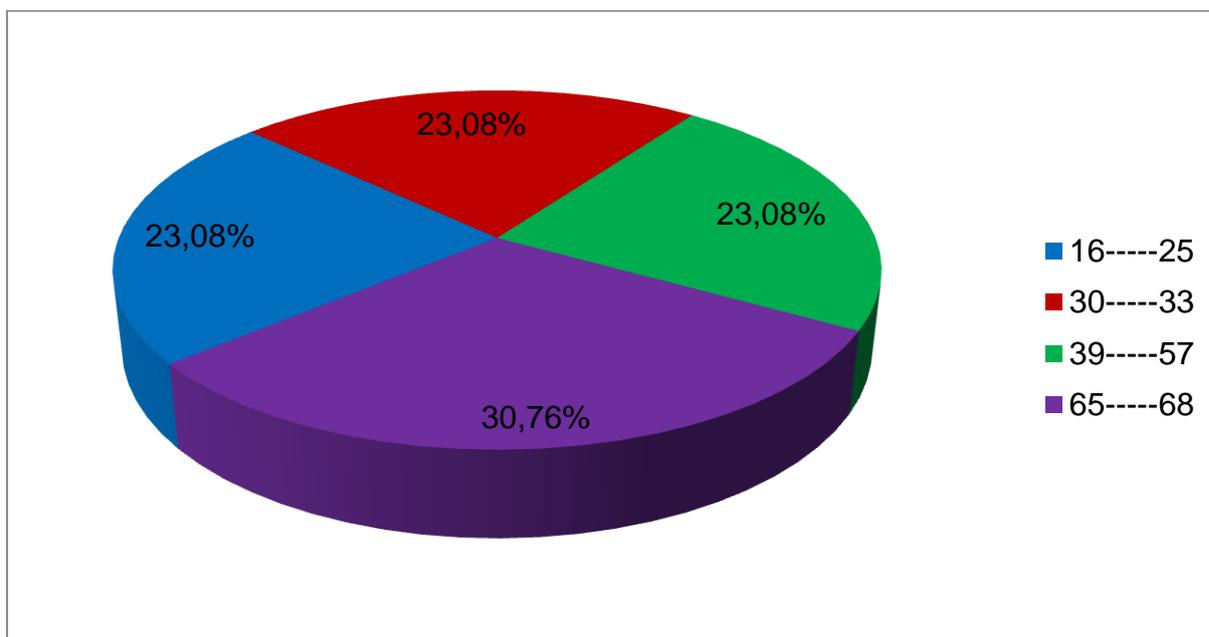


Fonte: Ferramenta - Microsoft Excel.

Os dados acima apontam um total equivalente a 53,85% de pessoas vindas do estado do Maranhão que migraram no mínimo há 12 anos. A segunda categoria corresponde a 38,46% de pessoas que nasceram no estado de Roraima e não necessariamente no município de Rorainópolis. Por último, 7,69% proveniente do estado do Ceará. Isto implicando dizer que naquelas vicinias coabitam pessoas oriundas de diferentes regiões do Nordeste e, ao se alojarem na zona rural compartilham com os demais seus falares.

Para a variável idade, o grupo de informantes inclui dos 16 aos 68 anos e está dividido em 4 subgrupos constituídos de: 1) 16-25 anos; 2) 30-33 anos; 3) 39-57 anos e por último 4) 65-68 anos totalizando 13 informantes. O Gráfico 02 a seguir mostra a idade dos homens e mulheres do campo.

Gráfico 2 - Idade



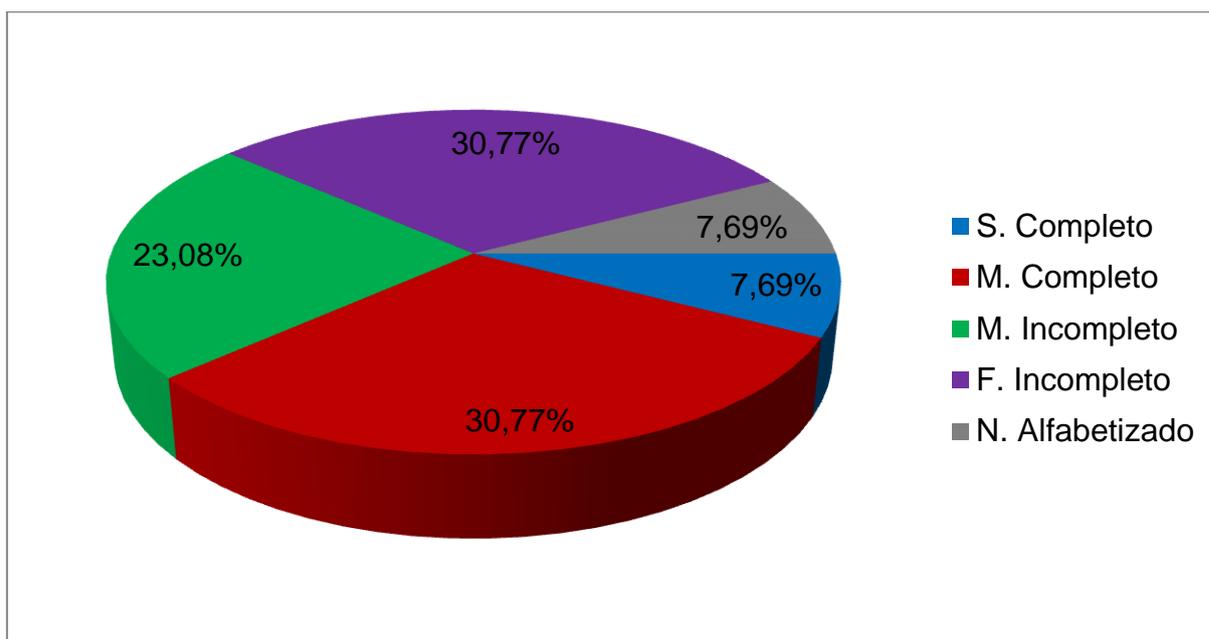
Fonte: Ferramenta - Microsoft Excel.

A variável idade envolvendo nossos informantes se mostra em percentuais atingindo os seguintes quantitativos: do subgrupo entre 16 e 25 anos temos um total de 23,08%; do subgrupo entre 30 e 33 anos a porcentagem de 23,08%; e por coincidência o subgrupo de 39 a 57 anos a porcentagem é também de 23,08%; e no último subgrupo entre 65 e 68 anos temos um total de 30,76% resultado que aponta para uma faixa etária de maior idade, portanto, vetor determinante entre os nossos informantes.

Muito embora a variável sexo, devendo essa figurar no perfil sociolinguístico dos nossos informantes, ela não poderá ser cotejada com os dados linguísticos mediante a discrepância dessa categoria. Reiterando que foram os informantes do sexo masculino os que se mostraram mais interessados em participar da pesquisa visto nesse ambiente de trabalho as atividades da roça estão mais ligadas aos homens.

Vale notar que embora estejamos no mesmo Estado, nos deparamos com um comportamento cultural inverso ao das vicinais, pois, entre os vários grupos indígenas locais, são as mulheres as que mantêm o maior vínculo de plantio e manutenção das roças.

Gráfico 3 - Escolaridade



Fonte: Ferramenta - Microsoft Excel.

Obtivemos os seguintes resultados para a variável grau de escolaridade, iniciando pelo nível superior completo junto ao qual temos um total de 7,69%, já para o nível médio completo um percentual de 30,77%, cujo resultado se aproxima muito dos 23,08% correspondente ao nível médio incompleto; Como categoria mais expressiva temos 30,77% para o nível fundamental incompleto que atinge a realidade da maioria de nosso informantes; e por último a categoria dos não alfabetizados que somam 7,69% dos participantes. Em termos extremos, o nível superior e não alfabetizado atingem os mesmos percentuais.

3.3. VARIÁVEIS SOCIAIS VERSUS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS

Como vimos no capítulo anterior, muitos dos dados quantitativos relacionados às variáveis sociais podem sofrer ou interferir nas realizações das variações linguísticas. Por isso, neste item trazemos os resultados das variáveis sociais para serem confrontadas com parte dos dados linguísticos que ainda serão apresentados de forma mais detalhada no capítulo IV.

A partir da subdivisão naturalidade dos informantes, oriundos dos estados do Maranhão, Roraima e Ceará, organizamos as realizações dos fenômenos linguísticos para que pudéssemos cotejar os dados e verificarmos se há interferência entre essas categorias. Assim obtivemos os seguintes resultados:

Tabela 6 - Naturalidade

Realizações	MA		RR		CE		Total	
A gente	36	49,31%	34	46,58%	3	4,11%	73	100%
Gerúndio	46	63,89%	17	23,61%	9	12,50%	72	100%
Apagamento do “R” em posição de coda	34	59,65%	17	29,82%	6	10,53%	57	100%
Nomes	11	42,31%	12	46,15%	3	11,54%	26	100%
Quantificadores	23	51,11%	17	37,78%	5	11,11%	45	100%
Verbos	13	68,42%	5	26,32%	1	5,26%	19	100%

Fonte: Autoria própria com base nos dados da pesquisa.

Para o uso de a gente, os informantes naturais do Maranhão apresentaram uma porcentagem de 49,31%, Roraima 46,58% e Ceará 4,11%. Para o uso do gerúndio os informantes naturais do Maranhão apresentaram uma porcentagem de 63,89%, Roraima 23,61% e Ceará 12,50%. Para apagamento de “r” os informantes naturais do Maranhão apresentaram uma porcentagem de 59,65%, Roraima 29,82% e Ceará 10,53%. Para o uso de nomes os informantes naturais do Maranhão apresentaram uma porcentagem de 42,31%, Roraima 46,15% e Ceará 11,54%.

Para o uso de quantificadores os informantes naturais do Maranhão apresentaram uma porcentagem de 51,11%, Roraima 37,78% e Ceará 11,11%. Para o uso de verbos os informantes naturais do Maranhão apresentaram uma porcentagem de 68,42%, Roraima 26,32% e Ceará 5,26%.

Como a naturalidade dos informantes apresentou uma discrepância muito grande nos números, inviabilizou de certa forma observar qual naturalidade realiza mais essas características. No entanto, foi possível identificar um dado representativo onde os informantes de Roraima, mesmo que em menor número que os informantes vindos do Maranhão, obteve maiores números de realizações no item nome.

A variável idade nesse contexto serve para verificação se, por exemplo: um jovem falante de 16 anos tende a ser mais flexível quanto ao uso da língua portuguesa em relação a um informante de 68 já que esse último traz um repertório estabilizado. A partir da organização dos dados obtivemos os seguintes resultados:

Tabela 7 - Idade

Características	16-----25		30-----33		39-----57		65-----68		Total	
A gente	28	38,35%	9	12,33%	18	24,66%	18	24,66%	73	100%
Gerúndio	8	11,11%	12	16,67%	26	36,11%	26	36,11%	72	100%
Apagamento do "R"	5	8,77%	15	26,32%	24	42,10%	13	22,81%	57	100%
Nomes	6	23,08%	5	19,23%	8	30,77%	7	26,92%	26	100%
Quantificadores	13	28,89%	7	15,56%	10	22,22%	15	33,33%	45	100%
Verbos	-	-	7	36,84%	6	31,58%	6	31,58%	19	100%

Fonte: Autoria própria com base nos dados da pesquisa.

Em conformidade com a tabela podemos fazer uma comparação entre as realizações a fim de verificar em qual grupo acontecem as maiores porcentagens de realizações. As realizações do termo a gente na faixa etária menor resultou em uma porcentagem equivalente a 38,35% enquanto na faixa etária maior resultou em um total de 24,66%. Para as realizações do gerúndio na faixa etária menor resultou um total de 11,11%, enquanto na faixa etária maior resultou em um total de 36,11%. Para apagamento de "r" a faixa etária menor resultou em 8,77% e para a faixa maior resultou em 22,81%. Para nomes a faixa etária menor resultou em 23,08% e para a faixa maior 26,92. Para quantificadores resultou um total de 28,89% na faixa menor e 33,33% para a faixa maior. Para verbos na faixa menor não houve realizações e na faixa maior houve um total de realizações equivalente a 31,58%.

Dessa forma podemos observar que a característica maior em realização pelo falantes da faixa etária menor foi o uso do a gente. O restante das realizações ocorreram em maior número nas faixas de idade maiores confirmando a hipótese de que os falantes que possuem maior idade tendem a manter um padrão mais conservador na fala rural.

A variável escolaridade possibilita verificar se o fato de um informante que tem o ensino superior e um informante que não foi alfabetizado, mas que vivem no mesmo local: nesse caso o âmbito rural utiliza-se desse recurso o grau de instrução. A partir da organização dos dados obtivemos os seguintes resultados:

Tabela 8 - Escolaridade

Características	S. comp.		M. comp.		M. incom.		F. incom.		N. alfa.		Total	
A gente	1	1,37%	25	34,25%	20	27,39%	25	34,25%	2	2,74%	73	100%
Gerúndio	7	9,72%	13	18,06%	14	19,44%	30	41,67%	8	11,11%	72	100%
Apagamento do "R"	10	17,54%	16	28,07%	5	8,77%	22	38,60%	4	7,02%	57	100%
Nomes	4	15,38%	8	30,77%	4	15,38%	9	34,62%	1	3,85%	26	100%
Quantificadores	3	6,67%	14	31,11%	14	31,11%	13	28,89%	1	2,22%	45	100%
Verbos	1	5,26%	4	21,05%	6	31,58%	8	42,11%	0	0	19	100%

Fonte: Autoria própria com base nos dados da pesquisa.

A realização do termo a gente no grau de escolaridade maior resultou em uma porcentagem equivalente a 1,37% enquanto no grau de escolaridade não alfabetizado resultou em 2,74%. Para realizações de gerúndio o grau de escolaridade maior resultou em 9,72% e no menor 11,11%. Para apagamento de "r" o grau de escolaridade maior resultou em 17,54% e para o menor 7,02%. Para nomes o grau de escolaridade maior resultou em 15,38% e no menor resultou em 3,85%. Para quantificadores o grau de escolaridade maior resultou em 6,67% e para o menor resultou em 2,22%. Para os verbos o grau de escolaridade maior obteve uma porcentagem de 5,26% e para o menor não houve realizações.

A variável escolaridade não é determinante na diferenciação do falar rural, pois, letrados e não letrados usam as mesmas variáveis do português brasileiro. No entanto, observou-se que o informante com maior grau de escolaridade, nas 4 últimas características da tabela apresentou maiores números de realizações do que o informante não alfabetizado.

CAPÍTULO IV - FALAR DA ROÇA

4. Apresentação

Este capítulo tem como principal objetivo apresentar o falar da roça e é composto de um tópico o 4.1 “Um português das vicinais” onde primeiramente trazemos dados de pesquisas realizadas em outras regiões do Brasil, para na sequência mostrar como se realizam os mesmos fenômenos no contexto de fala dos moradores das vicinais de Rorainópolis.

Nesse sentido, buscamos compreender a formação das variações a partir de falantes da área rural do município, identificando algumas das variações linguísticas presentes nas narrativas do cotidiano de homens e mulheres do campo, possibilitando um contato com essas características específicas e contribuindo para o registro do português brasileiro a partir das variantes dialetais do norte.

Como descrito no capítulo II, a língua é importante, pois é por meio dela que podemos nos comunicar com as demais pessoas no meio em que estamos inseridos. De acordo com Terra (1997) a língua, através da linguagem, utiliza a palavra como sinal de comunicação, portanto, trata-se de um sistema de natureza gramatical pertencente a um grupo de indivíduos formado por um conjunto de sinais (as palavras), e por um conjunto de regras para a combinação destes.

Estudar o falar rural de Rorainópolis nessa perspectiva implica em analisar como ocorrem tais características em meio ao uso no setor rural. Levando em consideração os vários fenômenos que já foram estudados nas mais diversas regiões do país, optamos por um recorte desse falar.

4.1. UM PORTUGUÊS DAS VICINAIS

As análises que fizemos nas realizações do falar rural dos informantes em Rorainópolis abrange o âmbito da sintaxe e morfologia.

(a) no nível sintático focalizamos o uso do termo a gente como indeterminação do sujeito, a não flexão de número em nomes, quantificadores e verbos. Onde as realizações do termo a gente se realiza da seguinte forma: “a gente tira a muda dela daqui mesmo”, enquanto a não flexão nos nomes se realiza da

seguinte forma: “eu tenho uns tanque”, após quantificadores, a flexão de número se manifesta da seguinte forma: “setenta e cinco dia”, e no verbo: “nós somos daqui”.

(b) no plano morfológico focamos o uso do gerúndio e no apagamento de (r) em posição de coda. Tomamos por exemplo no gerúndio: “tava preparano a área” e no apagamento de “r” se apresenta da seguinte forma: “já num tem mais onde queimá”. Nesse sentido, trazemos uma tabela para melhor visualização do leitor como se distribui as realizações.

Tabela 9 - Realizações de características do falar rural

Realizações	Total	Média	% das características
A gente	73	5,61	25%
Gerúndio	72	5,54	24,66%
Apagamento do “r” em posição de coda	57	4,38	19,52%
Nomes	26	2	8,90%
Quantificadores	45	3,46	15,41%
Verbos	19	1,46	6,51
Total	292	-	100%

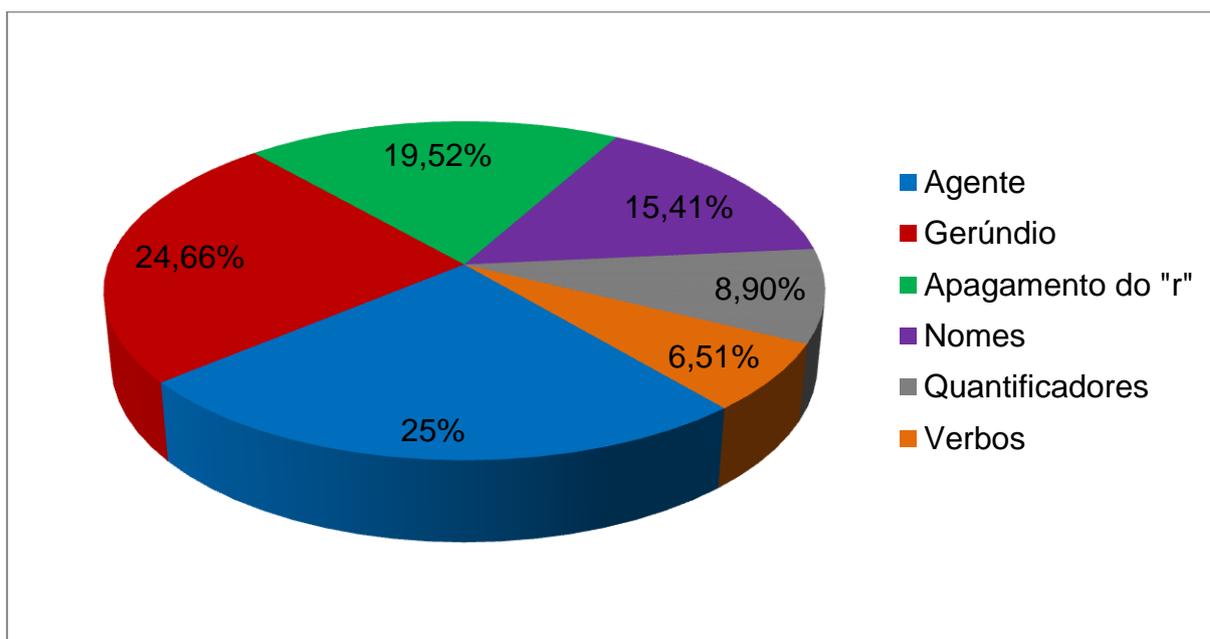
Fonte: Autoria própria com base nos dados da pesquisa.

Nessa perspectiva, com base nas características do falar rural acima descritas, a tabela vem mostrar o total de realização das características do falar rural dos 13 informantes a partir de um recorte, mostrando também a média dessas realizações por pessoa; em seguida a porcentagem de cada um dos fenômenos pelo total de realizações dos informantes.

O primeiro exemplo da tabela 9 traz o termo “a gente”, indica que do total de 13 informantes tivemos uma ocorrência de 73 vezes, onde a média nos indica que cada informante realizou 5,61 vezes o termo, e a porcentagem equivalente a 25% da soma total de 292 ocorrências.

A partir dos resultados obtidos, no quadro acima mostrado, apresentamos um gráfico com a porcentagem das realizações.

Gráfico 04 - Realizações



Fonte: Ferramenta - Microsoft Excel.

Dessa forma, a partir da tabela e do gráfico, podemos observar que os fenômenos que obtiveram maior número de ocorrências nesse falar rural foram, respectivamente, os aspectos do termo agente, gerúndio, apagamento de “r”, quantificadores, nomes, e verbos. A partir desses resultados nos aprofundaremos a seguir, em cada uma dessas características peculiares ao falar rural com bases em outras pesquisas desenvolvidas em outras regiões do Brasil.

4.1.1. O uso do termo “a gente” indicando indeterminação do sujeito

De acordo com Santana (2006), comparando as prescrições da Gramática Normativa e o uso do sujeito indeterminado em diferentes modalidades da língua portuguesa, tanto oral quanto escrita, tanto popular quanto culta, podemos constatar que há uma grande diferença entre o que estas gramáticas prescrevem e o que realmente ocorre na fala do português brasileiro. A maioria das Gramáticas Normativas ignoram outros tantos tipos de variações que vigoram e fluem na língua.

A abordagem feita por essa gramática não leva em consideração o português falado e, conseqüentemente, não observa as transformações pelas quais o português tem passado. Os resultados obtidos junto à pesquisa foi constituída de uma amostra de 12 entrevistas do tipo DID (diálogo entre informante e

documentador) recolhidas nas comunidades gêmeas de Bananal e Barra dos Negros, localizadas na zona rural do município de Rio de Contas, na Bahia, que faz parte dos corpora do projeto “A Língua Portuguesa no semi-árido Baiano”. Vejamos como se apresentam as realizações:

a) Às vezes... as vez a gente alembra d’uma... a gente alembra de muitas coisa, mas esquece tombem, né?

No que diz respeito a essa pesquisa, houve um total de 1006 ocorrências, sendo 881 de agente, o equivalente a uma porcentagem de 88%. Quanto a variável de gênero nesse contexto apresentou um total de 560 que são utilizadas por mulheres e 446 por homens. Dessa forma as mulheres se utilizam mais dessa realização no seu contexto de fala.

Retomando ao contexto de nossa pesquisa com base nos dados obtidos, apresentaremos uma tabela mostrando o número de cada informante de acordo com a tabela 4 das variáveis sociais juntamente com o número da linha da realização para que seja possível a sua localização (anexo D) e em seguida mostramos como se apresenta as realizações de fala em Rorainópolis e por último mostramos a realização de acordo com a norma padrão. Sobre essa norma, Faraco (2008, p. 37) descreve-a como “o conjunto de fenômenos linguísticos que ocorrem habitualmente no uso dos falantes letrados em situações mais monitoradas de fala e escrita”, a partir dessa afirmação podemos constatar que em todos os grupos de falas há sempre regras que as norteiam, mas que, no entanto nem sempre os falantes estão em acordo com essas regras. Vejamos como elas se realizam no falar rural de Rorainópolis:

Tabela 10 - Realização de a gente

Informante	Realização	Norma padrão
1 - lin. 49-50	<u>A gente</u> tira a muda dela daqui mesmo	Nós tiramos a muda dela daqui mesmo
2 - lin.19-20	As primeira <u>a gente</u> faiz com a urea	As primeiras nós fazemos com a uréia
3 - lin. 2-3	Aqui <u>a gente</u> tem mais facilidade	Aqui nós temos mais facilidade.
5 - lin. 1	É tranquilo <u>a gente</u> levanta cedo	É tranquilo nós levantamos cedo.
13 - lin. 2-3	Aqui <u>a gente</u> tá perto da cidade	Aqui nós estamos perto da cidade.

Fonte: Autoria própria com base nos dados da pesquisa.

A partir das realizações acima encontradas nas falas de homens e mulheres do campo de Rorainópolis, foi possível observar que há uma tendência por utilizar o termo a gente como uma forma de indeterminar o sujeito na fala ao invés de utilizar “nós”, 3ª pessoa do plural. Essa característica se apresenta tanto no início da frase, tropicalizando o sujeito indeterminado, como realizado pelo informante 1 em “A gente tira a muda dela daqui mesmo” quanto no meio da frase como descrito pelo informante 5 em: “é tranquilo a gente levanta cedo” realização essa que também ocorre no falar dos informantes de número 2,3 e 13. Ressaltamos que essa realização foi a mais produtiva nesse contexto de fala rural totalizando 25%.

Assim as realizações do termo a gente está muito presente também no âmbito rural de Rorainópolis e, embora os informantes dessa região tenham uma tendência em utilizar o termo a gente, indeterminando o sujeito em diferentes posições em seus repertórios verbais, a fala entre os indivíduos desse local não é de forma alguma prejudicada, uma vez que os mesmos conseguem se expressar normalmente no seu dia e em suas atividades cotidianas.

4.1.2. O gerúndio entre forma e flexão

Essa realização é comum na fala dos moradores da zona rural igualmente como acontece em várias outras regiões do Brasil, por exemplo, quanto ao estudo do gerúndio na literatura, aparecem casos como em Martins e Bueno (2011, p. 17) as quais apresentam a comunidade de fala do português falado na região de fronteira na comunidade de Dourados e Ponta Porã no Mato Grosso do Sul. Os resultados e uso do gerúndio em um corpus linguístico composto de doze informantes entrevistados, tinha por alvo observar se as pessoas daquela região utilizavam em sua fala as estruturas ditadas pela norma padrão da língua portuguesa ou se valem da linguagem popular do local.

Tabela 11 - Uso de gerúndio

Ocorrências	Totais	Percentuais
ND	48	46,16%
N	56	53,84%
Total	104	100%

Fonte: Autoria própria com base em Martins e Bueno (2011, p. 17).

Os dados mostram que os totais e os percentuais de ocorrências registrados no *corpus* da pesquisa são que 46,16% dos falantes fazem uso do gerúndio na sua forma padrão, isto é, com a presença do [nd], enquanto 53,84% fazem uso da forma reduzida, isto é, transformam o [nd] do gerúndio em [n] no momento de se expressarem.

Quando se trata de Rorainópolis, a realização do gerúndio como em *fa.lan.do*, pode ser vista no âmbito da fonologia: encontramos a elipse de um fonema em ambiente de sílaba separada, ou seja, *n.d* passa a *n*, resultando assim em uma mudança de posição de fonema, de coda silábica *fa.lan.do* > *fa.la.no* para *onset*, mas também no âmbito da morfologia, pois a flexão se reconfigura sem prejuízo da categoria do tempo verbal. De acordo com Bagno (2004) é corriqueiro as pessoas dizerem *falano*, *comeno*, *cantano*, em vez de *falando*, *comendo*, *cantando*, até mesmo os falantes escolarizados em situação informal e ambiente descontraído, ou numa fala acelerada, tendem a pronunciar os verbos no gerúndio com a terminação [n] no lugar da terminação [nd]. Vejamos como se realiza a segunda característica do falar rural de Rorainópolis.

Tabela 12 - Realizações de gerúndio

Informante	Realização	Norma padrão
1 - lin. 36	Tava <u>preparano</u> a área	Estava preparando a área
2 - lin. 32	Agora tá <u>prantano</u> a laranja	Agora está plantando a laranja
8 - lin. 25	Toda vida no lote <u>trabaiano</u>	Toda vida no lote trabalhando
10 - lin. 44	Quando ele ta <u>encopano</u>	Quando ele está encopando
13 - lin. 24	Tamo <u>viveno</u> aqui na marra	Estamos vivendo aqui na marra.

Fonte: Autoria própria com base nos dados da pesquisa.

Muito embora esta realização seja diferente do que diz a norma padrão da língua portuguesa, observamos que o uso nessa forma do gerúndio em Rorainópolis acontece em posição pós-verbal (verbo principal) dentro da frase que o falante pronuncia, a exemplo podemos citar o informante 1 quando fala “tava preparano a área” observamos aqui que o gerúndio se encontra no meio da frase além dos informantes 2,10 e 3, diferentemente do que diz o informante 8 “toda vida no lote trabaiano” em que a posição do gerúndio encontra-se no verbo e ao final da frase,

sendo o segundo em maior frequência de aparições nesse contexto de fala rural com uma porcentagem equivalente a 24,66%.

Assim, as posições do gerúndio se realizam independente da posição dentro da frase e ocorre independente do grau de escolaridade corroborando assim com uma citação dentro da pesquisa anterior a nossa, onde o autor afirma que a realização do gerúndio nessa forma é comum tanto nos repertórios de pessoas escolarizadas quanto de pessoas não escolarizadas.

4.1.3. Apagamento do “r” em posição de coda

O assunto apagamento costuma ser tratado no âmbito da fonologia, no entanto em nossa abordagem o consideramos como um fenômeno que ocorre entre o campo da fonologia e morfologia. Linares (2008, p. 1) afirma que “o fonema /r/ apresenta, em posição de coda silábica um elevado grau de polimorfismo, prestando-se exemplarmente, a caracterização da variação no português do Brasil”.

Segundo Callou e Leite (2004, p. 37) os fatores sociais e linguísticos estão relacionados, tomamos como exemplo o apagamento de “r” em posição final. Considerando essa mudança em uma época mais anterior, Gil Vicente retratava essa forma de falar em suas peças teatrais como algo característico no falar dos negros, embora hoje esse uso seja irrestrito considerando etnia, classe social, ou escolaridade. São as mulheres jovens que mais se utilizam dessa variante apagando o “r” final nas formas verbais do infinitivo, isso indica que esse tipo de pronúncia não seja mais estigmatizado visto que esse é comum na forma desse falar.

Vejamos como se realiza a terceira característica do falar rural de Rorainópolis:

Tabela 13 - Os deslizamentos das conjugações “ar” e “er”

Informante	Realização	Norma padrão
1 - lin. 13-14	Já num tem mais onde <u>queimá</u>	Já não tem mais onde queimar
3 - lin. 69-70	Chega o tempo de <u>pegá</u> os pexe	Chega o tempo de pegar os peixes
4 - lin. 22-23	Tem a época né de <u>prantá</u>	Tem a época né de plantar
11 - lin. 4	Já da de <u>cumecá</u> catano	Já dá de começar catando
12 - lin. 33-34	Se <u>tive</u> com bage	Se tiver com vagem

Fonte: Autoria própria com base nos dados da pesquisa.

É pertinente dizer que, conforme Dias (2004, p. 14) a língua está em constante mudança, e não devemos querer que uma criança no decorrer do processo de aquisição da linguagem reproduza o fonema “r” pós-vocálico como indivíduos homogêneos e conhecedores da norma padrão.

Visto que essa norma presume que há uma homogeneidade no sistema linguístico, desconsiderando fatores linguísticos e sociais, e desconsiderando a heterogeneidade resultante de tais fatores, que faz com que o falante use uma ou outra variedade. Segundo a autora, esse dado também é recorrente no falar urbano e o que antes era visto como estigmatizado passa a ser utilizado por pessoas de nível culto na fala, embora a norma padrão continue a prescrever a utilização do “r” em finais seja na fala ou na escrita.

Observamos que o apagamento do “r” na fala do informante 1: “já num tem mais onde queimá” acontece no verbo em posição final da frase como também na fala do informante 4, diferentemente do que acontece na fala dos informantes 3: “chega o tempo de pegá os peixe”, 11 e 12 em que o apagamento acontece no verbo no meio da frase.

Embora o apagamento da consoante (r) seja recorrente nos mais diversos falares como nos falares de indivíduos que moram em setores urbanos, essa característica se manifesta também na fala dos moradores da zona rural de Rorainópolis, ocupando o terceiro lugar nas realizações, contabilizando uma porcentagem de 19,52%, mostrando assim que se trata de uma característica inerente à fala rural daquele entorno.

4.1.4. A flexão de número em nomes

De acordo com Scherre (1996), na fala há varias formas de marcar o plural nos sintagmas nominais (SN): a) plural em todos os elementos do SN (forma padrão); b) em alguns elementos do SN; c) em apenas um elemento e d) nenhuma marcação de plural.

Sobre a flexão de número, a mesma autora (2002) diz que a variação no uso da concordância do sintagma nominal no português do Brasil, se dá pelo apagamento de morfemas que designam plural em alguns termos do sintagma nominal, o que não é bem visto pela norma culta pela sua alusão a dependência de

natureza social, sendo o grau de escolaridade o mais determinante para tais ocorrências.

Ribeiro e Lacerda (2013, p. 100) em seus estudos sociolinguísticos da marcação de número em sintagmas nominais realizado com 24 informantes selecionados de modo aleatório, no município de Oliveira Fortes no estado de Minas Gerais, a população do município tem um total de 2.123 habitantes, a pesquisa foi realizada entre os anos de 2011 e 2013. Verificou-se que dentre as 1.407 ocorrências da variável concordância de número houve predomínio da variante ausência de marca explícita de número em 89,6% nos sintagmas nominais o que equivale a 1.261 ocorrências.

Os resultados obtidos a partir da pesquisa realizada deixa claro que muito embora a tendência seja a marcação explícita de número nos elementos do sintagma nominal, há lugares em que os falantes mantêm em seu repertório características do período em que o Brasil era essencialmente rural.

Conforme observamos, esses traços que ocorrem em outra região do Brasil, retomamos aqui ao contexto da pesquisa em Rorainópolis mostraremos como tais ocorrências se apresentam nesse contexto de fala dos informantes e mostraremos como se realizaria em conformidade com a norma padrão.

Vejamos como se realiza a quarta característica do falar rural de Rorainópolis:

Tabela 14 - Um “invisível” s no nome

Informante	Realização	Norma padrão
3 - lin. 68-69	Eu tenho uns <u>tanque</u>	Eu tenho uns tanques
4 - lin. 9-10	Os <u>serviço</u> são mais <u>pesado</u>	Os serviços são mais pesados
5 - lin. 3	Mexer com as <u>planta</u>	Mexer com as plantas
6 - lin. 19	As <u>bage</u> não <u>enche</u>	As vagens não enchem
7 - lin. 53	Tem aquelas <u>bomba</u> de vinte <u>lito</u>	Tem aquelas bombas de vinte litros

Fonte: Autoria própria com base nos dados da pesquisa.

Conforme descrito acima é possível observar que as realizações nesse falar apresentam-se em posições diferentes dentro da fala, a exemplo o informante 3: “eu tenho uns tanque” em que a ausência de concordância aparece no final da frase junto com informante 5. Diferentemente da realização do informante 4: “os serviço

são mais pesado” em que a ausência de marcação de número está localizada tanto no meio quanto no final da frase junto com informante 6 e 7. Ocupando o quinto lugar nas realizações esse fenômeno apresentou uma porcentagem total de 8,90%

Nesse sentido, o que podemos perceber é que a ausência de concordância de número nos sintagmas nominais da fala que ocorreram em outro momento, e em outra região do Brasil anterior a essa pesquisa, apresentam dados semelhantes aos obtidos juntos a presente pesquisa desenvolvida em Rorainópolis, corroborando assim com a ideia de que essas marcam caracterizam tanto o falar rural do português brasileiro dessa região quanto o falar rural de outras localidades.

4.1.5. A flexão de número não realizada após quantificadores

No plano sintático, os dados mostram uma dependência quando a flexão de número não se realiza em certos contextos. Na fala dos moradores da zona rural de Rorainópolis é bastante recorrente que a flexão de número não seja realizada após quantificadores, diferenciando-se das consideradas normas padrão da língua. Nesse sentido, de acordo com Scherre (1988), em relação à fala adulta, os numerais tendem a desfavorecer a flexão de plural.

Essa mesma autora (p. 172) afirma que a falta da concordância propicia mais marcas no terceiro elemento, caso contrário, corre-se o risco de perder a informação de plural. Afirma ainda que substantivos precedidos de elementos sem marca explícita de plural apresentam marcas categóricas positivas.

Em pesquisa desenvolvida por Pôrto (2013, p. 10-11) ele observou as variantes de concordância nominal de número no português do Brasil e analisou dados de fala de indivíduos em quatro programas da televisão brasileira encontrou na fala as realizações abaixo citadas:

(20) Eu flagrei duas boneca de Barbie.

(21) Vinte ano o menino tem.

(22) Era só nós duas sozinha no Rio de Janeiro.

É relevante ainda observar que havendo um quantificador numérico em qualquer uma das posições pré-nucleares, esse tende a condicionar a não realização de plural no elemento seguinte. Naquela pesquisa, os dados dos participantes de alta escolaridade, a marca de plural depois do numeral é mais recorrente, porém, alguns dados também trouxeram exemplos da não realização de

concordância no elemento seguinte, por vezes pelo mesmo participante, mostrando que não se trata de uma regra categórica do falante:

(23) Eu acho que antigamente nego falava música sertaneja, era só, nego já imaginava dois caboco com uma viola [...].

(24) Ó tem oito show pra nós tocar essa semana, na sexta-feira nós toca em quatro lugar.

Retomando ao contexto da nossa pesquisa, vejamos nos exemplos abaixo sistematicamente como se apresentam as realizações de acordo com os falantes e como seria na norma padrão.

Vejamos como se realiza a quinta característica do falar rural de Rorainópolis:

Tabela 15 - Ausência de número após quantificadores

Informante	Realização	Norma Padrão
1 - lin. 29	Setenta e cinco <u>dia</u>	Setenta e cinco dias
2 - lin. 45	De oito <u>mêis</u> a um ano	De oito meses a um ano
3 - lin. 53-54	Eu perdi a minha vista com dezesseis <u>ano</u>	Eu perdi a minha vista com dezesseis anos
4 - lin. 50	A distância é seis <u>metro</u>	A distância é seis metros
5 - lin. 48	Dois ano e meio, três <u>ano</u>	Dois anos e meio, três anos

Fonte: Autoria própria com base nos dados da pesquisa.

Conforme os exemplos citados acima, foi possível observar a não flexão de número após quantificadores em todas as falas de homens e mulheres onde observamos que elas se mostram nas mais diferentes posições, como realizado pelo informante 2 em : “De oito mêis a um ano” em que ocorre a flexão no meio da frase juntamente com o informante 5, diferentemente do informante 3 em: “Eu perdi a minha vista com dezesseis ano” em que a não flexão de número acontece ao final da frase juntamente com os informantes 1 e 4. Dessa forma a ausência de número após quantificadores ocupou o quarto lugar nas realizações analisadas, apresentando um total de 15,41% no contexto de fala rural. Dessa forma podemos perceber que essas características acontecem em outras localidades do país. E quanto a esse processo presente nos repertórios dos moradores das vicinias de Rorainópolis, pode estar condicionado ao fato de viverem no setor rural e,

independente das variáveis sociais, eles utilizam essa forma de falar, tornando assim uma marca desse falar rural daquela região.

4.1.6. A flexão de número em verbo

Sobre a marcação de número em sintagmas verbais, Ribeiro e Lacerda (2013, p.100) com seus estudos sociolinguísticos, realizados com 24 informantes, selecionados de modo aleatório, no município de Oliveira Fortes que tinha uma população de 2.123 habitantes, no estado de Minas Gerais, verificou-se que das 810 ocorrências da variável concordância de número no sintagma verbal houve o predomínio da variante ausência com 80,6% nos sintagmas verbais totalizando 653 ocorrências.

Vejamos como se realiza a sexta característica do falar rural de Rorainópolis:

Tabela 16 - Um “invisível” s no verbo

Informante	Realização	Norma padrão
3 - lin. 14	Nós <u>somo</u> daqui	Nós somos daqui
4 - lin. 14	Já sim! Já <u>trabalhamo</u> de roça	Já sim! Já trabalhamos de roça
6 - lin. 19	As bage não <u>enche</u>	As vagens não enchem
7 - lin. 60	Os sábio <u>fala</u>	Os sábios falam
9 - lin. 44	A gente só <u>samo</u> duas pessoa	Nós só somos duas pessoas

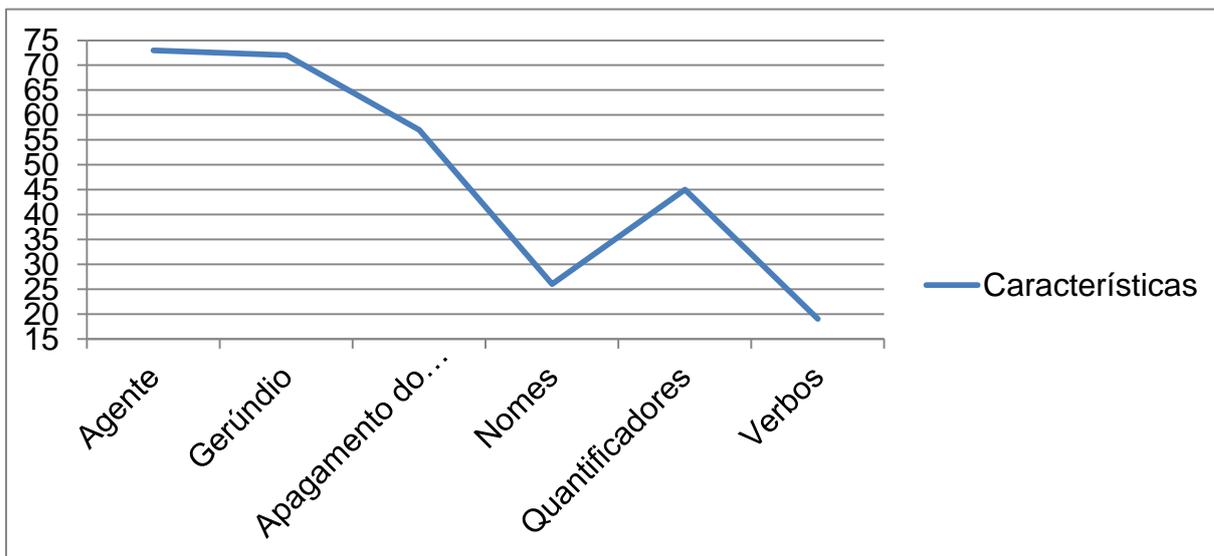
Fonte: Autoria própria com base nos dados da pesquisa.

Vejamos ausência de marcação de número em verbos na fala rural de Rorainópolis, somados aos resultados de pesquisas anteriores como realizado pelo informante 4: “já sim! Já trabalhamo de roça” em que ausência de marcação de número ocorre no meio da frase juntamente com os informantes 3 e 9 diferentemente do informante 6: “as bage não enche” em que a ausência de marcação se encontra ao final da frase juntamente como o informante 7. Esse fenômeno apresentou uma porcentagem de 6,51%, dessa forma, podemos afirmar que essas características viabilizou mostrar uma pequena parte da língua portuguesa rural no Brasil, por meio desses traços que se mantiveram ao longo dos

anos como fruto da interação verbal das mais diferentes línguas e que se mantiveram até hoje nos repertórios de fala dos colaboradores da nossa pesquisa.

Assim com base nos dados gerais da pesquisa trazemos esse gráfico dos fenômenos do falar rural de Rorainópolis.

Gráfico 5 - Português rural de Rorainópolis.



Fonte: Ferramenta - Microsoft Excel

A língua é o meio em que os falantes utilizam para se expressarem em meio ao convívio social. Fazendo uma retomada ao capítulo I, onde falamos sobre a variação linguística, Beline (2011) afirma que mesmo que um indivíduo utilize variantes, é por meio do contato com os outros falantes que ele vai encontrar os limites para sua variação individual.

Dessa forma, os indivíduos que vivem em uma mesma comunidade de fala deverão ter semelhanças entre a língua que ele fala em relação à língua dos outros membros da sua comunidade de fala. E essa teoria mais uma vez se comprova mediante os dados apresentados na nossa pesquisa onde os falantes apresentam características comuns embora sejam oriundos de regiões diferentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A língua é o principal meio de expressão de um grupo de pessoas e torna-se impossível falar dela sem fazer relação com sociedade, tendo em vista que a relação entre as duas constitui uma identidade da língua. A Sociolinguística demonstra as variações das diferenças existentes nas estruturas dessa comunidade considerando os aspectos linguísticos no contexto social, tais como: naturalidade, idade e escolaridade dos falantes.

A partir das realizações apresentadas nessa pesquisa foi possível encontrar traços das variações do português que se manifestaram no falar rural em Rorainópolis. Com a análise dos dados foi possível compreender a formação dessas variações e como tais se manifestaram a partir de falantes da área rural daquele município.

Nos termos de variável social, verificamos que a população de Rorainópolis é composta de pessoas oriundas de outros estados, principalmente da região nordeste. Dos residentes na área rural e que fizeram parte da pesquisa, a variável *naturalidade* indica que 53,85% são naturais do estado do Maranhão, 38,46% são pessoas do estado de Roraima e 7,69% do estado do Ceará.

Em virtude dessa mescla de diferentes regiões, foi possível observar que independente do local em que nasceram, os informantes trazem em suas falas características comuns ao falar rural que muito se assemelha aos falares de outras regiões do interior do país. Ao compararmos a variável social naturalidade com as variações linguísticas, um dado representativo da marca de *número ausente no uso de nomes* indica que os informantes naturais do Maranhão, muito embora seja uma clientela maior que a de outras regiões, atingiram 42,31% nas realizações como no exemplo do informante 7 lin. 53: “Tem aquelas bomba de vinte lito”, enquanto Roraima obteve 46,15% como realizado pelo informante 3 lin. 68-69: “Eu tenho uns tanque”. Isto posto os dados se configuram como os mais importantes da tabela 5, por serem referentes às realizações de seus falantes em cotejo com a variável naturalidade.

No que diz respeito à variável social *idade* dos informantes, a faixa de 65-68 anos equivale a 30,76% sendo a mais representativa. A partir da análise realizada chegamos ao dado mais representativo dessa variável social, que foi o uso de gerúndio alcançando um total de 36,11% de realizações, trazendo como exemplo o

informante 10 lin. 44: “quando ele ta encopano”. Assim comprovamos que a hipótese faixa etária tende a ser mais conservadora no falar rural de Rorainópolis.

Quanto ao grau de escolaridade dos informantes, a parte mais representativa aponta para um percentual de 30,77% para médio completo e igualmente a mesma porcentagem para fundamental incompleto, a despeito de o nosso foco ter se concentrado no maior e menor grau, visando a verificação de realizações comuns. Dessa forma trazemos o item *apagamento de r* como realizado pelo informante 6 lin. 1: “Morá no lote é bacana” e informante 10 lin. 14: “o camarada tem que roçá o mato”. Pudemos observar que o grau de escolaridade não interfere nas ocorrências das variações linguísticas, pois, letrados e não letrados compartilham das mesmas realizações.

Acreditamos que a presença dessas características de falares rurais no repertório dos homens e mulheres do campo esteja atrelada à questão de os mesmos se incluam nesse âmbito rural, uma vez que os informantes escolarizados apresentam os mesmos tipos de realizações de um informante não escolarizado. Talvez por isso o grau de escolaridade não modifique o falar do indivíduo pertencente àquela área rural.

No que tange ao aspecto das realizações linguísticas presentes nas narrativas do homem do campo, apresentamos 6 características que mais se destacaram no corpus e que representam esse falar. Sendo a primeira: o uso do termo *a gente* como indeterminação do sujeito, obtendo uma porcentagem de realizações equivalente a 25%, portanto, a característica mais produtiva no contexto de fala rural, conforme o exemplo do informante 3 lin. 2-3: “Aqui a gente tem mais facilidade”; o *gerúndio* entre forma e flexão obteve uma porcentagem de 24,66% das realizações no contexto de fala, sendo o segundo em maior número de realizações como no exemplo do informante 13 lin.24: “Tamo viveno aqui na marra”; o *apagamento do “r”* em posição de coda totalizou uma porcentagem de 19,52%, de acordo com o informante 11 lin.4: “Já dá de cumeçá catano”; a *flexão de número em nomes* obteve um total de 8,90% como realizado pelo informante 5 lin.3: “mexer com as planta”; quando a flexão de número não é realizada após quantificadores a porcentagem total de é 15,41% como fez o informante 4 lin. 50: “a distância é seis metro”; e a *não flexão de número em verbos* apresentou uma porcentagem de 6,51% como realizado pelo informante 3 linha 14: “nós somo daqui”.

Destacamos ainda que muitas das realizações que se manifestam nesse âmbito rural acontecem em outras regiões do Brasil, configurando as mesmas como características inerentes ao falar rural. Esses resultados são compatíveis com as ideias de Beline (2011) descritas no capítulo II, espaço no qual ele afirma que como o indivíduo vive inserido em uma comunidade de fala, podendo ele trazer semelhanças entre a língua que ele fala em relação à língua dos outros membros da sua comunidade de fala.

Nesse sentido, a variação linguística é determinada muitas vezes pelo ambiente em que o falante está inserido, com quem ele fala, e sobre que assunto fala. Por isso, a variação não se mantém numa mesma linearidade, até porque consideramos que a língua não seja homogênea e a variação que existe em cada uma delas seja proveniente da história do seu passado.

Essa pesquisa nos proporcionou novas experiências, novos contatos e um conhecimento mais aprofundado sobre essa rica diversidade além das formas de 74 expressões de modo, para que pudéssemos valorizar e reconhecer os traços que marcam esse falar no âmbito rural. Uma vez que aquelas vicinais tendem a ficar mais afastadas dos setores urbanos, pode ser que essas características presentes no falar rural possam se manter vivas entre os moradores daquele entorno. Ficou claro também que mesmo sendo de regiões diferentes, pelo fato de os falantes interagirem entre si, eles acabam utilizando um repertório muito similar, podendo ser considerado como caracterizador do português rural do norte do país.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Weider Rocha de. **Presença do léxico bandeirante no falar rural formosense**. 2009. 129 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/4336/1/2009_WeiderRochadeAbreu.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2014.
- ALKMIN, Tânia Maria. **Sociolinguística: parte 1**. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à linguística*. São Paulo: Cortez, 2012.
- ALMEIDA BARONAS, Joyce Elaine de. "Falar rural: é possível alterar uma tradição (?)". **Revista da ABRALIN**, v.6, n. 1, p. 95-110, 2007. Disponível em: <<http://www.abralin.org/revista/RV6N1/03-Joyce.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2014.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. **Áreas linguísticas do Português falado no Sul do Brasil: um balanço das fotografias geolinguísticas do ALERS**. In: Vanderci de Andrade. *A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: EDUEL, 2002.
- BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália: novela sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2004.
- BASSEGIO, Luiz. **As Migrações no Contexto da Globalização**. In: Migração, discriminação e alternativas. São Paulo: Paulinas, 2004.
- BELINE, Ronald. **A variação linguística**. In: FIORIN, José Luiz (org.). *Introdução à linguística*. São Paulo: Contexto, 2011.
- BETHONICO, Maria Bárbara M. *et al.* **Fechamento da Br-174 no trecho da terra indígena Waimiri-Atroari - influências na dinâmica econômica do município de Rorainópolis/RR**. In: BETHONICO, Maria Bárbara de Magalhães; SOUSA, Vladimir de (orgs.). *Rorainópolis: um olhar geográfico*. Boa Vista. Editora UFRR, 2014.
- BORDIEU, P. & PASSERON, J.C. A reprodução: **elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Trad. R. Bairão. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2004.
- BRANDÃO, Silva Figueiredo. **A geografia linguística no Brasil**. Série Princípios. Editora Ática: São Paulo, 1991.
- CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. **Como falam os brasileiros**. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- CAMACHO, Roberto Gomes. **Sociolinguística: parte 2**. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à linguística*. São Paulo: Cortez, 2012.
- _____. **Norma culta e variedades linguísticas**. Cadernos de formação: Língua portuguesa, 2004. Disponível em: <http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/174227mod_resource/content/1/01d17t03.pdf>. Acesso em 4 de mar. 2016.

CARDOSO, Susana Alice Marcelino. O papel das pesquisas sociolinguísticas e dialetológicas para os estudos do português brasileiro. **Revista Papéis**. Campo Grande - MS, v. 16, n. 31, Especial ABRALIN, 2012. Disponível em: <http://www.papeis.ufms.br/Revista_Papeis_V16_N31.pdf>. Acesso em 16 Dez. 2015.

CEZARIO, M. M.; VOTRE, S. **Sociolinguística**. In: MARTELLOTA, M.E. (Org.). Manual de Linguística. p. 141-155. São Paulo: Contexto, 2008.

CORRÊA, Hydelvídia Cavalcante de. **O falar do caboclo: aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves**. Dissertação de Mestrado em Letras: Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: PUC, 1980.

DIAS, Almerinda Tereza Bianca Bez Batti. **A (não) realização do fonema /r/ em final de palavras em textos orais de informantes em fase de aquisição da linguagem - estudo de caso**. Dissertação de mestrado, 2004. Disponível em: <<http://www.bib.unesc.net/biblioteca/sumario/00003F/00003FB3.pdf>>. Acesso em: 27 out. 2014.

ELIA, Silvio. **Ensaio de Filologia e Linguística**. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora Grifo, 1976.

FALAVINA, Flavia Pala. **O preconceito à linguagem caipira: um falar regional ou inculto?** Disponível em: <<http://oguari.blogspot.com.br/2014/12/o-preconceito-linguagem-caipira-um.html>>. Acesso em: 09 mar. 2016.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira: desatando nós**. São Paulo: Parábola, 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

GUIMARÃES, Eduardo. **Jornal Correio Brasiliense**: Brasília, 18 de julho de 2004. Entrevista concedida a Ulisses Campbell.

_____. A língua portuguesa no Brasil. **Ciência e Cultura**. vol. 57, n. 2, Apr./June. São Paulo: 2005. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252005000200015&script=sci_arttext>. Acesso em: 19 mai. 2016.

GUY, G.R.; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola, 2007.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Rorainópolis - Roraima: informações completas**. 2010. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=140047&search=roraima|rorainopolis|infograficos:-informacoes-completas>>. Acesso em: 14 Nov. 2014.

KARIM, Jocineide Macedo. **A comunidade São Lourenço em Cáceres - MT: aspectos linguísticos e culturais**. Dissertação de mestrado, 2012. Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/divalimt/teses/jocineide_macedo.pdf>. Acesso em: 10 de mar 2016.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LINARES, Anay Batista de Barros; MOREIRA, Camila; PEIXOTO, Rigon Tiago. **Apagamento do /r/ em final de palavras: um estudo comparativo entre falantes do nível culto e do nível popular**. Anais do CELSUL, 2008. Disponível em: <http://www.celsul.org.br/Encontros/08/apagamento_do_r.pdf>. Acesso em: 14 Nov. 2014.

LUCCHESI, Dante. **Sistema, Mudança e Linguagem**. São Paulo: Parábola, 2004.

LUCCHESI, Dante. Parâmetros sociolinguísticos do português brasileiro. **Revista da ABRALIN**, v. 5, n. 1 e 2, p. 83-112, dez. 2006. Disponível em: <http://www.abralin.org/revista/RV5N1_2/RV5N1_2_art4.pdf>. Acesso em: 02 Jun. 2013.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. **Pesquisa em Educação: Abordagem qualitativa**. São Paulo: EPU, 1986.

MANÉ, Djiby. As concepções de língua e dialeto e o preconceito Sociolinguístico. **Revista Via Litterae**. n. 4, Anápolis, 2012. Disponível em: <http://www2.unucseh.ueg.br/.../Via_Litterae_4-1_2012_3-DJIBY_MANE>. Acesso em 17 mar. 2016.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa: Planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração e interpretação de dados**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARGOTTI, Felício Wessling. **Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil**. Tese (doutorado), Porto Alegre. 2004.

MARTINS, Ivone da Silva; BUENO, Elza Sabino da Silva. Estudo do gerúndio-a transformação de [nd] em [n] no português falado na região de fronteira. **Web-Revista Sociodialeto**, v.1. n. 4. Campo Grande, 2011. Disponível em: <<http://www.sociodialeto.com.br/edicoes/9/28092011064716.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

MENDONÇA, Alexandre Kronemberger de. **Nós e a gente na cidade de Vitória: Análise da Fala Capixaba**. Vitória, 2011. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/percursos/article/download/3173/2639>>. Acesso em: 13 jan. 2015.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8 ed. São Paulo: HUCITEC, 2004.

MONTEIRO, Adriana Roseno; VERAS, Antonio Tolrino de Rezende. **Habitação e a produção do espaço urbano da cidade de Rorainópolis - RR**. In: BETHONICO, Maria Bárbara de Magalhães; SOUSA, Vladimir de (orgs.). Rorainópolis: um olhar geográfico. Boa Vista. Editora UFRR, 2014.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística - domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001.

OLIVEIRA, Mileide Terres de; LIMA, José Leonildo. Placas e anúncios públicos com variação na flexão nominal de número. **Revista Sociodialeto**, v. 4, n. 12, p. 426-435, Campo grande, 2014. Disponível em: <<http://www.sociodialeto.com.br/edicoes/17/01062014013558.pdf>>. Acesso em: 21 fev. 2015.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **O que é linguística**. 10 reimp. São Paulo: Brasiliense, 1999.

PETTER, Margarida. **Linguagem, Língua, Linguística**. In: Introdução a Linguística /José Luiz Fiorin (org.). 6. ed. 1 reimp. São Paulo: Contexto, 2011.

PÔRTO, Walesca Afonso Alves. **A concordância nominal de número: uma pesquisa qualitativa em programas de televisão**. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/6543/1/2013_WalescaAfonsoAlvesPorto.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2015.

PRETI, Dino. **Sociolinguística: os níveis de fala**. São Paulo: Ed. Nacional, 1982.

RAZKY, Abdelhak; FERNANDES, Maria Eneida Pires. Atlas Linguístico do Brasil: a palatal /ʎ/ nos Estados do Amapá e Pará. **Signum: Estud. Ling.** n. 13/2, p. 375-393, Londrina, 2010. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/download/6879/6989>>. Acesso em 24 de jun. 2016.

RIBEIRO, Patrícia Rafaela Otoni; LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral da Cunha. Variação, Mudança e não mudança linguística: ressignificando o conservadorismo linguístico no português do Brasil. **Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro**. v. 9, n. 2, dezembro de 2013. ISSN 1808-835X 1. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica>>. Acesso em: 22 nov. 2015.

ROCHA, Valcleia Barros. **O significado do “Novo” Urbano na Última Fronteira Amazônica**. 143 p. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Instituto de Geociências Universidade Federal de Roraima. Boa Vista, 2013.

SHCERRE, M. M. P. **Reanálise da concordância nominal em português**. Tese de Doutorado, inédito. 554 p. UFRJ, Rio de Janeiro, 1988.

_____. **A norma do imperativo e o imperativo da norma - uma reflexão sociolinguística sobre o conceito do erro**. In: BAGNO, Marcos. Linguística da Norma (Org.) São Paulo: Loyola, 2002.

SCHERRE; SILVA (Org.). **Padrões Sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. p. 119-45. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

SALOMÃO, Ana Cristina Biondo. **Variação e Mudança Linguística: Panorama e Perspectivas da Sociolinguística Variacionista no Brasil**. v. 8, n. 2, p. 187-207, jul./dez. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/viewFile/1984-8412.2011v8n2p187/21673>>. Acesso em: 18 jan. 2015.

SANTANA, Neila Maria Oliveira. A indeterminação do sujeito no português rural de Bananal e Barra dos Negros - BA. **Estudos Linguísticos XXXV**, p. 1517-1523, 2006. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2006/sistema06/318.pdf>>. Acesso em 24 de mar. 2016.

Sistema de gestão estratégica do território de Roraima - SIGET. Disponível em: <<http://www.siget.rr.gov.br/index.php/mapotecas/category/19-rorainopolis#>>. Acesso em: 20 Dez. 2014.

Secretaria de Estado do Planejamento e Desenvolvimento de Roraima-SEPLAN. Informações Socioeconômicas do Município de Rorainópolis - RR 2010/v [Elaboração: Divisão de Estudos e Pesquisas] 1ª edição. Boa Vista: CGEES/SEPLAN - RR, 2010. 70 p. 1. Rorainópolis 2. Informações socioeconômicas. Disponível em: <http://www.seplan.rr.gov.br/roraimaemnumeros/dados_municipios/Rorainopolis.pdf>. Acesso em 18 abr. 2016.

SIGNORINI, Inês. **Língua (gem) e identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas - SP: Mercado de Letras, 2002.

SILVA, Paulo Rogério de Freitas. **Dinâmica Territorial Urbana do Estado de Roraima - Brasil**. (Tese de Doutorado). São Paulo: PPGGH, FFLCH, USP, 2007.

SILVA NETO, Serafim. **História da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: presença (Brasília): INL. 1986. (Coleção Linguagens 11.)

SIQUEIRA, Deis; OSÓRIO, Rafael. **O conceito de Rural**. In: +Uma nueva ruralidad en América Latina? Barcelona: 1999.

SOUSA, R. M. **A Sociolinguística na Formação Docente**. In: Aprendendo a aprender. Org. FÉLIX, J. d'Arc B. UniCEUB - Faculdade de Ciências da Educação-Guia de Formação para Professores das Séries Iniciais - Convênio com a Secretaria de Educação GDF, 2005.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa Sociolinguística**. p. 96. 8 ed. São Paulo: Ática, 2007. (série princípios; 9).

TEYSSIER, P. **História da língua portuguesa** . trad. Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

TERRA, Ernani. **Linguagem, língua e fala**. São Paulo: Scipione, 1997.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A variação linguística e o ensino de língua materna**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

VILLALTA, Luiz Carlos. "Uma babel colonial". In: **Revista nossa história**, Ano 1, n. 5, mar. 2014, Rio de Janeiro: Biblioteca nacional, 2004.

WEINRIECH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, (2006).

ANEXOS

ANEXO A

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ - REITORIA DE PESQUISA E PÓS - GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM LETRAS**

PRÉ-QUESTIONÁRIO

- 1- VOCÊ SABE PLANTAR FEIJÃO?
- 2- COMO É FEITO O PLANTIO DE FEIJÃO?
- 3- ONDE É PLANTADO?
- 4- EM QUE ÉPOCA É PLANTADO?
- 5- COMO É PLANTADO?
- 6- É NECESSÁRIO COLOCAR ALGUM TIPO DE ADUBO?
- 7- É NECESSARIO FAZER ALGUM TIPO DE LIMPEZA APÓS O PLANTIO?
- 8- DEPOIS DE PLANTADO QUANTO TEMPO LEVA PARA A COLHEITA?
- 9- COMO É FEITO A COLHEITA?
- 10-HÁ QUANTO TEMPO MORA NO LOTE?
- 11-QUAL A SUA IDADE?
- 12-QUAL O SEU GRAU DE ESCOLARIDADE?
- 13-ONDE VOCÊ NASCEU?

ANEXO B

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM LETRAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Em duas vias, firmado por cada participante da pesquisa e pelo pesquisador)

“O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após consentimento livre e esclarecido dos sujeitos, indivíduos ou grupos que por si e/ou por seus representantes legais manifestem a sua anuência à participação na pesquisa.” (Resolução. nº 466 de 12 de Dezembro de 2012-IV, do Conselho Nacional de Saúde)

Prezado (a) Senhor (a)

Eu, xxxxxxxxxxxxxxxx aluno (a) do Mestrado em Letras da UFRR, venho através deste convidá-lo (a) a participar da pesquisa intitulada “Prantá” feijão dá variação? o falar rural de Rorainópolis, a qual tem por objetivo investigar o falar rural dos moradores de vicinais da zona rural de Rorainópolis - RR.

Sobre a pesquisa seguem as informações:

1. A participação é voluntária. Caso você aceite participar, terá sua fala registrada por meio de gravador digital.
2. Quando for publicado, dados como nome, profissão, local de moradia, não serão divulgados. Os nomes dos entrevistados serão modificados, utilizarei nomes fictícios. As perguntas que vou fazer não pretendem trazer nenhum desconforto ou risco, já que são somente sobre seus conhecimentos em relação ao tema. Portanto, não há riscos e prejuízos de qualquer espécie em virtude de desconfortos, riscos morais e constrangimentos que poderiam ser provocados pela pesquisa. Dou a garantia de que o interesse é científico sem intenção de promover ou macular a imagem de quem quer que seja.

ANEXO D

INFORMANTE 1

1) Conta um pouco da história como é viver aqui no lote.

Pelo meno pra mim eu acho é bom que é mais tranquilo (1)
que na cidade né, agente num tem tanta (2)
dispesa. Morá na cidade dá bem o dobro de dispesa (3)
que no lote e aqui mais tranquilo num tem tanta (4)
dispesa, tá mais perto da família também isso é muito (5)
importante só isso mesmo. (6)

2) Como que é o trabalho aqui de vocês?

É mesmo é agricultura familiar a gente trabalha (7)
todo mundo junto, ai no final cada qual pega sua parte né. (8)

3) Os teus pais são de onde?

O pai é de Rondônia e a mãe é de do Goiás (9)

4) Vocês trabalham com plantio de feijão? Tú sabe como é?

Trabalha. (10)

5) Tu pode me dizer como que é feito esse processo?

Trabalha tanto na terra mecanizada né, quanto (11)
também na área com queimada também, só que (12)
a queimada já diminuiu mais já num tem mais (13)
onde queimá. (14)
Mais a gente tava trabalhando mais com terra aradada (15)
A gente gradia, planta ele na terra aradada (16)
aduba pá colher. (17)

6) Como que é plantado?

No manual mesmo. (18)

7) Em que época é melhor pra fazer?

A partir do mês de agosto, setembro é que é a parte (19)
que o verão começa a chegá né, começa enxugar mais (20)
a terra fica melhó pra cultivar. (21)

8) Vocês colocam algum tipo de adubo?

Sim.

9) Como é que vocês colocam?

O adubo NPK a gente coloca ele, coloca (22)

ele inicialmente logo quando ele tá (23)

pequeno e cum quinze vinte dias coloca ele de novo é (24)

só duas adubaçãõ mesmo. (25)

10) E vocês fazem algum tipo de limpeza?

Faiz. Manual também. (26)

11) Quantas vezes?

Em geral é só uma veiz mesmo. (27)

12) E quanto tempo que leva (...) até a colheita?

Depende da espécie do feijão né, tem uns que são (28)

mais rápida até sessenta, setenta e cinco dia já tá (29)

no ponto de colher, que tem outros que demora um (30)

pôca mais né até noventa dia pra colher. (31)

13) E qual é o tipo que vocês plantam?

A gente planta desse mais rápido mesmo, mais (32)

precoce (33)

14) E como é feita essa colheita?

Manual (34)

15) Tu já sofreu algum acidente assim trabalhando na roça?

Já eu fui mordido por cobra (35)

16) E como foi?

Tava preparano a área roçano. Eu fui mordido (36)

por cobra (37)

17) E aí ?o que tu fez?

Fui po hospital. (38)

18) Vocês plantam algum outro tipo de coisa além do (...)?

Planta macaxera, laranja, bastante coisa aí (39)

19) Como é o plantio da macaxeira?

Da macaxera? (40)

20) É.

A gente planta em geral de duas, treis veiz (41)

por ano, planta também mais em terra mecanizada (42)

também né tratô. Agora aí a parte (43)

da limpeza já é mais com máquina (44)

né, porque já num dá conta mais de tá capinano (45)

no manual não. (46)

21) E como é plantada ela?

A gente prepara a área né, gradia ela deixa um (47)
tempo de descanso pra fica melhor de (48)
nascer desenvolver né .E a gente tira a muda dela (49)
daqui mesmo da do lote, de outros pés a gente corta (50)
o ramo dela e planta. (51)

22) E tu nasceu onde?

Eu nasci em Boa Vista. (52)

23) Quanto tempo que tu mora aqui?

Desde que nasci dezenove ano. (53)

24) Tu estudou?

Eu tô cursano o tecero ano do ensino médio. (54)

25) Tu sabe por que teus pais vieram pra cá?

Eu acho assim que na época né, a facilidade de da (55)
disponibilidade de terra né, que era bem fácil (56)
de conseguir terra aqui, acho que por isso que ele (57)
procurô ficá por aqui. (58)

26) Então pra lá era mais difícil?

É. Era mais num é tão fácil né pra quem tá (59)
Cumeçano, conseguir um terreno era complicado. (60)

27) Aqui tu estuda onde?

Eu estudo em Rorainópolis mesmo. (61)

28) Vocês vão de que pra lá?

De ônibus.

29) Ele passa que horas? Como que é?

Ele passa tanto na parte da manhã quanto na (62)
parte da tarde. Só que eu estudo pela tarde, (63)
ai tem outros aluno que estuda pela parte (64)
da manhã mas eu estudo a tarde. (65)

30) Já teve algum problema do ônibus não passar por a vicinal ser de terra?

Ela dá problema assim mais lá pa parte do (66)
final né. Aqui no início geralmente ela num dá (67)
problema não, agora já os moradores mais da (68)

parte do final lá tem um certo período chuvoso, (69)
que as veiz num dá pra entrar ônibus não. (70)

31) Ai os alunos ficam...

Se vira né. (71)

INFORMANTE 2

1) Como é a vida de vocês aqui no lote?

Rapaiz sempre a gente ajuda o pai quando pode. (1)

E no caso de trabalho pa fora pa ganha nosso (2)

propio dinheiro. (3)

2) Vocês trabalham com plantio de feijão?

Feijão a gente sempre pranta im consócio com (4)

a melancia.

3) Eu queria que tu me falasse como é feito.

A gente faiz primero a cova da melancia ai (5)

pranta a melancia, quando a melancia nasce (6)

a gente pranta cova de feijão do lado pra (7)

aproveitar o adubo da melancia. E a molhação (8)

e a irrigação, a gente já aproveita também. (9)

4) Como é feito?

É a gente mecaniza a área e faiz as covas. (10)

5) Em que época que é feito?

Rapaiz sempre começa de julho até dezembro. (11)

6) Essa época é a melhor?

Mêis que vem já começa. Julho. (12)

7) Vocês colocam algum tipo de adubo?

Sempre a gente usa o deiz deiz, a uréa e a (13)

cobertura o cloreto. (14)

8) Pra que serve cada um desses?

Rapaiz a uréa ela é mais pa parte da folha (15)

e o cloreto é mais po sabor da fruta. (16)

9) Como que é colocado?

A gente bota sempre de um é em cada (17)

vinte dia, a gente bota cem grama. (18)

Aí as primeira a gente faiz com (19)

a uréa e o deiz deiz aí as coberturas (20)

já vem com a uréa e o cloreto. (21)

10) E tem processo de limpeza? Como que é?

Tem sempre. É na enxada mesmo no manual (22)

bruto mesmo. (23)

11) E quanto tempo que é pra vocês fazerem a primeira limpeza?

Sempre a gente limpa, até a aí dá uma (24)

limpa só depois que prantado. Uma limpa só. (25)

12) Dá mais ou menos quantos meses?

Setenta e cinco dia tá madura a fruita já. (26)

13) Como é feita essa colheita?

Aí no caso é a família toda que ajuda, é (27)

colhe todo mundo. Aí sempre a venda mais (28)

é ai em Rorainópolis mesmo. (29)

14) Vocês vendem na feira?

É na fera mermo. (30)

15) O que é mais comum que vocês plantam?

A gente pranta o a macaxêra e o maracujá (31)

e agora tá prantano a laranja. (32)

16) Como que é o plantio de maracujá?

O maracujá a gente prepara a muda, aí tira (33)

as estacas pa levantá o arame, aí bota a (34)

muda já no na cova já com o arame já. (35)

Aí é só. Ele sobe aí depois ele já tem a desbrota (36)

pa poder chegá no arame, aí depois dela começá (37)

a fluloração agente faiz polinização pá dá (38)

uma melhó culheita.

17) Como é feito?

É na flor. (39)

18) É?

É feito a mão de obra mermo de (40)

as pessoa mermo. (41)

19) Humrum! Tem algum de limpeza?

A manutenção é manual também, na sempre (42)

A gente faíz na roçadeira mermo (43)

20) E quanto tempo que leva pra começar a dá fruto?

Eu a eu a num sei lhe dizê bem direitin não, (44)

mais é de oito mêis a um ano que ela tá (45)

começando a chegá colheita já. (46)

21) Tu nasceu onde?

Em Rorainópolis. (47)

22) Tu tem quantos anos?

Eu tenho vinte cinco. (48)

23) Tu estudou?

Até o tecero ano. (49)

INFORMANTE 3

1) Primeiro eu queria que tu falasse um pouco aqui sobre a vida no lote.

A vida no lote eu acho assim legal, porque num (1)

sei se porque fui criado aqui mais aqui agente (2)

tem mais facilidade é né. Tem contato com a (3)

natureza e tem mais paiz aqui mais tranquilidade.(4)

2) Humrum

Então eu me sinto melhó no lote aqui sabe, eu (5)

num tem muita palavra assim pa falá não.(6)

E é isso mermo que é aqui no lote, também (7)

A gente produiz né eu fui criado. Sô (8)

filho de agricultô aqui a gente produiz mermo (9)

o mantimento sabe. Cria o gado e quando e quando (10)

que alí a gente tem alí tudo da hora .É mais prático (11)

melhó eu acho melhó a vida no lote. (12)

3) E os seus pais são de onde

Meus pais são lá do nordeste, lá do maranhão. (13)

Só que é nós somo daqui mesmo a os (14)

filhos são daqui mesmo de . Meus pais (16)

todos sempre foram assim no interior, no lote (17)

né trabalhano com agricultura pra sobreviver. (18)

4) você sabe o motivo que fizeram eles virem pra cá

Sim. Foi a falta de terra pra trabalhar assim (19)
terra própria, trabalhavam em terras agregada (20)
terra aleia .Aí eles ele queria sempre sonhê de (21)
ter um pedaço de terra né, de conquistá (22)
aí vei embora pra cá e aqui ele conseguiu um (23)
lote né é isso, há trinta anos atrás to com trinta anos hoje. (24)

5) Eu queria saber se você sabe fazer plantio de feijão

Ah o feijão é simples pra plantá, só que o feijão é muito (25)
importante plantá na época certa porque muita (26)
chuva no feijão prejudica né e muito sol também. (27)
Então o melhó tempo de plantá é no findar da (28)
do inverno. Prepara o terreno alí e aqui agente (29)
que num tem muito recurso prepara o terreno, (30)
aí roça e depois queima aí vai lá plantá ou (31)
semea o feijão, espera com aí com quinze ou vinte dias (32)
já nasceu e a gente passa veneno né aí com a (33)
Motozinho lá, passa veneno pra matá insetos joga. (34)
Aí o feijão é simples, espera aí quarenta ou sessenta dias o feijão já tá pronto. (35)

6) Tem algum processo de limpeza

Sim. É nem tanto a limpeza porque é (36)
muito rápido assim que ele produiz né. Ele (37)
dá o fruto muito rápido, porque (38)
no máximo quarenta dias o mato (39)
ta ainda pequeno, mais é importante sim dá (40)
uma passada né, uma limpada pra mante limpo. (41)

7) E como que é feito essa colheita

A colheita ela pode ser feita assim de duas (42)
etapa né. Aqui na região o povo consome muito (43)
o feijão assim eles chamam muito feijão verde (44)
né, aí pode ser colhido verde assim maduro (45)
né . Assim quando a bagezinha dele tá (46)
amarelinha já no jeito de tirá eles tiram vende na fera (47)
e também quando ele seca lá no pé é colhido (48)

coloca no sol né e depois de passá na trilhadeira. (49)

8) Qual tua idade ?

Eu tô com trinta anos hoje (50)

9) Tu estudou?

Eu estudei até a oitava série, não (51)

oitava não, até a sexta série. (52)

10) E tu aprendeu tarrafa aqui ?

Foi. (52)

11) Quem foi que te ensinou?

Não, eu aprendi porque assim é eu (53)

perdi a minha vista com dezesseis ano de idade né, aí eu (54)

precisava fazer alguma coisa. Aí aprendi a (55)

tocá violão foi bom, depois aprendi a tocar teclado (56)

mais não foi suficiente pra enterte todo meu tempo entendeu? (57)

Ai um colega meu ele que é dono da auto (58)

escola da cidade, aí ele vei aqui aí me ensino (59)

faze os uns nó né. Aí isso hoje serve de fisioterapia (60)

pra mim ó. Eu me sinto bem fazendo aqui(61)

porque trabalha minha mente entendeu? Eu (62)

num fico parado alí só pensano,(63)

porque nessa terra aqui quem num tem (64)

problema né!?(65)

12) e tu faz por encomenda?

Não aqui essa eu to, eu faço também por (66)

encomenda né, mais essa aqui eu to fazendo é (67)

pra mim mermo pescá. Eu pesco, eu tenho (68)

uns tanque aí e aí quando chega o tempo de (69)

pegá os peixe, é bom né ter uma tarrafa (70)

13) tu mesmo vai lá e?

Eu mesmo jogo tarrafa pego peixe, vendo (71)

1) Primeiro eu queria que tu falasse um pouco como e a vida no campo.

Intão! O cotidiano aqui na no meio rural pode (1)
se chamá né exatamente a diferença da cidade. (2)
É porque tem mais é assim tem mais é tranquilidade (3)
é mais calmo é diferente da cidade. (4)
Aí a respeito dos serviço são diferente é porque (5)
num tem horário pra trabalha, um dia (6)
trabalha otro dia num trabalha, é assim. (7)

2) É vocês que fazem o próprio horario?

Exatamente. O próprio horário é a gente que (8)
faiz é mais é tipo assim, os serviços são mais (9)
pesado né, mais só que também num diferencia da cidade (10)
porque a gente num tem um horário pra (11)
ir, hora prá começá. (12)

3) vocês trabalham de roça aqui no lote?

Não. No momento não (13)

4) mas já trabalharam?

Já sim. Já trabalhamo de roça sim, já (14)
trabalhamo já fazendo, mexendo com farinha (15)

5) você sabe plantar feijão?

Sim.

6) como que é feito esse processo?

O processo de plantio de feijão é por exemplo o (16)
cara faiz a limpeza da terra primero né, que (17)
tem vários tipo né, que tem mercanizada e (18)
tem que não é mercanizada aí os que num (19)
tem condição mesmo de utilizá aquela terra (20)
mercanizada né, ela é a limpeza mesmo no manual. (21)
Aí a gente alimpa a terra e depois tem a (22)
época né de prantá, que é sempre tipo (23)
lua crescente aí pranta alí é tipo (24)
assim, quatro grão que a gente pranta (25)

7) vocês usam máquina pra plantar?

Na enxada e na máquina também.(26)

8) E a distância?

A distancia do feijão é distancia de metro. (27)

9) Coloca algum tipo de adubo?

Sim. (28)

10) Qual que é?

O tipo de adubo eles utiliza é o npk, utiliza essa aí (29)

11) E quanto tempo leva pra colher?

É em torno de dois meis (30)

12) Tu nasceu onde?

Eu num sô do estado de Roraima não, eu sô (31)

do estado do maranhão. (32)

13) Teus pais são de onde?

Estado do maranhão também (33)

14) Tu sabe o principal motivo que eles vieram pra cá?

O principal motivo é condição né porque o estado (34)

oferece, não tinha muito a oferecer muito o (35)

estado que eles morava né em termo de condição (36)

de bem. (37)

15) Tem quanto tempo que tu mora aqui no lote?

Eu cheguei com cinco ano. (38)

16) Vocês trabalham com algum outro tipo de plantação?

Nesse momento agora é prantação mesmo, prantação (39)

tipo a laranja. Hoje mais é sempre quando (40)

o pessoal passa a prantá um tipo de prantação. (41)

Eles utiliza mais é só aquele prantio a (42)

laranja mesmo. (43)

17) E como que é?

A laranja a laranja ela é tipo assim, ela é (44)

mais demorada né, agente pranta ela em (45)

terra mecanizada, da tem que (46)

tá adubano de veis em quando. (47)

Ela é a gente pranta ela, começa a dá de dois (48)

ano pra frente ela é mais demorada a laranja (49)

18) Como é a distancia?

A distância é seis metro, padrão dela é seis metro. (50)

19) Quanto tempo assim que tem que ficar fazendo essa limpeza

A limpeza quando ela já é um prantio (51)

novo, o cara tem que fazer em questão de (52)

dois em dois mês. Aí quando conforme os (53)

tempo vai passano ela vai ela vai eliminano, (54)

ela vai acabano com o mato. Aí chega um (55)

momento aí que num precisa mais limpá. (56)

20) Vocês vendem na feira?

Não. Na fera não, agente vende pra alguns que (57)

compra aí em Rorainopolis. (58)

INFORMANTE 05

1) O dia-a-dia de vocês como que é?

É tranquilo agente levanta cedo e vai mexer (1)

com gado, leite aí depois vai cuidá dos animais, (2)

Mexer com as plantas e as vezes trabalhá pra fora aí. (3)

Às vezes também mexer com cerca, com produção de laranja (4)

2) Eu queria que tu me falasse um pouco como é que é?

Assim pra gente faze uma muda de laranja (5)

A gente precisa primero tirá escolher o limão, selecioná as semente. (6)

Pra depois é dela selecionada agente vai (7)

lá e planta a semente tanto do limão tanja (8)

quanto aquele outro limão que o pessoal chama (9)

de limão galego né. Aí depois a gente faiz (10)

envivera ela, aí depois passa pelo (11)

processo do enxerto. A gente tira no (12)

caso a banda da laranja pra fazer o enxerto,(13)

aí enfita ela com quinze dia se ela tive verde (14)

e viçosa a gente vai lá e tira a fita. Aí daí (15)

pra frente ela espera dois treis meis, aí é só tirá ela dali. (16)

Se a terra já for um poco meia fofa um (17)

poco meio arenosa, a gente não gradeia (18)

Mas se a terra for dura mesmo se a terra (19)

for bem compactada a gente tem que passá (20)
pelo processo de gradeamento, que se não a bixa (21)
não vai desenvolver a raiz (22)

3) teus pais são de onde?

Meus pais são do Pará. (23)

4) Tu sabe qual foi o principal motivo que fizeram eles virem pra cá?

Acho que é atrás de trabalho, melhores (24)
condições de renda. (25)

5) Qual é a distancia que vocês plantam essa laranja?

Depende depende também do tamanho da terra.(26)
Se tive muito terra planta seis por seis, aí se fo poca (27)
terra que nem alí era poca, planta cinco por cinco (28)

6) Tem alguma época melhor de plantar?

Depende também. Se ela for na sacola pode ser (29)
plantada no verão, mas se ela for arrancada (30)
e ir direto pro solo pô campo e tem que ser no (31)
inverno. Se um pé de laranja ele é bem cuidado,(32)
bem tratado ele tem uma menor probabilidade de obter alguma doença. (33)
Uma das principal causa dessa grumose, ela (34)
é a quando a gente vai faze a manutenção (35)
a limpeza, aí as vezes trisca a roçadeira(36)
ai o tronco dela fica exposto (37)

7) Tem processo de limpeza?

Tem. É pode ser roçar e jogá veneno, o (38)
glifosato, um desses dois. Depende também da pessoa (39)
porque também o glifosato ele prejudica muito (40)
também o solo. Aí ele causa rachadura no solo (41)
porque fica muito exposto ao sol, é por isso (42)
que a gente planta sempre alguma coisa no meio (43)
da laranja, pra não ficá muito exposto ao sol. (44)

8) O que vocês plantam?

macaxera é melancia pra num ficá muito (45)
exposto, até o pé de laranja ficá (46)
protegido o solo. (47)

9) Ela leva três anos né pra começar produzir?

Dois ano e mei treis ano(48)

10) Como é feita a colheita?

Chama o pessoal e cada um vai num (49)

pé e vai só tirano as que tive melhor (50)

INFORMANTE 6

1) Primeiro eu queria que o senhor falasse um pouco como que é essa vida no lote.

Morá no lote é bacana por se (1)

tranquilo né diferente da cidade. E e pra quem (2)

morá no lote é acordar cedo, cuidá das plantações,(3)

cuidá do gado, cuidá de de vê alguma (4)

coisa na roça, se os bicho tão atacando a a as (5)

plantações e voltá mei dia, almoça retorna a (6)

tarde. Esse é o nosso dia-a-dia.(7)

2) Eu queria saber se você já fez plantação de feijão?

Se for que existe hoje em dia é se usa bastante (8)

o maquinário né, tem o trato que arada (9)

e você planta, mais se for plantado desmata (10)

a mata, broca, derruba, queima aí depois (11)

você vai e planta. Aí começa pela planta (12)

na lua certa né. Existe né tem as fases (13)

da lua que é a lua chea, lua nova, (14)

lua minguante. Aí você planta na lua nova (15)

que pode ser uma num é uma simpatia mas (16)

é se plantá na lua errada dá muita lagarta, (17)

aí se plantá numa outra lua errada também (18)

as bagé não enche, fica bage seca. (19)

Então o colono começa plantano pela lua (20)

certa. Aí você cava, o o faiz as cova e (21)

coloca treis semente em cada cova, aí espera (22)

nascer aí quando ta mais ou menos assim (23)

com uns vinte dias aí se tiver bastante abelha (24)

você já passa o veneno já. E tiver besoro (25)
passa o veneno, geralmente não é não é aquele (26)
veneno geralmente é veneno de loja mesmo né.(27)
aí com com trinta dias você já (30)
dá uma capinadinha pa tirá o mato (29)
e encostá pro tronco pra fortaceler mais o tronco (30)
do feijão. Aí quando é com mais com sessenta (31)
dias ele já ta florando, aí você já dá uma (32)
olhada se tem abelha, se tão chupano bastante,(33)
já passa mais um veneno, já dá uma adubada (34)
se tive adubo né (35)

3) Qual é o adubo?

Geralmente a gente usa o npk, que é o (36)
deiz deiz. Aí você coloca o npk e tem o adubo (37)
de folhagem também que é o oro verde também (38)
que usa né. Aí com noventa dias ele já (39)
ta madureceno, antes dos noventa dia (40)
ele já ta madureceno, antes dos (41)
noventa dia ele já tá pronto (42)
pra ir comeno já um poco, vender na fera (43)
verde. Aí depois dele seco é colher, trazer pra (44)
casa, bate, coloca num saco, bate com um instrumento (45)
ele fica solto é só medi o feijão e vende.(46)
E se for plantá na área mecanizada usa também (47)
o a o na enxada, cava, passa o arado depois. (48)
Coloca um adubo nas covas, coloca treis semente (49)
também o então nele na no próprio (50)
tratô né, no próprio (51)

4) O senhor já sofreu algum acidente trabalhando na roça?

Uma vez eu tava cortano com o machado (52)
aí o machado escapuliu no meu pé e no caso (53)
ele entrou um pedaço do machado aqui, passei (54)
quase um meis sem poder andar. (55)
O resto é normal assim, cortá com o (56)

tessado eu tenho mais uns deiz corte, tipo (57)
pelo joelho assim de tessadadas que você (58)
ta cortano aqui acolá um pedaço (59)

5) O senhor nasceu onde?

Eu nasci na capital de Boa Vista. Eu morei (60)
um tempo em Boa Vista e morei eu fui (61)
criado no município de alto alegre. (62)

6) Vocês moravam na área rural?

Na área rural desde os seis meses que eu (63)
moro na área rural. Eu só nasci na capital (64)
e depois fui pro mato. (65)

7) O senhor tem quantos anos?

Hoje 39 (66)

8) O senhor estudou?

Estudei o terceiro grau (67)

9) O senhor sabe qual foi o motivo que fez os seus pais virem de lá?

É que o município de alto alegre é até que (68)
é um município tem até que algumas parte que as terra são boa né, (69)
é fértil, mais lá onde a gente morava era uma (70)
região muito era na vila são silvestre é (71)
uma região muito é num era produtiva.(72)
não dava praticamente nada né, lá é só (73)
uma região de banhos hoje né. Aí eu conheci (74)
o baliza achei bonito as terra pra (75)
cá e falei pro meus pais, aí vieram em (76)
vez de ir pro baliza vieram foi pra cá (77)
e gostaram, aí só negociaram foram lá pra (78)
vender e vieram embora. (79)

10) Vocês trabalham com criação de gado?

Tem. Tem umas cabeça de gado.(80)

11) E vocês trabalham só pra consumo próprio?

já trabalhei porque hoje é o o colono de (81)
hoje num num não pode desmatá porque (82)
você é multado né e num pode trabalhá (83)

mecanizado porque ninguém oferece, (84)
a prefeitura num oferece condições, não oferece (85)
trato, nem arado, num tem nada e o governo (86)
também não. E pra gente trabalhá pagano (87)
sai muito caro o trato pra quem num (88)
tem condições, mas eu já trabalhei com (89)
plantio de melancia, já tirei várias carrada (90)
de melancia, plantio de abóbora, de macaxera (91)
mas no momento agente tá trabalhano (92)
mais só pra temperá o feijão mesmo.(93)

INFORMANTE 07

1) Primeiro eu queria que o senhor falasse é um pouco como sabe como que é né a vida aqui né no lote.

Pois então o que eu acho da da da área (1)
rural né é porque a gente produz alimentação (2)
e num compra. A gente compra alguma coisa (3)
ai com a continuação do trabalho quando pensa (4)
que não, a gente ta comercializando, vendendo,(5)
a gente vende gado, vende frango, peixe, vende (6)
feijão, vende o milho e tudo isso agente num ta (7)
comprano. A gente já ta se alimentano dos que (8)
eu to falano entendeu? Daqui a treis ou quatro meis (9)
milho eu já tenho, feijão eu já tenho, tem peixe (10)
tenho frango, tenho ovo. E aí pra gente viver (11)
na cidade tem que ter uma cultura assim (12)
de mexe com comércio, o inton (13)
se formado pa gerá um imprego (14)
pa poder se mante, e agente num é formado (15)
sobre isso. (16)

2) verdade!

A gente é formado na agricultura assim, formado (17)
no machado sabe cuma que é? Sem estudo. (18)
tudo isso a gente cria a atividade né, agente (19)

tem aquela expectativa e aquela cultura na (20)
mente da gente agente vai fazeno e vai. (21)

3) humrum!

Aquilo que a gente num sabe agente vai (22)
num técnico da agricultura e pega uma (23)
informação e ele abre mais um pouco da mente (24)
a gente encaxa e funciona. (25)

4) E como o senhor sabe plantar feijão? eu queria que o senhor falasse pra quem não sabe como que é todo esse processo?

Do feijão né? o feijão ele é plantado (28)
a faixa de perai cinquenta a a o produtor (29)
é o seguinte, ele ele um diz que prantá um (30)
metro é produz bem, mais eu num pranto (31)
metro porque é é fica muito longe e aí quando (32)
você pranta uma hectare um metro aí você prantano 33
mei metro aí quando você for prantá uma hectare 34
aí quer dize que claro que produz mais. 35

5) E em que época que o senhor planta?

nois tamo ni junho né? Eu pranto em (36)
setembro eu pranto no meis de eu to (37)
terminano de culher um. (38)

6) humrum!

Ele é é setenta dia setenta dia que ele já ta produzino. (39)
então eu planto ele no mais de março,(40)
eu prantei no final de marco (41)

7) Certo!

Ai que dize que ele produziu bem, aí quando (42)
o inverno arrocho bastante água, aí ele num (43)
já produz mais bem aí já vai. (44)

8) o senhor usa o que pra planta?

Aquela maquininha, uns chama perna (45)
de grilo né otros chama maquininha né.(46)
Porque aqui a produção ela é poca, agente (47)
num tem como comprá ainda máquina pra produzi muito né 48

9) Certo!

Que tem aquela maquina né que eles arada (49)

aí pranta, colhe né la po sul né aqui num (51)

tem ainda isso tem? (52)

10) E o senhor coloca algum tipo de adudo ou algum tipo de inseticida?

Eu faço só borrifar. (54)

11) Eu sei.

Tem aquelas bomba de vinte lito, eu coloco o (53)

pessoal coloca aquele fulidol né mas eu (54)

num coloco é muito forte, eu coloco num tem (55)

aquele veneno de matá mosca em gado?(56)

12) Eu sei.

Eu coloco aquele que é bem fraquin pa matar (57)

aquela inseto que vai contaminá a flor, e tem (58)

que jogá antes da flor porque se jogá na (59)

ele já tano florano assim os sábio fala né,(60)

os formado né diz que o veneno entranha na (61)

flor e ai quando tiver produzino ai quando (62)

pensa que não ta matano ser humano. Aí (63)

então eu coloco antes da flor que é pra num. (64)

13) E o senhor faz algum processo de limpeza?

Não. Eu num faço porque é jogo (65)

Rápido. O que que eu faço eu (66)

faço é só prantá, quando ele tive cum trinta (67)

dia de prantado aí eu meto esse capim quicuia (68)

ou então aquele capim brizantão que é pra num (69)

juquirá mais (70)

INFORMANTE 8

1) Eu queria que o senhor começasse falando né um pouco sobre como que é a vida aqui no lote.

Oia a vida aqui no lote é dum lado é bom (1)

Assussegado. Assim já foi mais assussegado né,(2)

agora não, agora já ta mei. Vagabundo vem da rua,(3)

onte mesmo entraram aqui arreventaram, entraram,(4)
Bagunçaram aqui. Mas é assussegado bom de o (5)
Clima é bom, aqui você não precisa ventilador (6)
nada, não tem mosquito. E agora sobre negócio (7)
da do trabalho aqui, colono aqui ta muito (8)
desassistido, num tem incentivo de ninguém, o (9)
Poder público por exemplo né num tem incentivo.(10)
Aqui num entra, oia aqui aqui num entra uma pessoa (11)
assim que dize do governo do Incra pa falá (12)
uma coisa, dize oh rapaiz vai (13)
acontecer assim assado vai (14)
acontecer o não, não. Num tem no dia que (15)
A gente vê um carro da chapa branca aí,(16)
que diz né do governo, já sabe ele vai prejudicá (17)
algum, mas atoa ele num vem. Ele vem pá (18)
tem alguma coisa uma uma denúncia, aí ele vem justamente (19)
pa apertar, aperriar um aí, é assim (20)
Aqui é assim. (21)

2) Eu queria saber se o senhor sabe plantar feijão?

Sei.

3) Sabe?

Feijão, fava, arroz, macaxera, mandioca, milho (22)
eu sô nasci eu to com sessenta e sete ano vô fazer (23)
agora im agosto. To com sessenta e seis mas (24)
cê acredita toda vida no lote trabaiano de (25)
de roça, sei prantá, sei culher, sei (26)
sabe cuma é que é? (27)

4) E eu queria que o senhor falasse como que é feito o plantio de feijão?

Cuma que é feito? (28)

5) É?

Olha em cada região já morei em muitos estado (29)
eu sô cearense e vim pó Pará, do Pará vim (30)
pó Amazonas, já fui pa Rondônia. Cada região (31)
tem um sistema diferente diferenciado um poco né (32)

6) e aqui como que é?

Aqui é o seguinte, que aqui a pranta de de feijão (33)
é ate fraco que é poco é poca é aqui agente (34)
usa prantá ele agora em diante quando as água (35)
ta cumeça enxugar. Agente planta no (36)
inverno também mais é ruim porque (37)
ele vai madruca na chuva, aí você (38)
tem que ta todo dia catano aquela madura que (39)
não apudrece né. Agora no fim das agua agora (40)
a gente pranta uma quantidade boa, inclusive (41)
eu to ate roçano alí, aí ele amadroce no (42)
enxuto, seca aí você colhe todo duma vez, colhe (43)
bota pa secá mais no sol um poco aí bate ensaca (44)

7) Como que é plantado?

Usa aquela matraca que chama né no manual.(45)

8) O senhor coloca algum tipo de adubo?

Não. Não aqui a gente num usa adubo ainda (46)
assim im semente, até que num tem muita (47)
praga assim pa cume o que cê pranta.(48)
Num passarinho, formiga é dificilmente aparecer (49)
formiga, mais a gente num ta usano (50)
ainda adubo. Poca gente umas (51)
pessoa usa, eu mermo nunca usei adubo assim (52)
pa botá na semente pa prantá não. (53)

9) Ah ta e o feijão assim ele é plantado na mata ou na capoeira?

Na capoeira, na juquirá que a gente chama. (54)
aí você roça ele agora, sapeca, queima né (55)
aí pranta aí ele sai bem.(56)

10) Ele é melhor nessa?

É nessa na área da juquirá da capoera. (57)

11) Tem alguma limpeza depois que planta?

Tem. Geralmente nasce mato aí cê tem que (58)
limpá né. (59)

12) A que tamanho assim mais ou menos?

Quando ele ta dependeno do mato tem local (60)
que as vezes o mato dá poco né, aí cê dexa (61)
ele crescer. Mais aí mas tem lugar (62)
que o mato nasce mais aí ce tem que (63)
limpá logo ele enquanto ele ta baxo, que quando (64)
ele cresce fica ruim de cê limpá que vai machucar (65)
ele, ele ta grandin. É baxo mermo, pequeno um (66)
meis e poco de medida, um meis e mei dois meis. 67)
Um meis e mei mais ou menos cê já vai limpá.(68)

13) E como que é a limpeza?

Oia a limpeza o é na enxada o é nesse cotelo (69)
Aqui, essa aqui chama cotelo isso aqui a gente (70)
compra ele na loja ele num ele é linherin, (71)
ajeitadin essa aqui, é a gente que faz aqui,(72)
esquenta ele e dobra pa facilitar pa a mao (73)
num arrastá no chão né aí cê passa ele (74)
aqui aí a mão.(75)

14) Ta certo.

Feito com isso aqui né, aí você ele ta andadin (76)
aí você vais tirano o feijão pra cá e fazeno.(77)

15) E quanto tempo que ele leva pra colher?

Tem uns mais ligero e otos mais vagaroso né, (78)
é dois treis mês e mei três meis no Maximo treis (79)
meis aí ele ta seco. Agora tem uns feijão ligero (80)
que no maximo quarenta dia já tem feijão (81)
e a gente chama até feijão ligero, mais a medida (82)
mesmo é de sessenta a noventa dia. É eu pelo meno (83)
pranto um aí setenta dia o noventa noventa ele (84)
ta todo seco, colhe tudo duma veiz. (85)

16) E a colheita como que é?

A culheita a gente faiz um uns chama cofo é (86)
que chama panero, tira colo de oi de paiera, (87)
aí marra na cintura aí sai (88)

17) O senhor mesmo que faz?

Eu mermo que faço, marro na cintura e sai, quando (89)
ta chei cê vai lá numa lona ou num cofo (90)
maior e vai jogano, entende como é que é? (91)

INFORMANTE 09

1) Mas como é o dia a dia aqui como é que vocês trabalham?

A gente trabalha bota numa terra pranta feijão,(1)
pranta abobra aí vai sobreviveno, cria umas galinha (2)
mas é bom aqui no lote.(3)

2) Como que é o plantio de feijão?

É quando agente queima a roça agente escolhe (4)
um pedacin é que num seja muito brejado (5)
agente planta dá bastante né dá um poco é num é (6)
tão bastante assim que a gente planta poco né,(7)
agora quando termina agora em agosto aí (8)
agente vai limpá um pedaço pra torná plantá (9)
de novo que aí ele dá bem. (10)

3) Como que é plantado?

Na enxada, sempre a gente pranta (11)
na enxada que na maquina sempre (12)
fica muito caroço fora aí num nasce, aí no xaxim (13)
a gente vai prantano e ele já sai com treis dia (14)
quatro ele já ta começano olhar. (15)

4) E a época melhor pra plantar?

A época né?

5) Hamram!

É agora de setembro em diante o agosto pa (16)
setembro que é o tempo que o inverno baxa mais, (17)
que o feijão já sabe se chover muti ele cai a (18)
folha né, aí num dá nada aí agora quando (19)
o verão ta um poco fastado que agente planta (20)
aí ele fornece bem (21)

6) E vocês colocam algum tipo de adubo?

Não. hum hum não coloca não que (22)

não precisa mesmo, tem gente que (23)
coloca né arada a terra mas essa terra num é aradada (24)
que a gente não tem condição de arada.(25)
Quando a terra é aradada sim ele dá bom (26)
e dá pra comer verde (27)

7) E tem alguma limpeza?

Tem porque vai a gente planta ele né e espera (28)
pra ele crescer um poquin, quando ele ta começano acopar (29)
agente passa um rastelo pra ele num num ter (30)
tanto mato né, que cria muito mato né pra (31)
gente panhar ele no limpo (32)

8) Que tamanho assim mais ou menos?

Media assim de uns dá assim (33)
de uns trinta e quarenta dia né quando (34)
ele ta começano acopar né. O feijão (35)
pa gente limpá ele tem que ser (36)
quando ele tá acopano num é? Que ele ta fazeno (37)
aquela copazinha pa sair aquele botãozinho, (38)
antes daquele botaozinho nascer pa num cair aquela flor né!(39)

9) Humrum, e quanto tempo leva ele ser colhido?

Assim uns dois a treis meis assim uns sessenta (40)
dia mais ou menos sessenta dia (41)

10) E a colheita como que é feita?

Panhano bajinha por bajinha (42)

11) É?

Bajinha por bajinha no manual. é poco agente (43)
planta poco agente só samo duas pessoa (44)
a gente num planta pra vender agente só (45)
planta mesmo pra cumer. (46)
A gente já samo mei idoso né (47)
já samo todos dois aposentado aí (48)
tamo mesmo só mesmo curtino a vida (49)

1) Eu queria que o senhor falasse um pouco sobre sobre o cotidiano sobre a vida no lote.

A vida no lote eu acho boa porque aqui o camarada (1)
ta prantano de tudo, tem tudo de ce (2)
precisa prantá, e a outra é um lazer pra pra mim (3)
que gosto daqui né é pra mim é um lazer. Uma (4)
distância dessa pertin da cidade ta de cabeça fria,(5)
tranquilo. Aqui pranta uma batata, pranta (6)
uma macaxera, pranta um jerimum, tudo enquanto (7)
cói tudo fresquin alí uma beleza. (8)

2) Humrum!

Eu acho bom isso aqui.(9)

3) E o senhor sabe plantar feijão?

rapaiz sempre a gente pranta, justamente (10)
hoje eu tava falano a lua amanhã é (11)
nova, a data de prantá feijão (12)
essa data de lua nova. (13)

4) E como que é feito?

O camarado tem que rocá o mato, passar (14)
um foguim que nem alí que nós tamo sapecano (15)
pra pranta mandioca, ai depois do fogo passado (16)
o camarada ta com a terra preparada aí (17)
pode prantá essa data.(18)

5) É a melhor época pra fazer isso?

É dagora pa frente num levanta nem um (19)
tempo aqui pra Roraima. Quando é no inverno (20)
dá uma praga que as veiz tem que ser no (21)
veneno, e agora no levantamento do tempo é (22)
verão num dá muito mosquito. Um tempo desse (23)
o menino pranto bem alí que eu cheguei ele (24)
tinha prantado aí eu fui cuidei (25)
desse feijão num deu um farelo de (26)
praga de espécie nenhuma, agora no inverno tem (27)
que ter um veneno.(28)

6) E vocês usam o que pra plantar o feijão?

Rapaiz tem gente que usa maquina, eu gosto (29)
sempre de prantá mesmo no canto da enxada (30)
que agente vai botano os poquin na medida (31)
certa, treis quatro caroço. (32)

7) É?

mas tem gente que usa maquina pra ser esse mais rápido (33)

8) O senhor coloca algum tipo de adubo?

Não. agora eu num tem costume não de (34)
botar adubo não, agora eles eu so recém (35)
chegado aqui agora, eu era acostumado (36)
nas terra do maranhão aqui agora tem adubo. (37)
Agora mesmo eu prantei uma melancia ali for preciso colocar (38)
um adubozin pá dá alguma melancia (39)

9) Hum!

Mas aqui o sistema é esse, agente vai seguir também.(40)
Mais no feijão que nos prantamo aí no (41)
começo do inverno num foi preciso não.(42)

10) Tem alguma limpeza?

Tem capinação pra poder ele crescer no limpo.(43)

11) A mais ou menos que tamanho?

Quando ele ta encopano assim, o camarada (44)
tem que dá uma aí quando ele começar (45)
enramar pode deixar que ele toma conta.(46)

12) E como que é a colheita?

A colheita é panhada mesmo no manual,(47)
cada qual com tiracolzin tirano e botano no saco.(48)

INFORMANTE 11

1) Como que planta feijão?

Só capiná, agente pranta se o mato tiver (1)
muito aí tem que ta limpano. (2)

2) Humrum e quanto tempo que leva pra colher?

Dois meis treis meios com sessenta dia que agente (3)

pranta já dá de cumecá catano, de sessenta(4)

dia pra frente que ele já ta começano.(5)

3) E como que é feito a colheita?

Quando ele ta seco vai panhando seco e (6)

vai deixano, o maduro vai madureceno e a gente (7)

vai panhano que é aquele feijao que o povo chama (8)

Feijão de corda né o feijão aquele carioquinha.(9)

Ele seca e tem que panhar tudo de uma (10)

vez né, mais ele não o que nois pranta (11)

é aquele feijão trepa pau que o (12)

povo chama.(13)

4) Hamram?

Aí a gente tem que panhano seco e esperano (14)

o outro secáe vai até fazer culheita. (15)

5) Vocês plantam alguma outra coisa aqui além do feijão?

Pranta. pranta mandioca, mii (16)

6) E como que é?

A gente pranta ele no começo é mermo processo (17)

assim do feijão aí no começo do inverno agente (18)

pranta, aí o mii é facio é só prantô e limpô,(19)

se quiser coloca o adubo coloca se num quiser (20)

ele dá do mermo jeito.(21)

7) O do feijão tem alguma distancia pra plantar ele?

Feijao não tem não, mei metro (22)

mei metro numa cova pra outra,(23)

Quanto mais ele espaçoso ele dá mais, ele enrrama (24)

mais né que se prantá junto ele embalcera fica difiço até pa culher.(25)

8) E a mandioca como que é plantada?

A mandioca também é no começo do inverno.(26)

9) Humrum!

Terra queimada.

10) Planta ele na mata ou juquirá?

Juquirá. É na juquirá que nos tamo prantano,(27)

que a gente num pode mais derrubar mata,(28)

Aí tem só na capoeirinha mesmo, porque a terra (29)
Fica mais mole, na mata na mata ela tem muita raiz (30)
Fica ruim até pa rancar a raiz que separa (31)
a terra. Aí tudo que agente derruba a mata (32)
ela vai pubano né pa mandioca (33)
fica bem mais mió (34)

11) O que a senhora achou de mais diferente do estado da senhora pra cá?

Eu achei muito difiço, achei difiço difiço,(35)
que eu num voltei porque eu num tinha o (36)
dinheiro de voltá, mais aí já me adaptei aqui, que (37)
eu voltei lá onde eu morava digo deus me livre(38)
num quero nem saber. Aqui a gente tem (39)
mais espaço pra viver, lá ta apertado pra (40)
gente viver, ta difiço a pessoa que num tem (41)
assim uma terra pá mora, ta difiço, aí (42)
nois num tinha e aqui nois tem é muita gente (43)
nossos fii chega tem espaço pra viver.(44)
Aqui é bem depende da gente acostumar,(45)
tem umas malara mas já acostumei (46)
agora acho bom.(47)

INFORMANTE 12

1) Como que é a vida no lote?

É a vida no lote é uma vida assim mea (1)
currida, você tem que tá todo dia levantá (2)
cedo e pa pa caçá o mei de fazê suas obrigações (3)
né, no trabalho na roça, colheita. Se você (4)
mexe com madera cerrano você tem que ajeitá (5)
sua tralha e descer pra batalha né.(6)

2) Tu sabe fazer plantação de feijão não sabe? Eu queria que tu falasse pra quem não sabe como é o processo?

Assim quem trabalha da roça na roça mermo (7)
sem ser área de terra aradada essas (8)
coisa num tem, porque quem trabalha na roça (9)

num mexe com coisa adubada plantação (10)
adubada, geralmente só planta naquela (11)
época certa que é de plantar (12)
e a colheita. E a terra aradada não,(13)
já você tem que processar toda a terra (14)
né, adubá calcário. quem mexe com (15)
terra aradada tem que ter esse processo né.(16)

3) Como que é plantado?

Olha são duas data que é plantado, no começo (17)
do inverno que é pra aproveitar o período que (18)
tá chovendo bastante né e antes da chuva chegá.(19)
No período mais chuvoso que é por exemplo (20)
o mês de junho julho antes desse mês num tem.(21)
aí a outra etapa é fazer roço no mês de (22)
agosto, finalzinho de julho pra agosto, faz roço (23)
pá poder plantar no mês de agosto que (24)
geralmente é colhido já pelo mês de (25)
novembro, dezembro tanto a melancia (26)
quanto o feijão.(27)

4) E é plantado como?

Com máquina.(28)

5) Coloca algum tipo de adubo?

Geralmente não, mas tem ente que as vezes coloca (29)
né ,mas a maior parte num coloca. (30)

6) E depois que planta ele tem alguma limpeza?

Não depois que planta ele aí vem é o veneno pra (31)
não dá praga né, pra num tá furano o (32)
feijão, pra num tá sugano o feijão. Se tivé com (33)
baga né e tivé muito mosquito o feijão num (34)
presta (35)

7) E o veneno que coloca tu sabe o nome?

Antes a gente colocava o fulidol (36)
agora tem tanto tipo de veneno (37)
que tá tendo agora no mercado, só que eu não (38)

sei te dizer (39)

8) Tu sabe a dosagem?

Que geralmente eles bota a especificação no no rótulo (40)

do vidro ne, aí a gente num tem já tira (41)

ota medida, ota base mas que seja aquele (42)

mesmo quantia que tá especificano no vasilhame.(43)

9) Quanto tempo leva pra colher?

Acho que uns treis meses mais ou menos, num (44)

leva nem isso tudo não (45)

10) E a colheita como é?

Geralmente é tem gente que já quer pegar a (46)

colheita já deixano secá uma boa parte né (47)

pra aproveitar daquele feijão, pa quando (48)

for noutra plantação já tá no (49)

jeito entendeu? (50)

Mas já tem outras pessoas não que planta já (51)

pá tá pegano aquele feijão pa vender, pra (52)

tirar sua renda ele colhe ele um poco mais (53)

verde pra vender ele verde.(54)

INFORMANTE 13

1) O senhor sabe plantar feijão?

É, prantá eu sei com certeza (1)

2) Eu queria que o senhor falasse um pouco como é a vida aqui no lote.

Bom pá fala a verdade é é eu acho bom aqui,(2)

A gente tá perto da cidade é o clima é diferente.(3)

Os insetos são reduzido pra melhor, então. Mas no (4)

lado de uma renda eu pelo meno pelo meno (5)

eu eu não vou mentir eu ainda não consegui (6)

decifrar ou melhor acertá num produto que me (7)

dá um conforto melhor. Oia agora mermo como eu (8)

estive falano pra você eu tive um prejuízo (9)

na melancia, mexi com milho o milho também (10)

num deu as características que a gente pensava (11)
porque porque num desenvolveu a (12)
as espigas, então ele ficou ruim (13)
de vender no mercado. E aí pa falar a verdade (14)
pra você eu to enalhado, eu num sei nem o que (15)
fazer. Pra num, num tem técnico, teve um menino (16)
aí que vei me dá uma técnica aí, mas aí (17)
quando eu pedí informação ele ia procurar dos (18)
outros então ele num era um cara totalmente cem por cento (19)
no conhecimento e essa é uma das dificuldade (20)
da gente aqui no sítio. Inclusive eu tive até uma (21)
proposta de cento e cinquenta mil aqui nessa área minha eu (22)
fico pensano porque porque num tenho como (23)
tamo viveno aqui na marra. Aqui pra negócio se (24)
nós num tiver produto pra vender não tem (25)
como a gente trazer a alimentação pra cá, porque (26)
eu nem tem emprego a mulher num tem emprego (27)
num tem nada e aí fica difícil.(28)
As vezes eu fico ontem mesmo eu tava (29)
falano eu num sei nem o que fazer porque eu (30)
acho que escolhi a profissão errada, porque num (31)
tamo tenho renda de nada, se tem alguma coisa (32)
pa vender tem dinheiro se num tem ninguém tem (33)
uma reserva, num dá pá fazer nada disso, então tá (34)
bem complicado.(35)

3) Sobre a plantação de feijão como que é feito?

A gente pranta da máquina, a faixa de mei metro (36)
de uma cova pra outra.(37)
Quando ele tá nascidin aí agente vai e põe adubin (38)
no pezin dele alí, de uma distancia que num dá (39)
pá matar e assim é o sistema que agente usa.(40)

4) Qual a época que é melhor pra fazer isso?

Aqui pá falá a verdade pra você (41)
eu gosto de prantá mais só (42)

no enxugar das água, por causa que no inverno.(43)

Aqui ele dá um mela e amarela, então eu num (44)

tem tanta prática pra plantá ele no inverno não.(45)

5) Esse adubo serve pra que?

O npk, isso aí é que tá a a questao eu não (46)

vou mentir, eu num tem muito conhecimento. O npk (47)

eu uso ele aqui no sistema de vários tipo de pranta (48)

né, no caso pra melancia pra fundação da cova (49)

é pra maxixe, quiabo entendeu? Esses tipo de produto (50)

assim mas já vem uns outros tipo de produto(51)

que já já é oto tipo de adubo, por exemplo: é o (52)

vinte zero vinte, tem o fte também que é um (53)

nutriente indispensável aqui nessa (54)

região é o ureia também que (55)

é oto produto que esse num pode faltar e principalmente (56)

o calcário que esse é o primero que tem (57)

que por na terra antes de por qualquer tipo de produto.(58)

6) Qual é a quantidade que se usa do npk?

Oia dependeno de de como é o análise vai pedir (59)

que muitas vezes aqui agente manda fazer (60)

o análise, vamos supor no caso pra melancia, digamos (61)

que eu quero pra melancia, ai eu vô e pego a (62)

terra mando po laboratório eles vão checar e ver (63)

qual é o ph dessa terra e vão mandar (64)

resposta, então no caso por cova ou por metro (65)

no caso de canteiro pra hortaliça então eles (66)

vão decifrar cada quantidade (67)

que eu vou botar. Digamos que (68)

seja quinhentas gramas de calcário por cova né que é (69)

mei quilo então digamos que seja trezentos e cinquenta grama (70)

de ureia, cinquenta grama de fte e assim sucessivamente,(71)

e vamos supor é dez litro de esterco de gado (72)

curtido. É uma exigência que eles cobra muito (73)

aqui por causa que a terra é fraca.(74)